A COLOMBIADA

OU

A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO

EPOPÊA DE M.ME DU BOCAGE

VERTIDA EM LINGUAGEM VERNACULA

E

OFFERECIDA A SUA MAJESTADE A RAINHA

DONA AMELIA DE ORLÉANS E BRAGANÇA

PELO

SOCIO EMERITO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

VISCONDE DE SEABRA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1893

A COLOMBIADA

OU

A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO

A COLOMBIADA

OU

A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO

EPOPÈA DE M.me DU BOCAGE

VERTIDA EM LINGUAGEM VERNACULA

E

OFFERECIDA A SUA MAJESTADE A RAINHA

DONA AMELIA DE ORLÉANS E BRAGANÇA

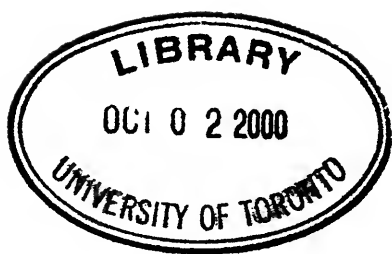
PELO

SOCIO EMERITO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

VISCONDE DE SEABRA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1893

A SUA MAJESTADE A RAINHA

SENHORA

A ESPLENDIDA homenagem, que por occasião do centenario da descoberta do Novo Mundo acaba de prestar a Colombo a nação visinha, nossa co-irmã, reproduziu-se em toda a parte em que os milagres da Civilisação podiam ser comprehendidos.

A denominação de «Novo Mundo» que o consenso unanime tem attribuido á descoberta do hemispherio desconhecido, consigna o seu immenso alcance quasi equivalente a uma nova creação. Uma Rainha Isabel a Catholica, approvando a temeraria empresa do illustre navegante, com justa razão é participe da gloria de tão grande evento; outra Rainha inicia a sua festa, e Vossa Majestade não podia deixar de associar-se com a nação portugueza a uma

demonstração em que se achava empenhada a sorte do genero humano, a gloria do bello sexo e da verdadeira Realesa.

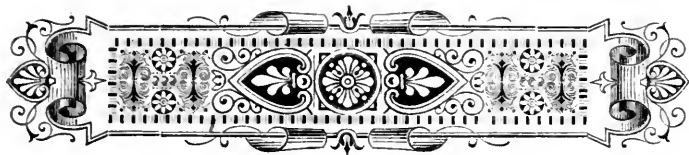
N'esta concorrencia Universal de preitos e homenagens não podia eu, bem que insignificante creatura, abster-me de sentir o anhelo de manifestar de algum modo, a commoção electrica que agitava todos os corações nobres e todos os espiritos. Mas nonagenario, e quasi privado da vista, que poderia eu fazer?!

Um feliz acaso me trouxe ás mãos *A Colombiada* de M.^me Du Bocage, cujos numerosos escriptos sem duvida são conhecidos de Vossa Majestade: o problema ficou resolvido, e em poucos dias o Poema foi posto em linguagem vernacula. Bem que o merecimento d'este trabalho pelas circumstancias e celeridade com que foi feito não pode deixar de ser somenos, é tal o merito do original, que, na minha opinião, deixará muito para cobrir e compensar as maculas da versão. Pareceu-me que seria agradavel a Vossa Majestade ler na sua lingua adoptiva esta obra de uma sua patricia, a quem os maiores genios e sabedores da França (especialmente Voltaire e Fontenelle) tributaram os maiores encomios, e teve a honra de receber o mais lisongeiro acolhimento de Benedicto XIV, uma das maiores illustrações do solio pontificio; e muito mais recordando que esta illustre senhora não nos é inteiramente extranha, como ascendente do immortal Bocage, o principe dos nossos ly-

ricos modernos, e cujo appellido é ainda hoje representado por distinctos talentos e illustres servidores do Estado.

Digne-se Vossa Majestade desculpar a minha ousadia, e aceitar benevolamente este humilde testemunho de admiração e respeito d'este seu fiel subdito.

Mogofores 1 de outubro de 1892.

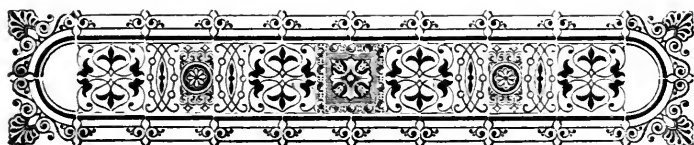
Visconde de Seabra.

AO LEITOR

Sua Majestade a Rainha dignou-se conceder-me, nos mais benevolos e lisongeiros termos, a graça que lhe pedi, de acceitar a minha dedica.

Por essa occasião expuz as circumstancias em que emprehendi e conclui a minha traducção; e sobre este ponto nenhum outro preliminar tenho a accrescentar.

Pelo que diz respeito ao trabalho original encontrará o leitor no prefacio da auctora e nas observações e notas que seguem o poema, todos os esclarecimentos que possa desejar.

Só me resta consignar aqui o testemunho da viva gratidão que devo ao meu talentoso, erudito e presadissimo amigo Visconde de Castilho pela cooperação que teve a bondade de prestar-me na impressão e revisão d'este poema.

O traductor.

PREFACIO DA AUCTORA

Um poema sobre a conquista do Novo Mundo, lembra á primeira vista que o seu Heroe será Cortez. O elevado conceito que Solis fórma do raro talento d'este general me tinha suggerido a mesma idéa; mas examinando a historia do Mexico pensei que o triumpho dos Hespanhoes, devido á fraqueza de Montezuma, seria pouco interessante e se tornaria necessario transformar o caracter d'este desgraçado Principe, abreviar os pormenores das batalhas, e ajuntar-lhe acontecimentos de outro genero que se prestassem a um unico objecto. A conquista do Perú exigiria que se lhe addicionassem os mesmos episodios; a crueldade de Pizarro o tornou odioso, e

as batalhas em que foram vencidos os Incas, não me apresentavam factos importantes que podesse aproveitar.

Vendo-me obrigada a inventar quasi todos os incidentes que deviam variar um grande assumpto preferi attribuil-os a Christovam Colombo, que foi o primeiro que, por seus conhecimentos astronomicos, concebeu a empresa de procurar no mar Atlantico o Continente de que os antigos falaram. Deu parte a muitos Principes da Europa das suas conjecturas; a corte de Madrid favoreceu o projecto. Elevado ao posto de Almirante por Isabel, Rainha de Castella, partiu em 1492; descobriu primeiro as Antilhas; submetteu aos Hespanhoes a vasta ilha de S. Domingos, e tocou a terra firme. Os obstaculos que este intrepido Genovez encontrou na sua derrota, e o assombro dos povos que venceu, pareceram-me coisas mais proprias para fixar a attenção, do que as aventuras d'aquelles que seguiram a rota que elle tinha traçado. Este novo Ulisses era digno por certo de Homero. Reconheço que a minha empresa é superior ás forças do meu sexo; e se o leitor me fôr favoravel eu terei esta fortuna como um milagre devido a um pontifice que d'elles escreveu tão pia como sabiamente, e me permittiu que lhe consagrasse esta obra.

Conformei-me com a historia quanto me foi possivel. Os Zémés, demonios que os indios adoravam, serviram-me para a fabula do poema. A nossa Religião proscreve as divindades pagãs. O espirito philosophico do nosso seculo pres-

ta-se com repugnancia aos prestigios da magia e ao poderio das fadas. A intervenção dos anjos e a perversidade dos espiritos das trevas consagrados pela Escriptura é o unico maravilhoso que pode combinar-se com as nossas idéas. Tentaria em vão justificar o emprego que d'elle tenho feito; compete ao publico avalial-o.

Oxalá que eu possa merecer os seus louvores.

CANTO I

ANTO o audaz Genovez, que contrastado,
Pelos genios do inferno e torpe inveja,
Mas inspirado pela douta Urania,
Do Tejo ameno abandonando as margens
A róta descobriu do solo Indiano;
Do occaso á aurora devassando as ondas,
Um novo mundo abriu á lei divina.
Ó mãe de Orpheu, que pela voz do filho
Encantaste no mar Jason, e Typhis,
Permitte-me que para mór empenho
Possa o canto imitar do eximio vate.
Se elle o inferno domou, Silvanos, Monstros,
Possa eu tocar os corações humanos!
Amplia ó musa do teu sexo o imperio.

Dá aos meus sons, da tua lyra o brilho;
Mostra assim que no Pindo, como em Paphos,
Nosso canto, ao céo grato, o heroe sublima.

Desde o solsticio da invernosa quadra,
O sol radiante apressurava a aurora,
Sulcava a frota Iberia os verdes mares
Affrontando perigos e tormentas;
Colombo só encontra estereis ilhas.
Uma emfim menos safara se ostenta,
E prestes a mudar parece a sorte.
Mas o heroe, que jámais o p'rigo assusta,
Não se descuida em prevenil-o a tempo.
Inimigos, escolhos cento assomam;
Reune os seus navios junto ao porto,
E despontando o dia, á sua gente
Dirige estas palavras:

«Companheiros,
Rivaes d'esses famosos vencedores
Do Bosphoro fremente, maior gloria
Vos está reservada; tantos males
Nos céos terão a justa recompensa.
Os que dormem á sombra do renome
De seus antepassados, no ocio perdem
Todo o esplendor do illustre nascimento.
Prosigamos na senda começada;
E n'essa ilha, que defronte vemos,
A bandeira do nosso Rei se arvóre.
Se formos de um feroz povo insultados,

Deus é por nós, e por que a Fé progrida
Sacrificio nenhum será sobejo.»

Disse, e d'est'arte lhe responde a turba:

«Intrepido Almirante, o inferno e os mares
Affrontar com denodo ao vosso lado
Nos vereis sempre até aos fins do mundo.
Passará nossa vida, mas a fama
Não tem que recear um triste olvido.»

Com tal discurso os nautas animados
Já senhores se crêem de um novo imperio,
E a esperança lhes ri de nova Colchos.

O nome dos antigos heroes gregos
Distinguia os navios; este de Argos
Toma nome; por mastro ergue um pinheiro
Que produziram hyperboreas terras.
O prudente Matheos, rival de Typhis,
Ás ordens do Almirante o Jason guia.
Este chefe, que tem sob os seus olhos
Os dois irmãos d'Helena, vê a miude
Dissensões rebentar nos seus navios.
Julio Borras conduz, Mendes, Alonço.
Regia Telamon o vil Ximenes,
Nos abysmos do mar perdeu-se o Alcides,
E Torres, seu piloto, em vão se busca.

Patria de meu heroe, Genova illustre,

Tu que foste tambem de Fiesque o berço,
Colligados os viste em seus trabalhos;
No Orpheu levou comsigo Alves e Boiles;
Jámais se viu que este varão sapiente
As estrellas ou o iman consultasse,
A variações innumeras sujeito;
Se para o Céo olhava, era sómente
Em oração devota, e suas preces
Sempre benignamente eram ouvidas.

Invencivel Cortez, audaz Pizarro,
Não posso deslembrar a vossa gloria,
Ganha contra Calais e contra Zéthes;
Dos alados heroes tomando o vôo,
Das Hespanhas e da Africa levastes
Os rapidos corseis. O bravo Mórgan
No Hilas leva os rabidos mollossos,
Que a feroz guerra exercitou na Escocia;
Estânhope, Murray, d'Arcy e Hastings
Anciosos de fama a Europa deixam.
O neustrio Marcossi, que ama Colombo,
No Theseu o acompanha e n'elle reina;
E sob o seu commando se distinguem
Boulainvilliers, Amboise, Aidie e Angenne;
Estes bravos, no Sena assignalados,
Novos ensejos buscam, e nos mares
Querem com seu valor pasmar o mundo.
O Ajax, e o Peleu da Andaluzia
Por chefes teem Garcia e Margarite.
Outros navios, cujo nome olvido,

E eram de menor lote, despregavam
Seus estandartes do Almirante em volta.
Dos chefes, que perdeu, sentindo falta,
Mas na restante força confiado,
Sem o menor receio o porto investe;
Subitamente ás vozes do Piloto
Ferram-se as velas e os navios param.

Em quanto enganadoras esperanças
Dos Castelhanos a alma inebriavam,
E Diana, espalhando incertos raios,
Nas ondas sua face reflectindo,
A saltar os golphinhos provocava,
Iam sulcando as naus o salso argento.
Mas os Demonios, que adoraram Gregos,
E incensavam com outro nome os Indios,
Oppoem-se aos Genovezes que os aterram.
Para pintar essas deidades falsas,
Bem pode conceder a musa minha
Cythéra a Venus e o Olympo a Juno.
Meus pinceis em Satan, Plutão retratam,
E os mortos passam do Cocyto as aguas.
Boia, Teulo, Zemés, Deuses do Averno
Que a Europa não conhece, aqui se adoram;
Reunem do seu rei os estandartes,
Ao som dos ferros, que o alarma entoam;
Os silvos das serpentes, que pululam
Nas ardentes cabeças, reproduzem
Os dolorosos ais da antiga Lemnos.
Teulo, que reina sob o lago Stygio,

Põe aos pés de Satan o odio que inspira;
Os olhos seus respiram fogo e sangue;
A seu lado o Terror e a Morte marcham,
E tem nas mãos a chave das tormentas.
Em nuvem sulfurosa, em que fluctuam
Cabeças mil, seu rosto se levanta
Magestoso e terrivel; se os infernos
Tumultuam, á sua voz se applacam,
Como as Letheias ondas se asserenam:
Mesmo no peito do perjuro ingrato,
E do traidor, cala o remorso ás vezes.

«Monarcha d'estas regiões sombrias,
(Assim dos ventos o demonio exclama),
Soffrerás que do Tejo os filhos venham
Reinar na India, que te incensa e adora?
A outra parte do globo tem seus Deuses;
Com dons a conquistou nosso inimigo.
Ah! se elle o abysmo abriu em que soffremos,
Guardemo-nos sequer de um novo insulto.
Do novo mundo o senhorio anhela,
Suas leis promulgar, firmàr seu culto.
Pois quê! veremos nós cair por terra
Os nossos templos, pelos seus vencidos,
Sem que tentemos defender ao menos
Nosso antigo direito e a gloria nossa?
Vê que um mortal, escarnecendo o inferno,
Tenta armar contra nós o mundo inteiro!
Este homem sabio, e na desgraça forte,
Conhece a fundo o mar, os astros mede,

Conquista os corações e almas convence.
Tão grande vencedor temer-se deve.
Louvar o inimigo é bem penoso,
Mas o orgulho assustado mal se encobre.
Se d'um lado o terror o azar lhe mostra,
Sómente o fixa o interesse e o risco.
A frota, que receio, ao porto arriba;
Nada mais resta que metel-a a pique.
Entrega aos ventos este povo ousado;
Caiam sobre elle os elementos todos;
No mundo espalha a raiva que te inflamma!»

A esta voz os mares estremecem,
E tudo freme no profundo abysmo;
Ao choque de mil mãos o ar scintilla,
Como fusila a rocha ao ferreo golpe,
Ou a electrico toque o corpo em brasa.
Nos infernos echoa o mago arruido,
Como trovão rolante o céo percorre.
Teulo com gigantesco passo avança
Para o antro da abobada espaçosa,
Em que bramam e gemem enclausuradas
As cohortes dos ventos procellosos.
Apenas toca o fecho a bronzea chave,
Rapida gira a porta sobre os gonzos,
E quasi que o Demonio a rastos leva.
Os tempestuosos, subterraneos ventos,
Por mil rupturas em tropel irrompem,
E até aos céos o mar agitam, erguem.
Quiz Deus que os seus heroes Satan tentasse:

Instantanea tormenta os céus assombra;
O terror torna o Alcyone plangente;
Os navios que aos céos a onda eleva
Parecem baquear do mar no fundo;
As torrentes de chuvas incessantes
Os braços gelam ás enxarcias presos;
Tudo é despedaçado; e a vela sôlta
Em vão do Castelhano as mãos reclama.
Tres vezes viu Mathéos passada a hora,
Em que a frota arribar pensava ao porto,
E se afastava á discreção dos ventos.
Em taes desastres a sciencia é nulla;
E as vozes que o piloto aos céos eleva
Da tempestade no fragor se perdem.
Colombo, cuja voz mal pode ouvir-se,
D'est'arte implora o Arbitro Supremo:

«Creador do Universo, e que presente
Estás em toda a parte e podes tudo,
Que equilibras os ares, terra e astros,
Tu que para tornar um povo livre,
Por entre as ondas lhe franqueaste o passo,
Com um simples olhar applacar podes
Esta horrivel tormenta; acaso queres
Que aqui se perca toda a nossa frota!
Se a nossa tentativa se mallogra,
Jámais aqui será teu nome ouvido;
E é por ti sómente e ordem tua
Que tamanhos perigos affrontamos!
Pode a sorte mudar-se ao teu aceno;

E és tu só, Grande Deus, quem nos ampara;
Permitte-nos ao menos que toquemos
Esta longinqua promettida terra.»

Em seguida alto pranto eleva a turba;
Mas Deus piedoso aos seus fieis acode.
Subito as ondas sua face aplanam.
Encadeados por mãos de um anjo, os ventos
Entram bramindo em seus profundos antros.
Mal que ao Favonio o Aquilão permitte,
Que restitua a paz ao reino undoso,
O astro polar, do navegante guia,
Entre nuvens desponta e tudo anima,
Bem como o fresco orvalho ergue e restaura
A murcha planta, e o ressequido fructo.
Colombo, que ao terror jámais curvara,
Do Argos ao piloto o leme entrega;
Ordena que Calisto á dextra deixe,
Singre ao poente até que a aurora assome.
Emfim clareia o céo, e no seu carro
O sol que ia romper, rubesce os mares,
E lhes promette dia e luz serena.
Um grato aroma pelo ar se espalha,
Como d'Africa o solo e Arabia exhala;
E para completar dos nossos nautas
O doce enlevo, um outro lhe succede.

Extensa e larga costa se desprega,
Ante seus olhos, e tão varia e bella,
Que a todos regosija e maravilha.

De um lado as rochas sobre o mar suspensas,
Sem obra d'arte o seu trabalho imitam.
Já monstros, já gigantes figurando
Parecem murmurar estranhas vozes,
E que o povo da terra alli se ajunta;
É do fragor do mar, que as rochas cava,
Que esses extranhos sons ao longe echoam.
De outro lado um formoso e vasto porto
Se abre em amphitheatro; flores, fructos
Cobrem as suas margens e ladeiras,
E areias d'ouro a base lhe circumdam,
E em suas puras crystallinas aguas,
Reluzem formosissimos conchilios;
Pescadores sem conto não carecem,
Para encher as jangadas e canoas,
De ir procurar no alto a pescaria;
Mas tal é o terror que as nossas velas
N'estes ditosos incolas infundem,
Que as redes carregadas abandonam.
Em vão para ganhar-lhe a confiança
Variados presentes lhes offertam
Por ordem do Almirante. Para o porto
Tendem as prôas, e sondado o fundo
Ancoradouro commodo assegura.
Um florído arvoredo o solo assombra;
Arroyos mil cahindo em espadanas
De cascata em cascata, rocha e rocha,
O ar refrescam e a verdura expandem;
As aguas, que em torrente vallas cavam,
Fertilisam o campo e as messes nutrem;

E, posto que no mesmo grau da Iberia,
No estio jámais se torna esteril,
E aqui se viu emfim realisado
Das famosas Hespérides o sonho.
O outomno que mil vezes se annuvia,
Jámais as vê de chuvas inundadas;
E sem que o seu esplendor o dia perca,
Este benigno véo abranda a calma.
No calor mais intenso doce brisa
Na faina refrescar veiu os Iberios;
Chegando ao porto, de repouso anciosos
Sem mais detença a frota abandonaram.
De indigenas um bando que apparece
No cimo da montanha, treme e pára.
Mas o chefe apartando-se de prompto
Por uma senda occulta vem descendo.
As rugas de seu rosto, a esparsa coma,
Tão alva como a neve, sôlta ao vento,
Seu corpo agigantado e sem ornatos,
Annunciam melhor seu alto cargo,
Que outro qualquer esplendido cortejo.
Mais que o oiro dos persicos ornatos
Brilha a sua candura pura e simples.
O vestuario, as feições dos Castelhanos,
Suas embarcações, tudo os surprehende,
Como dos Indios o idioma, os gestos,
Servem de espanto aos mesmos Castelhanos.
Com a sua franqueza ingenua, os Indios
Com suas mãos o céo indigitando,
Declaram a Colombo que o reputam

Filho dos céos e que d'alli viera.
Para o chefe dirige-se o Almirante
Inclinando-se um pouco, e para Lingua
Emprega um Europeu que achado havia
N'uma ilha deserta naufragado
(Sem duvida o quiz Deus). O Lingua fala,
E sendo pelo chefe percebido,
Assim do Almirante expende os votos;

«Vós que d'esta região afortunada
Rei pareceis, se aqui se não ignoram
Os respeitos que aos hospedes se devem,
No vosso affavel gesto confiado,
Esperançoso vejo a vossa terra.
Não ha no peito meu, como nas ondas
E nos astros que aqui nos conduziram,
Tenções damnadas, perfidos projectos;
Lançou-me aqui a minha desventura;
Dignae-vos soccorrer-me, e em breve ao mundo
Irei narrar os vossos beneficios.»

Olhos fitos no chefe os Castelhanos
Prestam-lhe o mais completo assentimento.
O Indio sem receios, sem malicia,
Acredita as palavras que escutara;
E diz aos seus:

«Desejo que o estrangeiro
Jante comnosco, e que os licores nossos
O deleitem com o seu precioso aroma.»

N'isto para o Almirante se encaminha,
Curva o joelho e diz:

«Ente divino
Que os moradores d'estas costas viram
Sulcar os mares sobre alados monstros,
Aqui terás benigno acolhimento,
E quantos bens produz a natureza.
Eu reino aqui e attenderei teus votos.
Para as nossas campinas vem commigo,
Verás nossas mansões, e os teus consocios
N'ellas encontrarão seguro albergue.»

A passo o Almirante o Indio segue,
Apoz o Lingua marcha, e depois d'elle
Caminham da hespanhola frota os chefes.
A seus olhos aqui é tudo extranho:
Animaes, fructos, arvores de incenso,
Com os nossos em nada se parecem;
Aqui a luz do sol é mais intensa.
Se o fugaz bando dos aereos plainos
Do ambar e rubi a côr imitam,
Da toutinegra e rouxinol o canto
É muito mais melodioso e grato.
Habita n'estas praias a ave mosca;
Transportadas á Europa suas plumas
Pela arte de Réaumur seu brilho guardam.
Ha tambem animaes por estes bosques,
Que teem nossas feições, valor, dextreza.
Alli em cada seculo floresce

Com grande ruido o aloes machaoneo,
Do coco o leite o indigena alimenta,
E de uma folha o fumo o embriaga;
O fructo do algodão serve á preguiça;
Dá-lhe o cacau dos deuses a ambrosia;
A cidra, o ananaz, cajú, a manga,
Embalsamam o ar que alli se aspira;
E com mil outros appellidos, Flora
A frescura dos Zephiros perfuma.
De tantas maravilhas encantados,
Á medida que no paiz se internam,
Vão sempre o velho chefe interrogando.

No meio d'esta immensa variedade
De fructos, de animaes, e de arvoredos,
De tudo nos explica nomes e uso.
Attentamente o ouvem, e mais curto
Lhes parece o caminho assim falando.
Emfim no meio de pinhal cerrado
Do antro do Nestor a porta se abre.
Este antro, em que os insectos não penetram,
Permitte aos olhos socegado somno.
Pelas frestas do tecto o sol entrando
Nos muros d'alabastro a luz reflecte.
Rompera esta pedreira a mão do tempo,
E não tem mais defeza que a Candura,
A Paz inalteravel, e a Equidade.
Nenhum outro ornamento alli se encontra
Mais do que a filha do bondoso chefe.

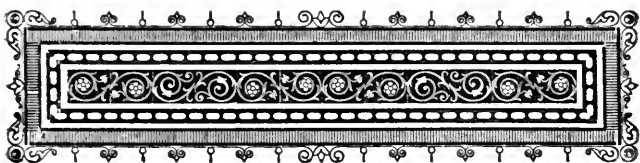
Qual Eva nossa mãe, na prisca edade,
Nua tranquillamente se apresenta;
Do mal ignara não conhece o pejo,
Nem das graças que a adornam se enfatúa.
Uma tanga de plumas azuladas
É seu unico enfeite, e a cinta encobre,
De Venus semelhando a alva petrina.
Sobre os seus peitos, que a brotar começam,
Fluctua-lhe o cabello assetinado.
Ao aspecto de tantos estrangeiros
Terror e espanto os olhos seus revelam;
As suas mãos, que fructas apalpavam,
Um momento paradas se conservam.

«Não tremas, Zama (o velho assim lhe fala),
Esta gente, que vês, dos Céos descende,
Dos Mares, ou do Acaso, não perturba
A nossa paz, e gosará comnosco
Da refeição, que já nos preparaste.»

Em breve sobre toalhas de palmeira
Peixes seccos se põem, micos, torcazes,
E, em vez de pão, bananas abundantes.
O velho, a filha, os indianos moços,
Co'os Iberios partilham seu repasto;
Que a provisão, bem que frugal, avulta.
No convivio a confiança presto nasce,
E o habito mais grata a faz ainda.
O primeiro appetite satisfeito,
O pae de Zama, preoccupado sempre

C'o seu hospede, e a si proprio esquecendo,
Olha para Colombo e assim lhe fala
(Tudo que o velho diz, repete o Lingua):

« Estrangeiro, que com tua eloquencia,
E com tuas maneiras claro mostras
Que dos Deuses procede a tua estirpe,
Vendo-te pela sorte submettido
Ás mesmas precisões que nós sentimos,
Ousaria contar-te entre os humanos,
Se nossos paes por tradição remota
Não nos houvessem já certificado
Que outros senhores não conhece o mundo;
No terreo seio, pelo sol creados,
Co'as nossas orações todos os dias
Apressamos o seu renascimento;
Vemos que á sua luz tudo se anima.
Da noite os astros seu reinado acatam,
E nos raios do sol seu brilho perdem.
Os lumes que do ar cahem correndo,
Te dariam acaso o nascimento?
Ou virás, por ventura, d'esse mundo
Aonde por incognitos caminhos
Nos arremessa a morte, e onde mulheres
Innumeraveis ao prazer convidam?
D'este clima as bebidas, os seus fructos,
As diversas essencias transformando,
Bem podem dar-nos differente aspecto.
Dize-nos tua vida, e por que encanto,
Atravessando os ares, arribaste

A esta nossa afortunada terra.
Tua sabedoria, os teus trabalhos,
Me commovem, me atrahem, e dispertam
A mais sincera e viva sympathia.»

CANTO II

HONRADO ancião, o Genovez responde,
Vaes ouvir a verdade, de que és digno.
Ninguem viu que no céo nascido eu fosse,
Mas quanto existe, a Deus tudo é sujeito.
O astro do dia, e os fachos que de noite
Illuminam o céo, a terra, e os homens,
Obra são d'este Deus Omnipotente.
Sou vosso egual, nascido em outras praias.
Vós daes ao mundo um ambito acanhado.
Antes que a minha patria vos descreva,
Do mundo a dimensão devo dizer-vos.
Veloz como a aguia, que no ar se perde,
O dia antecipando o viajante
Vezes mil tornaria a ver o dia

Antes que á terra désse inteira volta;
No ar que a cerca, suspenso o nosso globo
No seu eixo incessante se revolve;
E ha seis mil annos que do sol o giro
Os annos marca, e na carreira obliqua
Em cinco varios climas discrimina
Os céos, a terra, e os profundos mares.
A plaga em que reinaes sob os seus raios
Dias de espaço egual d'elles recebe.
No anno vezes duas caminhando,
Para o lado do sul ou para o norte,
Toca o vosso zenith, e proseguindo,
Ora os dias prolonga ou abrevia.
Mas sua luz atravessando a custo
As condensadas nuvens, mal se avista
Nos dois polos do mundo; d'elles foge,
E duas estações lhes deixa apenas,
Um crepusculo escasso, imperceptivel.
Arida a terra a esperança illude;
E os rios que a frieza crystallisa
Conduzem sem vergar pesadas cargas;
Assim da morte o sopro o sangue gela,
E o seu sceptro de ferro aqui domina.
A fome vê mudar-se a messe em gelo,
O halito dos homens o ar congela;
E o fogo, que nos antros se alimenta,
Alli fórma sómente a primavera,
Que apoz de longo inverno, o sol renova.
Gosando aqui de um clima afortunado,
Estremeceis ouvindo o horror, que pinto,

E vejo que podeis difficilmente
Crêr que em taes regiões viver se possa.
Admirae do Altissimo os juizos!
De norte a sul, a terra povoando,
Em nossos corações imprime sempre
Pelo berço natal ardente affecto.
Desde que a aurora aqui vos apparece,
E para o Occidente o sol caminha,
E sob os raios, que dardeja a prumo,
Longe dos vossos mares se prolonga,
Um dos tres continentes d'este globo,
Africa se nomeia; e, bem que ardente,
Aos seus crestados incolas agrada.
No centro habita o leopardo, o tigre;
Os seus extremos são pouco habitados.
Extravagantes idolos sem conto
Os incensos recebem d'este povo
Selvagem, como a terra que o sustenta.
Asia, Africa estreito isthmo reune.
E quando aqui a aurora vos desponta,
Sobre as ondas do mar a luz se apaga.
A China pullular vê nos seus campos
Mais cidadãos que vossos prados flores.
Bem que deuses innumeros adorem,
Ensinado lhes foi por um grão sabio
Que uma transmigração continua, eterna,
É do Universo a unica potencia,
E que o virtuoso, na desgraça firme,
Em si mesmo a ventura e a paz encontra.
Seus visinhos, no luxo consumindo

Sua riqueza em vão achar pretendem
A ventura nos seus falsos prazeres.
Mesmo a appetencia no ocio desfallece;
Crendo, que a alma errante na materia,
Nos animaes, nos peixes e nos ares,
De novo reapparece, não se atrevem
A alimentar-se do seu sangue ou carne.

Obra dos tempos estes varios erros
Teem occupado espiritos sublimes;
E conhecer cada um tem presumido
A ordem natural, e a Summa Essencia;
Nos atomos, no fogo, ether e aguas,
Se tem querido achar do mundo a origem;
Conhecel-a só pode o Deus, que adoro.
Mas como as vagas que o rochedo investem,
E sem cessar, se batem, se destroem,
Assim esses systemas nascem, morrem.
Os magos, como vós, antigamente
Adoravam o sol. Mas hoje apenas
O verdadeiro Deus o templo occupa.
Seu culto é a seus habitos sujeito,
E obedece á paixão que o peito inflamma;
O nosso do Hymeneu formando os laços
A um só objecto o nosso amor limita.
Alli, falso propheta desafia
Aos prazeres do amor com mil mulheres,
Doutrina que houve de impostor famoso,
Conquistador, pontifice da Arabia;
Aos tartaros sujeitos, seus vassallos

Á sua barbaria se affizeram.
Este povo ambicioso o solo habita,
Em que grandes imperios floresceram:
O Egypto, inventor das bellas-artes,
A opulenta e voluptuosa Assyria,
A Phenicia que o mar sulcou primeiro,
E ainda outros estados poderosos,
Que nas sombras do tempo se perderam.
Não ha dos feitos seus memoria alguma;
Tudo perece emfim, tudo varia;
Das campinas o aspecto se transforma,
E seu profundo curso os rios mudam;
D'esses imperios, cuja gloria exaltam,
Completa confusão na historia reina.
Os preceitos e leis que receberam
Nas margens do Jordão nossos passados,
Unicamente são os immutaveis;
Não os quiz adoptar a Grecia, affeita
A contos fabulosos; procurando
No Egypto novos deuses—acha as artes;
Mas em breve aos seus mestres se avantaja.
O valor, o talento, elogiados
Pelo éstro poetico, e eloquencia,
Entre os deuses os seus heroes collocam;
Para os Gregos não tem a natureza
Objecto que não tenha os seus altares.
Entre os Gregos o rio é figurado
Por um velho, que da urna em que se encosta
Claras aguas despeja eternamente;
A primavera é linda creatura

Das flores e do Zephyro nascida;
São immortaes os ventos; e do nada
O deus do amor deu existencia ao mundo.
Quando da aurora as lagrimas derramam
A matinal frescura, e as aves ledas
No bosque umbroso os seus gorgeios soltam,
O echo, que se faz ouvir ao longe,
É de uma nympha o doloroso grito.
A terra é uma deusa, um deus o Oceano.
A Europa abandonou da Grecia os erros;
Mas suas artes prosperas florescem.
Foi sob um céo propicio, e temperado,
E n'essa altiva e bellicosa Europa,
Em que monarchas vinte ambicionam
O supremo dominio, foi na Italia,
Que vi a luz do dia, e alli me deram
O nome de Colombo. Tu, que tiras
Teu esplendor sómente da virtude,
A custo entenderás que o mero acaso
Possa formar illustres avoengas.
Mas a minh'alma se compraz, e ufana,
De te narrar os gloriosos feitos,
Que a patria minha sublimaram sempre.
No throno, em que reinara a idolatria,
Um Pontifice á nossa fé preside.
Onde o orgulho imperou, reina a humildade;
Onde os republicanos valorosos
O mundo a obedecer-lhes constrangeram,
Vencendo o Oriente, as artes lhe tomaram,
E com ellas entrou o luxo em Roma.

A ambição de reinar corôa o vicio,
E as honras só baixeza torpe alcança;
Perece a liberdade, e a Europa inteira
É submettida a mil conquistadores.
As cohortes, que o norte reunira,
Para tudo assolar, entre si partem
A terra conquistada. Abreviemos;
Desapraz-te, de certo, o que refiro.
Para entender que mal produz o orgulho,
Sabe que apenas foi creado o mundo,
O céo, para punir o ingrato humano,
Quiz que o mais forte désse as leis ao fraco.
Da partilha dos bens nasce a injustiça;
E o numero maior só no trabalho
Ás suas precisões remedio encontra.
Tyrannos, que os escravos enriquecem,
Seus haveres inuteis dissipando,
Rochas transportam e palacios erguem.
Em terreno extensissimo, cercado
De solidas muralhas, sem repouso
Operarios innumeros trabalham.
Amontoam os marmores, e formam
Esplendidos, pomposos edificios;
Alli requinta o luxo os vicios todos,
E o pobre, que na faina a vida gasta,
D'ella não tira o minimo proveito,
E outro allivio encontrar em vão procura,
Mais que uma falsa e esteril cortesia.
Dos venturosos o mais leve esforço
Em fofos leitos lhe perturba o somno;

O tedio lhe apoquenta os breves dias,
E destroe de sua alma os vãos projectos;
Se na variedade o goso busca,
Na demasia a saciedade encontra.
Desejos, que não tem, simula o monstro,
E em veneno se muda o bem que anhela.
Finge a arte festins, foge o appetite,
Em vão para animar-se os jogos busca;
Não se restaura o coração já gasto.
Dos prazeres a copia os atormenta,
A inacção entorpece o debil corpo,
Porém deixa ás paixões tensão mais viva;
A todo o mundo a guerra levariam,
Se das leis o rigor não vedasse,
E prevenisse a lucta, que sem falta
Da desegual partilha resultára
Dos bens communs, que off'rece a natureza.
Mais pacifico e puro o nosso culto
Com santa abnegação perdôa injurias,
Como é digno de um Deus, que o mal castiga.»

O retrato, que traça aqui Colombo,
Do ancião no espirito desperta
Duvidas tantas, que occultar não pode.

«Prodigioso extrangeiro, tu me dizes
Que o Talento e o Valor na patria tua
Gosam das leis a protecção, o amparo,
E que os ociosos são alimentados
Pelo indigente, e que das mãos lhe tiram

O fructo dos terrenos, que romperam.
Meu espirito assombra esta injustiça!
Os bens communs aqui são do virtuoso,
E jámais ao desprezo o vicio escapa;
A razão nos governa, e justiceira,
Não nos permitte distincções, ou classes;
Frugal comida nos sacia a fome,
E renasce nas lidas o appetite;
Nossas leves molestias acham sempre
Em communs plantas efficaz remedio;
Gosamos do presente, sem receios
De um provir nebuloso. Assim meus dias,
Proximos a findar, passado tenho,
Empregando os meus ultimos instantes
Em preparar o funebre jazigo,
Em que devemos reunir-nos todos.»

Estas palavras o Almirante ouvindo,
(Que em Grecia ou Roma de um doutor seriam)
O selvagem philosopho interrompe:

«Vejo, velho feliz, que em vossa terra
De modesta ambição nasce a ventura;
Confesso que entre nós o orgulho, o fausto,
Torna excessivo do prazer o goso;
O bello procurando no artificio,
O nosso povo a natureza esquece;
Mas para desculpar taes demasias
Nota os bens que em seu seio disfructamos!
As precisões crearam os talentos,

O luxo os nutre, e para recrear-nos
A mesma natureza o genio excede.
Um insecto nos tece a nossa roupa;
A clamyde real tinge o marisco,
E para a enriquecer metaes se fiam;
E é com a areia, que derrete o fogo,
Que este vaso, que vês, é fabricado;
Digna-te de acceitar tão fraca off'renda;
O vestido que trago o tece a industria
Com o vélo de innumeros rebanhos;
E para enumerar os beneficios,
Que a activa precisão tem produzido,
Mais espaço de tempo precisára,
Do que emprega da noite o Astro brilhante
Nas mudanças do seu triforme rosto;
O fastio, que segue sempre o ocio,
Esgotando-se em mil e mil projectos,
Conseguiu melhorar nossos costumes;
Tudo, até as paixões se moderaram;
Menos feroz foi na vingança a guerra;
Mau grado o amor tornou-se mais decente,
A verdade que aos reis nem sempre agrada,
Tornou-se mais sisuda e circumspecta;
A esculptura os Egypcios inventaram
Para honrar os seus reis. Em dura rocha
O cinzel imitando a natureza
De famosos varões traça a figura.
Seus feitos o buril no metal grava,
E essa effigie, assim multiplicada,
Os vae contar aos mais remotos climas;

Conserva esta arte a vista do passado;
Mas o provir, se acaso é pavoroso,
É, por ventura nossa, indecifravel,
Nos céos em vão o criminoso indaga
Sua sorte saber, mas nada alcança.
Todavia melhor reconhecendo
Dos astros o percurso quasi ignoto,
E admirando as leis da natureza,
Com assidua cultura a fertiliza.
Nossas forças unindo ás forças da arte,
E empregando o vigor dos elementos,
Montes aplana, e eleva ao céu as ondas.
Os desejos fecunda e bom successo;
Nossas aspirações não teem limites,
Nem podem nossos campos e fadigas
Satisfazer tão largas exigencias.
De plaga em plaga a Europa avida corre,
E converte em metal as messes suas,
Metal que tem tornado precioso
O ficticio valor que lhe teem dado.
Do ouro a sêde prodigios tem creado!
Devo-lhe estes castellos movediços,
Que aqui á vossa praia trouxe o vento.
O seu vôo vos tem causado espanto;
De modo que me entendas vou falar-te.
Estes monstros, que imaginaes guiados
Por um sopro invisivel, são canôas
Como essas que no vosso mar fluctuam;
Porém mais alterosas e mais largas.
Aqui ás vossas mãos o remo presta

O serviço, que no alto mar os ventos
Prestam a nossos vasos; se o seu sopro
Muitas vezes illude os nossos votos,
Tambem nos poupa a trabalhosas lides.
Essas largas esteiras alli vêdes...
Tecido semelhante os nossos mastros
Erguem até ás nuvens; são as azas
Com que os nossos baixeis os mares sulcam.
Dos ventos a sabor o nauta voga,
Toca os polos, e estando a terra longe,
Não vendo mais que os ares e que as ondas,
Sem caminho e sem guia, no alto pego
Só pelo sol regula a rota sua.
A terra, os céos, os mares são descriptos
Em um globo, e na linha, que percorre
O sol diariamente, estão marcados
Os respectivos graus e seus minutos,
E o espaço entre o horizonte e o ponto médio
Ao navegante a sua rota indica;
Estes descobrimentos da sciencia
Só podem com a pratica aprender-se.
Com espanto vereis os dons diversos,
Que o céo prodigalisa aos navegantes;
Sabei que quando a noite o véo desdobra,
Outro guia apparece entre as estrellas,
É o septimo astro, o derradeiro,
Que do oriente a extremidade roça.
Se acaso nuvem negra este astro apaga,
Metallico ponteiro a rota fixa.
De Veneza oriundo, illustre Pôlo,

Que do iman descobriste as maravilhas,
Deve entre os astros scintillar teu nome!
A favor da sua arte sobre as ondas,
Conseguiu governar seus vastos lenhos,
Movendo apenas aprumada prancha.
Aos ventos de servir as velas solta;
Mas se no rumo em direcção variam,
Braços mil o velame presto ferram,
Calculam o seu vôo, as voltas contam,
E a areia, que de um vidro vae cahindo,
Divide o tempo, que os seus grãos numeram.
Tudo entre nós ao calculo se ajusta.
Nós, que o Universo até medir queremos,
Da nossa propria essencia ignaros somos;
Esta ambição, que me privou da patria,
Aqui surgindo coroou meu fado;
Mau grado meu, a sorte caprichosa,
Meus votos preenchendo, não extingue
O fogo emprehendedor que me assoberba.»

Disse; e com este resumido quadro
Das nossas artes instruir presume
O mortal para quem é tudo extranho;
Mas a seus olhos a verdade exposta
Seria apenas fabulosa historia,
Se ao Almirante o genio persuasivo
Nas feições e nos termos não falasse.

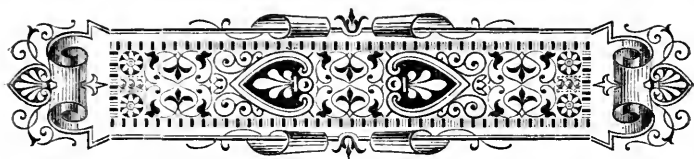
«Admiro, disse então aos seus o velho,
A que alturas o espirito se eleva!

É possivel que tanta claridade,
Em vez de o instruir, deslumbre apenas!
Sabio navegador, dizes que a morte
Termina tudo; com que fim, portanto,
A custo de perigos e fadigas,
Bens accumulas, que gosar não podes?
A terra, que na sua superficie
Os seus bens proveitosos nos off'rece,
Os thesouros no fundo seio occulta,
E por desafiar nosso appetite
A commum iguaria apraz á fome.
Do patrio solo ao ver-te desterrado
Pelo amor das sciencias, eu prefiro
Minha rusticidade, e os meus costumes
A essa arte que amaes e vos corrompe.
Inimigo da guerra, sem senhores,
Sem escravos, aqui o homem gosa
Dos fructos que offerece a natureza;
Sem ambições, sem bens imaginarios,
O pouco que precisa é o seu thesouro;
O nosso chefe ingenuo, e sem orgulho,
Raramente da lei se prevalece;
De meus queridos subditos o affecto
A este cargo me elevou sómente;
Aqui não tem que resolver demandas,
Mais do que os pleitos de rivaes zelosos,
Que o premio do veloz curso disputam,
Ou a affeição de idolatrado objecto;
Nenhuma outra questão meu voto implora;
O amor, não o castigo, a lei sustenta;

E n'estes campos ferteis sem cultura
O maior bem que recebi da sorte
Foi esta cara filha, que nascendo
A sua mãe perdeu; no seu semblante
De uma esposa querida as feições vejo;
Esta flor, da virtude procedente,
Merece que o seu brilho lhe conserve,
Como fructo que nasce em chão ditoso.
Prestes a entrar no funebre jazigo,
Nenhuma outra saudade me atormenta.»

Estas palavras ternas Zama ouvindo,
Sente do pae a dôr, suspira e chora;
Mas para ella a voz do Almirante
É como para Dido a voz d'Enêas.
Já em vossa alma, joven Indiana,
Começa de accender-se um santo fogo.

«Sabio e bondoso auctor de nossos dias,
Exclamou Zama, acaso poderemos
Do nosso hospede haver mais outra graça?
Á nossa discreção quererá elle
Revelar seu proposito, e esperanças
Que a estas longas praias o trouxeram,
E o fim de seus intrepidos trabalhos?»

Com estas expressões lisonjeado,
Que tem mais que fazer Colombo esquece,
E satisfaz d'esta arte a bella Indiana.

CANTO III

FORTUNADO rei, joven divina,
Que de um mortal quereis saber a origem,
São ordens para mim vossos desejos.
Já sabeis por que sendas e trabalhos
Arribámos aqui. Desde menino
Destinado ás maritimas fadigas,
A sciencia apprendi dos céos e esphera;
Cada dia, do sol notando a volta,
Terá elle—dizia—alumiado
Por seu turno logares differentes?
Climas ha em que a sua luz fecunda
Só pode ser dos peixes admirada?
Antigas tradições me referiam,

Que ao poente de nosso mar houvera
Paizes cuja róta se ignorava.
Por fabula tivera esta noticia,
Se diversas razões me não movessem,
E que Deus nada faz que inutil seja.
O Pontifice maximo sabendo
Das minhas intenções, com seu applauso
Excitou o meu zelo, e deu-me forças
Para levar a Fé a novas plagas.
Parti; mas invejosos, meus patricios,
Meus planos desdenhavam; felizmente
Foram dos reis visinhos acolhidos;
E o céo em meu favor dispoz a Iberia.
Lá tudo me sorria; mas a inveja,
Monstro infernal, os cortezãos commove;
E estes reptis da nossa velha Europa,
Que vós não conheceis, se amofinaram,
Porque um mortal nascido em outro solo
Sobre o mar lhes abrisse ignotos rumos.

«Os nossos navegantes—declamavam—
Conhecem bem os terminos do mundo;
E um erro antigo o Genovez illude.
Quando descer do mar ao fim do abysmo,
Se não poder voltar, subindo ao cume,
Dos homens e dos céos abandonado,
Sentirá que o destino em vão se affronta.»

Minha constancia ao vulgo impondo sempre,
Em silencio gemia; mas um dia

No templo orando, e aos céos pedindo amparo,
Dos ares uma voz assim me fala,
E a tenho ainda na memoria impressa:

«Não trepides, Colombo, avante, ousado,
Para premio alcançar, que regressando
Deverás receber; a lei divina
Ás terras leva em que fenece o dia;
Tua fé vencerá o inferno, as ondas.»

A este accento ambos os mundos tremem;
E a mais profunda turbação me assalta,
Vendo abrir-se ante mim um novo Oriente.
De um vôo o Oceano rapido transponho,
Vejo ao poente terras ignoradas,
Monstros e homens ao ver-me estremecendo.
Cheio assim de fagueiras esperanças
Nada podia embaraçar-me os passos;
Ao Arbitro da sorte a empreza entrego,
E sómente procuro um Rei, que a ampare.
Regidos por um Rei ocioso, debil,
Ajudar-me os Germanos não podiam;
O norte sem recursos pouco pode.
Da opulenta Albion procuro o auxilio,
Ter-me-hia esta ilha soccorrido
Se o Principe das leis não fosse escravo,
E o povo turbulento se não visse
Por discordias civis atormentado.
A França me teria protegido,
Se o Rei cujas proezas admirava,

Ao meu empenho surdo não quizesse
Longe do Tejo com seus dons fixar-me.
A Rainha de Hespanha, aconselhada
Por um sabio ministro, que se emprega
Em promover o bem da humanidade,
Chamando-me a seu lado a empreza approva.

«Armar um braço, que só gloria busca,
Honra é — dizia — que a Isabel pertence.»

A Rainha viu bem seus interesses;
Acolheu-me, e approvou a minha empreza
No mesmo dia, em que a Africa vencera.

«Um Deus — me diz — teu animo suscita;
Não esqueças que a espada que te entrego
É para que tu possas defender-te,
Mas nunca violar direitos de outrem;
Quando emfim descobrires novos climas
Só com doçura submettel-os deves.
Escolhos mil affrontarão teus passos;
Mas por servir-me, a tua gloria, o mundo,
E o Deus, que adoras, saberás vencel-os;
Nada mais o teu zelo aqui detenha;
Teus navios estão já fornecidos
De armamento e soldados; Deus, que é justo,
Ha de ajudar o nosso pio intento.»

Da Princeza os joelhos abraçando,
Parti sem mais detença, e embarco em Palos,

A fim de percorrer longinquos mares.
N'este porto se achava reunida
Toda a minha equipagem. Tinha a fama,
Assoalhando entre os principes visinhos
A minha empreza, o animo excitado
De mil guerreiros a partir commigo;
Da Asia aos confins levando o nosso culto,
Arrostaram do mar outr'ora as furias;
Novos perigos seu valor reanimam.
Em bandos ao estandarte meu se acolhem;
Dos chefes que nos mares me hão seguido,
Aqui vês, bella Zama, os que inda existem.
Descrever-vos aqui não é possivel
O seu contentamento e regosijo
Quando invoquei, para partir, os ventos!
Este ardor, que seus peitos inflammava,
Era o penhor de feitos inauditos,
Dignos da sua estirpe e nascimento.
Sem receios, tentavamos os mares.
Mas que tocante scena se me off'rece!
Ainda agora est'alma se commove.
Concorre a multidão, de um lado, de outro,
Pensando nunca mais tornar a ver-nos;
Paes, amigos, esposas, pranteando,
Com mil abraços seu receio exprimem.
Aterrada da insolita fadiga,
Que a nós nos alegrava, a mãe dizia:

«Ai filho meu! a minha mocidade
Em crear-te empreguei, e abandonada

Na velhice por ti serei agora,
Para ires, em mares nunca vistos,
Buscar infindos males, bens incertos
Em troca de suavissimo repouso?»

«Decerto—entregue á dôr a mais profunda
Clamava a esposa—esse mortal demente,
Que a arte de navegar tentou primeiro,
Foi um traidor amante, ou um perjuro!
Desiste, esposo, ou deixa que comtigo
Vá partilhar o mal que te ameaça.»

Os velhos consternados condemnavam
O nosso atrevimento; as creancinhas
Ás lagrimas dos paes seu pranto uniam.
O nosso coração, sensivel sempre,
Mau grado nosso, por alguns momentos,
Na praia nos reteve, e muito a custo
Esses caros objectos lá deixámos;
Correm apoz, e vão nossas pégádas
Regando com as lagrimas que vertem.
Vendo as vellas ao vento desfraldadas,
Mais cruciante a sua dôr se torna,
E nas ondas o seu clamor echoa.
Quando o cimo das mais erguidas rochas
A luz doirou, já mal se divisavam;
Cada objecto que á vista ia fugindo
Para nós se tornava mais precioso;
Depois não vimos mais que o céo e as ondas.
Nossos navios, nos seus vôos d'aguia,

Deixam em breve esse canal estreito,
Com que a Africa da Europa o mar separa.
Esta passagem guarda um alto monte,
Como um gigante de soberbo aspecto,
Que ameaça, e suster os céos parece.
Mal se havia sumido á nossa vista,
Veem encantar-nos ilhas numerosas.
Além estão essas famosas terras,
Em que os Gregos de outr'ora acreditaram
Que os seus heroes, alli, depois de mortos,
Iam gosar o merecido premio.
Para sentir melhor os seus encantos,
Crêde que este paiz o vosso eguala.
D'estes logares me arranquei a custo;
Mas vento de servir para estas praias
Propiciamente o nauta convidava,
E nas ondas prodigios mil surgiam.
A pesada baleia o mar sulcava;
Fogo volante nos seguia a esteira;
Brilhante verde alli tingia as nuvens;
Alli columnas de agua, ao ar subindo,
Sobre si com estrondo baqueavam.
(N'este extranho phenomeno tiveram
Principio os nossos p'rigos e revezes).
E na queda o Alcides envolvendo,
Rapidamente o vimos destruido,
Como a nuvem que o vento no ar dissipa.
Depois d'este prodigio o mar socega;
Sob a immovel antena as velas pendem,
E quedo sob a mesma estrella o nauta,

Do ocio mais aborrido que da faina,
Implora os ventos que maldisse ha pouco;
A calmaria apouca os alimentos;
Mil insectos crueis, que o sol procria,
Tolhem o somno, e os liquidos corrompem.
O ar insalubre que esta calma engendra,
Nossas forças extingue ou debilita;
A corporal fraqueza o animo affecta;
Com o medo do mal foge a saude;
Geme em vão cada um o ardor que o queima;
A piedade supplicas não ouve;
E temendo morrer de fome o fraco,
Prefere terminar no abysmo a vida.
E para cumular tantos horrores,
Até veiu o espirito da inveja
Co'as as furias da revolta atormentar-me.
Os seus fins encobrindo, esta hydra ousada,
Serpeando, os meus navios infectava.
Já, surdos do piloto á voz, os nautas
Em toda a frota murmurar se ouviam;
Pinzon os guia, e lei não reconhece;
Por elle ameaçador o inferno exclama:

«Novo mundo, Colombo, ver não podes;
Foste o primeiro que até aqui chegaste;
Ás tuas ambições esta honra sobre.
Por fugir á deshonra de um malogro,
Em que teem perecido tantos chefes,
Queres sacrificar os que inda restam,
De escolho para escolho deslumbrado

Por idéas phantasticas ou falsas?
Da noite o astro já por duas vezes
Sua triplice face tem mostrado,
Dês que seguimos teus incertos passos;
Em tão nefasta lida não prosigas;
Presto volta; é nosso unico recurso.
O desespero é só que nos obriga
A affrontar teu poder.»

Sem que azedasse
Com resistencia os animos turbados,
Tamanha inquietação moderar pude.
Em quanto á luz do sol não succederam
As nocturnas estrellas, lentamente
Com a prôa na Europa navegámos.
Mas por que encanto os nossos lenhos param!
Ramos de arbustos sobre as ondas nadam;
As nymphas d'estes mares, compungidas,
Offertam-nos do vosso campo as flores.
As vossas aves, que voando seguem
Nossos mastros, o espirito recreiam.
E, para rematar a perspectiva,
O céo, que nos protege, ao ar levanta
Volateis que nas aguas se crearam,
E de nossos famintos pescadores,
Nas redes em cardumes emmalhados,
Um soccorro lhes presta, que os anima.
Do regresso esquecido o nauta inquieto
Cuida, de tarde, em ver erguido um monte;
Mas dissipa-se em breve a grata imagem,

Que nossos votos mais encareciam;
Renasce o dia, e a illusão desfeita
Da minha incerta gente os ais redobra,
E julga que o seu mal não tem remedio.
Mas eu, que sem largar jámais a sonda,
Meu rumo ia seguindo, dei-lhe a nova
De que um porto ao nascer do sol veriam.

«Se a minha previsão não fôr exacta,
E se illudir-vos tento, ao vosso arbitrio
Podeis dispor da minha sorte e vida.»

O seu silencio o meu assérto applaude.
A promessa cumpri; a Deus o devo!
Um marinheiro meu, encarregado
De perpetua vigia, mal que assoma
Nos céos a aurora, exclama: Terra, terra.
Proseguimos, e em breve alli chegámos.
Ao convés açodada sobe a turba,
E saúda ruidosa a ignota plaga.
As aguas doces, que nos altos montes
Em torrentes cahiam, para vel-as
Do leito os moribundos arrancaram.
Se alguma vez, bom velho, padeceste
As angustias da sêde, entender podes
Qual o prazer seria d'esta gente.
Tudo pode mudar n'um só momento;
O Hespanhol que os meus planos condemnava,
Crê já que o céo por mim cria prodigios,
E prostrado no chão os pés me beija.

«Homem, que Deus inspira,—assim se exprime—
Nossa vida desde hoje te pertence;
N'esta região, que a sorte nos depara,
Governa, e agrilhôa a vil discordia.»

Em seguida, alguns chefes nomeando,
Em canôas me embarco, e singro a terra,
Contendo a custo a inquieta marinhagem
Na sua curiosa alacridade;
Intentaram ainda approximar-se;
Mas da costa os baixios se lhe oppunham.

Dragões do mar os nossos barcos cercam,
Atacam-nos, e lançam-se aos remeiros;
Aos gritos que dois d'elles levantavam,
Vibrando em seu soccorro o triple dardo,
Firo e traspasso os temerosos monstros;
Corre o sangue e assustados os abutres
Somem-se já nas ondas. Diligentes
Dirigem-se as pirógas para o porto,
Que tomou de Isabel o nome illustre.
Fatal estancia! O céo para illudir-nos
Este retiro aos animaes deixára!
A terra aqui produz, em vez de flores,
Ascorosos reptis, e mil insectos
As florestas devastam; lá se encontram
Esses camaleões de vario aspecto,
Do cortezão adulador imagem;
Aqui aonde o tigre em paz braveja,
Doce, funesto fructo, a vista encanta,

E para o disfructar tudo se arrisca;
Mas em vez de um prazer a morte achámos,
Convulsa turbação de nós se apossa,
E a dôr revela a vista desvairada;
A prudencia aconselha que fujamos;
E uma terrivel duvida me occorre;
Quando a palmeira a tempestade assalta,
Não sabe para onde ha de inclinar-se;
Assim vogava á discrição da sorte;
Para voltar não tendo mantimentos,

«Onde estará esse paiz,—dizia—
Que o céo me insinuou que procurasse?
Quando assim mar e terra nos illudem,
Como terão em mim os meus confiança?»

Vós, que me ouvis, julgae o meu tormento,
E a bondade do Deus, que adoro e sigo;
Pois que aos navios tremulo voltando,
Vejo assomar, por ordem sua, um nauta,
Que me brada, que um pouco mais ao norte
Um porto mais feliz outra ilha off'rece.
Para lá navegámos sem detença,
Ajudados de um zephiro benigno.
Tartarugas alli se nos deparam,
Que aos doentes a vida restituem,
E fructa em abundancia nos convida
A saciar a sêde, sem que d'ella
Nos resultasse o minimo desgosto.
Mais no centro da ilha, immenso bosque

Permitte-nos que os mastros reparemos.
Alli grossos pinheiros, cujo cimo
Á abobada do céo tocar parecem,
Caem cortados ao chão; o ermo treme,
E pela vez primeira o sol penetra
Na cerração dos condensados ramos.
Emquanto na floresta se trabalha,
D'um lado e d'outro errava eu procurando
Algum vestigio humano, e de repente,
Gemidos escutei de um arvoredo,
Que de um arroio as aguas ensombrava;
Caminhei para ahi, e vejo um homem,
Que os seus mirrados braços me estendia,
E, de animaes nas pelles envolvido,
Mais um urso que um homem semelhava.
Pelo fato o mister meu conhecendo,
Apressou-se a tirar-me de incertezas;
Chorava, e suas lagrimas cahiam
Como a torrente cahe de fria nuvem
Do tepido Favonio ao brando sopro.

«Por Deus—me diz—vosso soccorro imploro;
Ha sete annos aqui arrasto a vida,
Só e sem ter a minima esperança;
Melhorae minha sorte, a vós me entrego;
Ao menos perecer possa entre humanos.»

Espantado de ouvir sua linguagem
N'este clima longinquo, approximei-me;
Abraço-o ternamente, e á praia o levo.

Os céos me protegiam, não duvido.
Elle é quem vos traduz, Zama formosa,
O discurso que ouvistes; folgaria
Que entreter-vos podesse alguns momentos!»

Encantada a Indiana tudo ouvira;
Mas quer saber a causa, e os revezes
Que o infeliz a este ermo condemnaram.
(A mocidade é sempre curiosa
De narrações extranhas e inauditas).
Para principio dar á narrativa,
Os seus pinceis o Interprete prepara.
O Genovez, que deve aos seus navios
Co'a noite regressar, do ancião bondoso
Se despede, e retira accelerado;
Mas da bella, que deixa, a imagem leva.
Na ausencia do Almirante, a linda Zama,
Um pouco perturbada, a historia escuta,
Que o triste solitario assim começa:

«Pois que o quereis, filha de um rei amado,
Contarei minha historia em breves termos,
E o meu quadro vereis de um lanço de olhos;
Serrano me chamaram, e nascido
De paes pouco abastados, minha herança
Foi a saude, foram as virtudes;
Estes bens, que nem sempre gosa o rico,
O meu socego e dita asseguravam;
Mas trahindo-me aquella que adorava,
Pedi a um caro confidente ajuda,

Por quem indignamente fui trahido.
A ingrata, desprezando o meu desgosto,
Declarou que o tomava por esposo.
Por golpe tão profundo acabrunhado,
De um piloto hespanhol no lenho embarco;
Sirocco furioso nos arroja
A um clima, que europeus não conheciam.
Transpunhamos o mar que nos separa,
Sobrevem um corsario, e aprisionando-nos
A vida nos poupou, para entregar-nos
Da sua côrte ao odio ou ao desprezo.
A sua lingua e costumes aprendendo,
Sua sanha abrandei co'a minha astucia.
A nossa arte da guerra lhe aprazia,
Suas inclinações lisonjeava,
E pude moderar sua fereza.
Em breve, sem o minimo receio
Para o servir nos entregou as armas,
Promettendo que d'ellas se encheriam
Seus Estados, se acaso a nossa volta
Nos permittisse á terra em que nascemos.
Celebrou-se tratado, em que ficara
Por fiador, do nosso guia o filho;
Mas rompeu-se o tratado; o honrado velho
Entregou em refens a propria vida,
Para salvar da morte o filho caro.

«A sua mocidade,— assim me disse—
De perigos resguarda; não me chores,

Cuida sómente em quebrantar seus ferros.
Parte, e segue dos mares a derrota.»

A estas expressões, tão generosas,
Com lagrimas copiosas lhe respondo:
«Obedeço». Seu peito maguado
Nosso triste futuro não previa.
Deixando apenas esta odiosa terra,
Levanta-se no mar tormenta horrivel;
Contra um banco de areia o nosso lenho
Faz-se em pedaços; em pequenos barcos
Fugir á morte cada qual procura;
Mas o urgente perigo em que nos vimos,
Nos tornava uns dos outros inimigos.
O perfido Piloto arroja aos mares
Os marinheiros cujo peso o assusta;
E apesar dos esforços, que empregámos,
Virando-se os bateis, no mar espalham
De um lado e d'outro os miseraveis nautas.
Por uma vaga á praia arremessado,
De um rochedo no vão á morte escapo.
Não se pode exprimir a dôr pungente
Que n'este transe lacerou meu peito!

«Onde estou? — exclamava — é n'um deserto,
Entre gentes crueis? e n'esse caso
Para onde fugir? que fazer posso?»

Dos companheiros meus nenhum descubro!
E sinto do naufragio ver-me salvo.

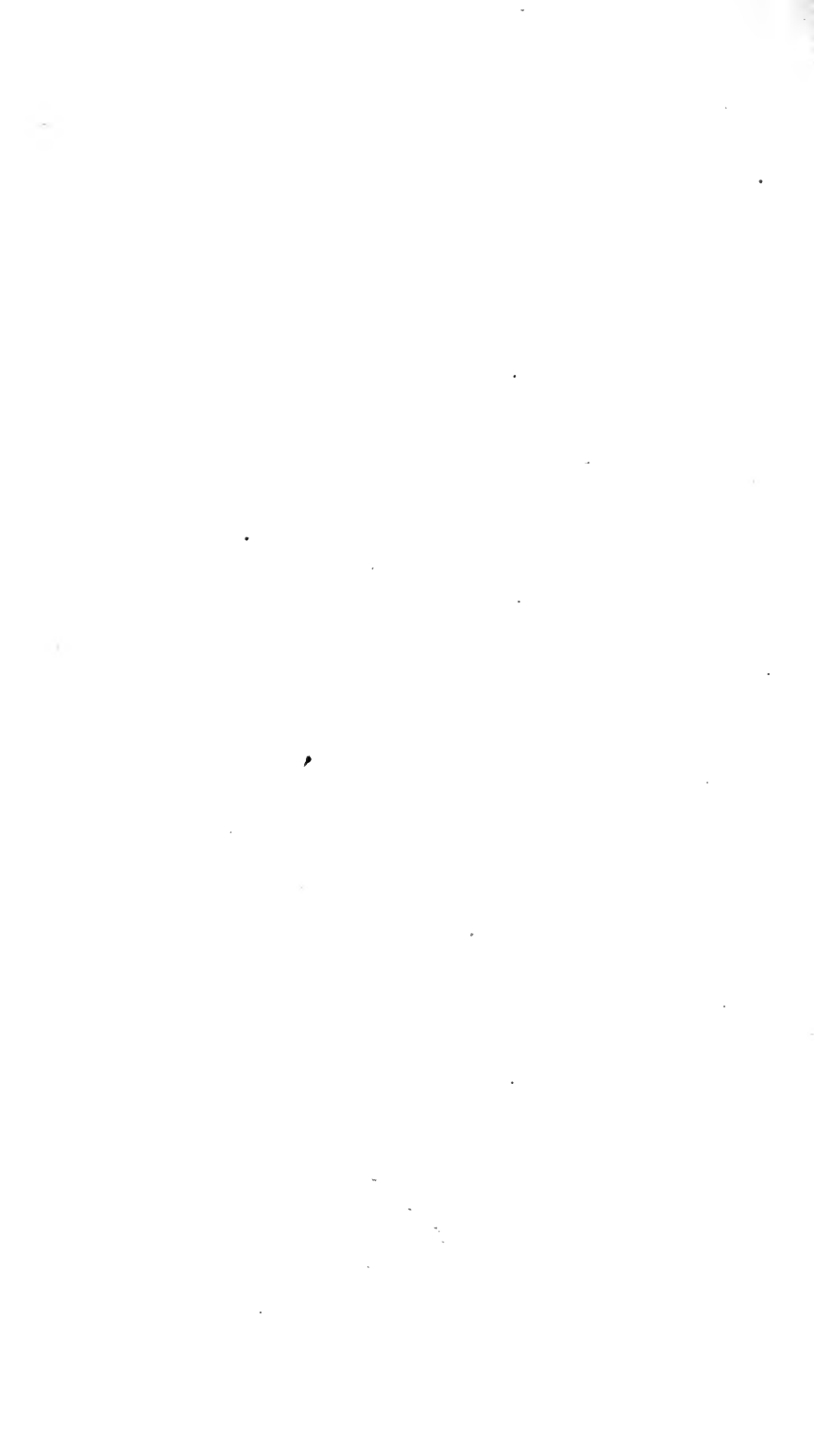
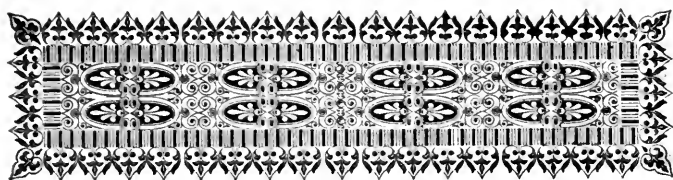
A agua, que então bebi, reanimou-me,
E gosei de prazer um breve instante.
Veiu a noite; e apesar dos meus terrores,
Uma arvore copada e alterosa
Por asylo escolhi para encostar-me,
E alli gosei de um somno mais tranquillo
Do que esse, que em seu leito o feliz gosa.
Mal que raiou a luz, o Eterno invoco;
Á praia volto, e vejo o nosso lenho
Encalhado na praia. Que amargura!
Que dôr cruciante o coração me fere!
Do nosso capitão os caros filhos
Um ao outro abraçados alli jazem.
Outros mortos, que á praia arremessara
A vaga furiosa, alli se viam,
E minha dôr e pranto exarcerbaram.
O seu fim lastimando, mas forçado
Pela fome, aproveito os mantimentos
De que eu era o infeliz, unico herdeiro.
O soccorro precioso a nado trago,
Mas podia durar mui pouco tempo;
Nem aqui se encontrava outro alimento
Mais que esse que do mar tirar podia,
Sem armas e sem redes; uma fonte,
E os mariscos da praia, é quanto havia.
Com lume que tirava de um rochedo
Queimava as conchas e accendia fachos;
Para ver se attrahia os navegantes,
Este farol sollicito mantinha.
Minha tristeza redobrando, o tempo

As vestes consumiu; e quando a calma
Me impellia a buscar sob os caniços
Grato somno, maritimos insectos
Vinham em chusma a vida ameaçar-me.
Vendo nos antros furiosos tigres,
E perseguido por ardente fome,
Fui forçado a buscar outros asylos.
No meio do terror que me acompanha,
A um monte escarpado me encaminho.
O campo que domina são palmares.
Meu susto diminue a este aspecto,
E pude apreciar a sorte minha.

«N'estes bellos logares,—disse—eu reino,
Sem que tenha a temer offensas d'outrem;
Não temo aqui o amor, nem armas temo.»

Um susto horrivel subito me assalta;
Das sarças através diviso ao longe
Uns gigantes que soffregos comiam
Dois dos seus miseraveis companheiros.
D'este horrendo espectaculo fugindo,
Que faz estremecer a natureza,
Até das folhas ao murmurio tremo;
A minha propria sombra se transforma
Em um gigante, que me segue os passos.
Emfim, de um alto, a que o terror me leva,
Vejo um barco, que as ondas vem sulcando;
No suspirado lenho os olhos fixos,
N'um delirio a razão me desfallece;

Todo estremeço, as mãos aperto e torço.
Veiu a tarde; sumiu-se-me o navio.
Perdida esta esperança, dôr violenta
Só me faz desejar pôr termo á vida!
O arroio minhas lagrimas engrossam,
Meu mal ás rochas os meus ais revelam,
Caros gemidos, só por vós eu vivo!
Para mudar a minha triste sorte
Colombo vos ouviu, e por mim soube
O tormento cruel em que eu gemia,
E o logar em que outr'ora estive escravo.
Esqueçamos agora o mal passado,
Porque então apprendi a lingua vossa.
Mas, ai, lá nos ficou o chefe amado!
Para o livrar, Colombo navegava
Quando os ventos para esta vossa praia
As velas impelliram, e o forçaram
A abordar n'esta vossa feliz terra.
Ao meu libertador servi de lingua.
Zama, ouve, e deplora a minha sorte!
O céo moderou já o meu destino.»

Disse; e consolações gratas recebe.
Adianta-se a noite, e vem com ella,
Após o somno, o placido silencio.

CANTO IV

Á quasi a esclarecer da China a plaga,
Deixava o dia este hemispherio aonde
O Genovez, dormindo, repousava.
N'esta ilha, em que Zama o encantára,
Sobre as flores, que o sol seccado havia,
Sua frescura os Zephiros derramam.
Os olhos, que dormitam, vela a noite;
Tudo descança, mas Satan não dorme,
E as tenções do Castelhano o affrontam.
Enfurecido manda que um seu cabo
Seus dardos una de Cythéra ás armas.

O demonio Zemés, que a India incensa,
O seu alto saber mostrou na empreza.

Um magico poder lhe ameiga o rosto,
E suas azas mais velozes torna;
Das sibyllas o tom suasivo toma;
Escoltado das artes fraudulentas,
Que ao mundo ensina, o escuro reino deixa.
Os supplicios alli vê, satisfeito,
A volupia, o orgulho, o embuste, a inveja.
Do interior da terra aos mares passa,
Chega a Cythéra e em breve no ar pairando
Do Deus do Amor o sanctuario avista.
Tornam-lhe o accesso facil os desejos;
Brincos encantadores no ar volteiam,
Sonhos, sorrisos, extasis, e votos,
Em silencio expressivo se revelam;
A esperança que nos leva ao templo
Só lá perturba o echo dos suspiros;
Mas quem d'esta mansão gosos anhela
Vê n'um momento esvaecer-se o encanto,
O tempo, que os destroe, em magoa os torna.
A astucia, o tedio, o enfado, e falsas juras,
Na sua vira-volta o amante enredam;
E quando d'este dédalo se evade,
Da arte que o trahiu victima triste,
Um vão remorso o coração lhe agita.
Mensageiro do inferno, estes logares
De lagrimas regados, te aprouveram;
Este palacio serve á empreza tua.
Na multidão penetra, e sua fronte,
Apesar do seu brilho, em vão pretende
Ao maximo dos deuses disfarçar-se.

Junto ao leito de flores, que vigiam
Graças gentis, do espirito maligno,
Bem que de noite, o aspecto é conhecido.
Vapor sombrio os ares escurece,
E inspira certo horror; cheiro sulfureo
De Cythéra aos aromas vem mesclar-se.
Esta horrivel mixtão arranca o nume,
Que alli se adora, ao seu molle repouso,
E o somno, que elle expulsa, leva ao longe
As suas dormideiras. Rompe o dia,
E assim fala Zemés junto a Cupido:

«Nume, cujas prisões se amam e temem,
Tudo conspira a realçar-te a gloria;
Para mais ampliar os teus direitos
Um Deus indiano vem comtigo unir-se;
Na India, que teus gosos presa, reino,
E serás só na Europa rigoroso?
Após teus dons, aqui vem mil revezes;
O Creso, que os alcança, os envenena.
Reis famosos, por ti escravisados,
Teem dissipado, a teu sabor, thesouros;
Na paz, na guerra, por occultas vias
És o unico motor de altos eventos.
A mesma Thémis, a teus pés prostrada,
Fragil vê a virtude bastas vezes;
Livres do teu furor os meus selvagens
Pela mão do prazer teus dons recebem.
Menos contrariados os teus fogos
Tanta força não teem. O amante irado,

Não conhece, não pune, a inconstancia
D'estes climas banindo o vil ciume;
Em paz, amor, e sem punhaes, campeias.
Vem alli espalhar teu meigo influxo;
Zama, tão meiga como a primavera,
Pode mudar, d'um simples lance de olhos,
Os planos de um mortal, ousado e forte,
Que os Deuses do Indo derrubar pretende.
Europeus nunca viram vossas terras;
Um Genovez, tormentas affrontando,
As veiu descobrir. Antes que acorde,
No leito em que repousa, vem commigo
Seus sonhos inflammar com teus ardores.
No mesmo instante o mesmo sinta Zama;
Fere-os ambos com essas tuas flechas,
Que em nossos corações despertam, movem
O olvido do dever, e paixões loucas.»

Disse; e a esperança de elevar-se em tudo
Os homens e deidades seduz sempre.
O Amor toma o carcaz, sorri, compraz-se
De reinar com poder illimitado,
Em paiz, em que a sua ardente flamma
Contenta os corações, sem que os devore.
Das suas settas a doçura muda
Em azedume, e envenena os ares,
Que o seu halito grato perfumava;
De um vôo rapidissimo se lança
Ao logar em que o seu furor outr'ora
Immolou Dido, ao seu ingrato amante;

E transpondo de Alcides as Columnas,
A ilha vê a que Armida conduzira
O encantado Reinaldo; á sua vista
De flores se enche a terra, e no arvoredo
Aves sem conto os seus amores cantam,
E até do mar os incolas se agitam.
A deidade, que os dois mundos povôa,
Sem que o iman consulte, reconhece
O porto a que arribára a Iberia fróta.
Que logar pode haver que o Amor não saiba?
Seguem-lhe os passos na ilha afortunada
Os erros que produz o seu engodo;
Das suas graças gosa a mocidade.
Um sonho, transformado em subtil genio,
Cuidou ver a Indiana adormecida;
Mas, longe de entregar-se a um grato somno,
Antes que o sol nascesse, ella esculpia
O Genovez, de uma arvore no tronco.
Os seus feitos, seu ar, sua armadura,
Os seus attentos olhos vê presentes,
E crê ouvir da sua voz o accento;
E seus dedos, pela alma dirigidos,
N'um breve instante a effigie debuxavam.
Em quanto o Amor assim Zama entretinha,
E fatigado o Genovez dormia,
De seus sonhos o nume se apodera.
Sem arte, ou roupas, como a Cypria deusa,
A bella Indiana o espirito lhe inflamma,
Não d'esse fogo moderado e puro,
Porém do fogo que a razão condemna,

Que nada apaga, e faz que se deslembre
A amizade, o dever, honra e perigos.

O inferno triumpha e vê gostoso
Que o heroe serve d'Amor os ruins intentos.
Preoccupa Colombo o grato sonho,
E mal que o sol aponta, se dirige
Á morada do pae da bella Indiana.
Já então, de carcaz armado, o velho,
E dos amigos seus acompanhado,
Piamente saudava o sol nascente.
Assim, Milton nos diz, que á nova aurora,
Culto prestava Adão, á Essencia Eterna
Curvando humilde a fronte veneranda,
Que a gula e que o licor jámais turvára;
Assim frugal, oh! quanto eras ditoso!
Acho aqui de meu pae a cara imagem,
Durante invernos cento que vivera;
Socego d'alma e corporal saude,
Foram dois donativos da sciencia!
Possa eu, seguindo sempre o vosso exemplo,
Herdeira ser de vossos bons costumes;
E praza aos céos que os meus versos um dia
Das invenções do luxo o mundo livrem!
Mas teme o vôo meu de Icaro a sorte.
Musa, á India me torna o passo errante!
N'outro horizonte o nosso heroe sigamos.
Vê que Colombo do Indio se approxima;

«Vem,—diz o velho—eu já te procurava;

Nossos trabalhos vê, nossos recreios,
As nossas redes, flechas, e alimentos,
Danças em honra das Deidades nossas,
E comnosco partilha um dia alegre.»

Curioso de ver e observar tudo,
O Almirante o abraça e acompanha;
Terna esperança acaso alimentava.
Aos selvagens vem Zama reunir-se;
Nenhum véo seus encantos acoberta,
Outra Diana armada assim parece;
O fogo de seus olhos reanima
A verdura e as flores que a rodeiam;
Trajam como ella as suas companheiras;
Porém todo o seu brilho Zama eclipsa,
Como os astros da noite o sol radiante.
Á montanha com passo accelerado
A nympha chega, e através do bosque
O Almirante a acompanha; em senda estreita
Lhe presta apoio, e os ramos que ella teme
Vae quebrando; a madura fructa colhe,
E com tremula mão lh'a offerece.
De agradar-lhe o desejo inflamma a todos;
E os caçadores cada dia empenha
Na sua correria. A leve setta
Nos ares atravessa a ave que foge;
O habitante dos bosques cae nos laços
Que teme em vão; fogueiras ateadas,
De vasto campo em torno, não permittem,
Que á morte o mais esperto escapar possa.

Deixando as armas, a Indiana ás vezes
Vae mergulhar nas ondas seus encantos;
Nada; seguem-n'a e vendo-a assim, dirias,
Essa Nereida venerada em Paphos.
Em leve barco muita vez ao largo,
Aos incolas do mar, com suas redes,
Faz dura guerra, e os Tritões pasmados
Seus encantos admiram; porém sempre
O que mais a preoccupa é esse objecto,
Cuja figura na arvore esculpira.
Com sua propria mão ao Almirante
A Naiade offerece uma dourada.
Quando o mutuo prazer d'estes recreios
Transformava em momentos horas, dias,
Quão longe estava de pensar que ainda
Taes distracções seriam para elle
De amarguras crueis injusta causa!
Amor, eis o que são tuas doçuras!
Em breve a India saberá temer-te!
Nos olhos do selvagem, novo ainda,
O teu fogo só tem muda linguagem!
Não se atrevendo a explicar ao Lingua
Os seus suspiros, pinta-lhe por vezes
O seu desejo de saber os feitos
Do heroe, que sem cessar a preoccupa.
Toda á sua paixão entregue esta Hébe
Despreza de apanhar os dons preciosos,
Que ás mãos cheias, na relva, Flora espalha;
A sua voz recusa reunir-se
Ao canto com que as suas companheiras

Fazem soar os echos da montanha.
Em vez de confiar o seu toucado
Á fiel Zulma, as ondas só consulta;
E sósinha das arvores á sombra,
Das aves o gorgeio escuta apenas.
O seu inquieto espirito só prende
O logar em que o hospede apparece.
Se os olhos seus se encontram, como ignoram,
O fogo que os consome não se pinta
No lirio do seu rosto; satisfeita,
O prazer a reanima, e sobre a face
Lhe verte a côr com que se enfeita a rosa,
Quando o sopro dos Zephyros a beija.
Vergonha! que és a alma e o martyrio
Da nossa sociedade, os teus receios
Não teem nos peitos indicos entrada.
Mas Zama, não podendo declarar-se,
Converte de seus olhos a linguagem,
Em lagrimas sentidas. Volta a noite
Convidando-a ao repouso; só no fundo
Da sua gruta, e sobre um floreo leito
Foge-lhe o somno, e fixa de continuo
No objecto, que a allucina, uma terrivel
Idéa vem feril-a, e exclama:

«Ai! triste!
Mas como descobri ou saber pude
O enlevo que hei sentido ao retratal-o?
Amo-o, mas ignorando a sua lingua,

Não poderei saber se elle me estima.
Que sorte!...»

Então Morpheu vem suffocal-a,
A tranquilisa, e d'ella se apodera.
Erro funesto este prazer dissipa;
Na mente perturbada vê Colombo
Subindo aos céos armado em seus navios;
E quando no alto céo de vista o perde,
Sobre as azas do amor voando o segue.
Um grypho horrivel a persegue e empolga;
Foge, e vae enterral-a em longes terras.
Some-se o quadro; e subito acordando,

«Sonho cruel!—chorando a bella exclama;—
Desprezada serei por esse que amo?
Deixará nossos campos ignorando
Que em seu amor fundava a dita minha?
Pavoroso porvir! Mas é possivel
Que algum encantamento me allucine.
D'esta perturbação emfim saiâmos;
Vamos pedir auxilio ao Deus do dia;
A causa me dirá dos meus tormentos.»

Ao sanctuario dos bosques se encaminha;
E a triste amante, ao gorgear das aves,
Esta oração dirige ao sol nascente:

«Fanal do mundo, pae da natureza,
Muitas vezes attendes os meus votos,

Quando os teus raios a verdura animam;
Meus ais n'este propicio instante escuta,
Grande Deus, esclarece-me! eu te imploro!
Ensina-me a apagar o fogo em que ardo,
E cujo effeito o seu auctor ignora!
Como o seu coração conhecer posso?
Para o interrogar me ensina os termos!
Instruir é de um Deus officio santo.»

Emquanto a Indiana o sol invoca,
Colombo, que acordando a não esquece,
D'est'arte pinta os seus vivos terrores:

«N'estes bosques, que as lagrimas d'aurora
Borrifam largamente, bella Zama,
Para te amar renasço; mas não posso
Exprimir-te o que o meu coração sente;
Das tuas expressões o uso ignoro;
Devia uma só lingua haver no mundo!»

Emquanto o Genovez assim suspira,
A ave que do Iris veste as côres,
No halito do seu curvado bico
Reproduzindo os sons de voz humana,
Repete estas palavras, que o commovem:

«Para te amar, renasço, bella Zama!»

A esta voz perturba-se o Almirante!
Elle ignorava que no aereo bando

A nossa voz podesse modular-se;
Agita-se, pesquisa, a selva corre,
E emfim descobre a ave que falara;
Trefegamente este prodigio apanha,
E pelas azas preso á frota o leva.

Lá, na arenosa riba, a onda marinha
Ao esto sem murmurio se prestava;
De uma proxima gruta ouve Colombo
Os suspiros que os zephyros lhe trazem;
As aguas, que da rocha se filtravam,
Com grupos de crystaes ornam a gruta.
O ambar e o coral mesclando, Zama,
E matisando as mais bellas conchinhas,
Sobre as paredes mil enfeites traça,
Que em brilho a sua tez vencer não podem;
Pela escolha feliz de varias côres
Sua mão transforma em nacar e esmeralda
Seus graciosos festões e ramalhetes.
Namorada engenhosa! aqui Cupido
A vossos olhos descobriu aquelle,
Que por ver-vos sollicito vagava;
Bem longe de extranhar esta ousadia,
Suspirando revela o seu agrado.
Distrahindo-a de seus gratos lavores,
Com um presente o Genovez a encanta;
Nas mãos lhe deposita um vitreo quadro,
Que fiel reproduz tudo que alcança.
Tão contente ficou, tão surprehendida,
Que debalde eu quizera aqui pintal-o;

Se alguma vez nas aguas se mirava,
Seu movimento a fórma transtornava,
Mas o retrato aqui fixo permitte,
Que da figura o ambito não mude;
E a seus olhos o amor tão bella a torna,
Que de algum artificio o engano teme;
Mas para a socegar junto a seu lado
Seu proprio rosto o amante lhe apresenta.

«Que prodigio! — exclamou — ente divino,
Com um outro tu mesmo aqui me encantas!»

Se para a entender faltava o Lingua,
Leu nos olhos de Zama o seu assombro.
Mas quando aos pés as flores lhe espargia,
As apanhava Zama, e sobre a fronte,
Pela guerra crestada, lh'as depunha,
E elle as mãos ternamente lhe beijava.
Quiz a sorte cruel que o velho Indiano
O seu amor de longe descobrisse.
O espanto, a dôr, nos olhos seus revela;
Com suffocada voz, disse:

«Que vejo!
Procurava-te, Zama, na certeza,
De que esposo jámais escolherias,
Que do teu pae um defensor não fosse.
Já velho, e enfraquecido, eu combatia
Um monstro, que nadava em nossos mares.
Soccorreu-me, salvou-me, um fido amigo;

Cumpre que os teus encantos galardoem
Este serviço, que olvidar não podes.
Quererás affrontar o meu desejo,
Minha promessa, e fé, e abandonar-me
N'esta edade em que me és tão necessaria?!
Fugir da patria, e o Deus que nos protege,
Para seguir um temerario ignoto,
Que sem se condoer de mim, te arranca
Á ternura de um pae e ao bem que gosas?!»

Isto ouvindo a Indiana treme, chora,
E quer quebrar os laços que a encadeiam.
Seu desalento a faz inda mais bella,
Como a flor com as lagrimas da aurora.
Chamando-a o velho, a sua dôr aggrava.
Contra o pae, indefeso o amante fica.
Colombo, que esperanças afagara,
Vê que a ventura subito lhe foge;
A mão do tempo, avara de prazeres,
Prodiga é sempre de crueis pesares.
Um outro mal ao Genovez succede;
Emfim o seu enfado os nautas mostram:

«Acaso aqui será,—diziam elles —
O fim da nossa rota! E deixaremos
Filhos, patria, por ver em outro clima
O nosso Genovez de Zama escravo,
Languecer a delicias todo entregue!
Embora aqui termine o seu destino,
Vamos nós procurar mais ampla terra.»

Reunem-se, e a partir se aprestam todos.
Ao ver este alvoroto e tempestade,
Marcossy busca logo o seu amigo;
E no int'rior de um bosque emfim o encontra
Esculpindo n'um tronco estas palavras:
Zama, ver-te-hei tomar um outro esposo?
Onde irei terminar meus tristes dias!
Estas lettras, que aqui ninguem conhece,
Com este cedro crescerão, e nunca
Do teu amante as maguas serão lidas!
Que horror! o Almirante ouve um ruido;
Caminha para ahi; e o amigo vendo,
Das mãos cae-lhe o cinzel, de angustia treme.

«Pela amante não chores, diz-lhe o amigo;
Cuidados de mór monta aqui me trazem;
Pois quê?! essa tua alma valorosa,
Em projectos fecunda, desprezando
Os decretos do céo e os nossos votos,
Ao langor cederá de um terno affecto?!
Abre os olhos Colombo, se não queres
Que um eterno remorso aqui te siga;
Se te recusas a seguir meus passos
Pela ultima vez te chama a gloria.
Sei com certeza, que ao romper da aurora
Far-se-ha ao largo a frota revoltada;
Escuso dizer mais.»

Do heroe no peito
Domina a honra e a victoria é certa.

No mesmo instante impulso irresistivel
O move a espedaçar o terno enlace;
O amor cede ao dever; e á luz incerta
De entre o dia e a noite, um anjo adverso
Da matilha infernal, bem como outr'ora
Viu de Israel o povo, foi na India,
Por mandado celeste, ver Colombo.
Sobre uma nuvem do alto céo baixando,
Fende o ar, que embalsama e illumina,
E do heroe deslumbrado a dôr modera.

«O céo te quiz provar—disse—e a teu peito
Restitue o socego, a fim que possas
Esse ardor destruir, que te embriaga,
E aos infernos arroja o ente impuro,
Que ousava perturbar-te. Agora pensa
Em levar mais ao longe a lei divina.
No seculo passado um genio insigne
A bussola inventou para guiar-te;
Com seus trovões armara-te o salitre;
E arte para gravar tuas proezas
O alphabeto inventou de bronzeas lettras;
E prestando-se a sorte previdente
A te ajudar, por que fatal encanto
Has de aqui terminar tua conquista?
De Zama foge; rompe essa cadeia,
E o teu destino, aos céos grato, preenche.»

Disse; e bem como a sombra se esvaece,

Ao Empyreo se eleva, e vae dar conta
Da missão de que fôra encarregado.

O seu socego o Genovez recobra,
Como o enfermo adormecido acorda
Quando instantanea luz lhe fere os olhos;
Encara o céo, sua attenção redobra,
E como do que vê duvida ainda;
Mas o calor que sente o esclarece;
O seu pleno vigor emfim recobra;
Mesmo na escuridão da noite, avista
O bom amigo e o supremo aviso.

«Ambição de renome, tu que sempre
Meu peito dominaste, apagarias
N'este outro mundo a tua ardente chamma?
Vem ao menos quebrar-me estas cadeias!...
Cederás tu em mim a um terno affecto?
Mas por que hei de fugir d'essa que eu amo?
A tantas graças a virtude unida,
Bem longe de aviltar, nossa alma exalta!
Arranquemos á sua patria Zama;
Nosso culto esclareça esta innocente;
Obrigarei seu pae a que permitta
Que com ella por santos nós me ligue.»

Disse; e apesar do terno amor que sente,
A equidade em seu peito assim discorre:

«Se contra o pae um attentado faço,

Serei para este principe um ingrato!
Poderei eu pagar seus beneficios
Se lhe roubar a filha?»

Na sua alma
A piedade, o remorso, o Iberio grito,
Se encontram e combatem, como as aguas
Em vaso ardente fervem e se agitam;
A sua inquietação, o seu murmurio,
Reproduz do Almirante a viva imagem,
Mas triumpha a virtude, e o caro amigo
Vem terminar a dolorosa lucta,
Para a frota arrastando o terno amante.
Segue o mentor Colombo a passo lento;
Sua frente, sem nuvens na apparencia,
Extrema turbação interna soffre;
A partida, chegando á frota, apressa,
O Eterno invoca, e só por um aceno
Determina a Matheos que surja em fóra;
Mas, se ordena que ao vento as velas solte,
Amaldiçoa as ondas, que se aplanam.
Nos navios renasce a esperança,
E os rebeldes espiritos socegam.
Emquanto os nautas vão singrando, Zama
Occulta ao velho pae os seus suspiros;
Na selva, errante, sabe que Colombo
A abandonara e tinha já partido,
Sem que a podesse ouvir longe do porto,

«Foge-me—exclama—inutil é meu pranto!

Desgraçou-me o ingrato, e me despreza.
Se o amor, que inspirou, sentisse, iria
Longe de mim buscar extranhos climas?
Não! a deixar meu pae me obrigaria;
Não! n'esse mesmo céo que assim o chama,
Viver sem ter-me ao lado não podera.
Mas se á raça immortal pertence acaso,
N'este cantão terrestre em vão o espero.
Aqui sem elle desfalleço, e nada
A meus olhos saudosos sorrir pode.
Ah! fujamos d'aqui, d'um sitio aonde
Jámais poderei ver aquelle que amo;
Ou antes que os tormentos que padeço,
Possam co'a morte terminar meus dias.»

Assim sobre um rochedo a nova Ariadne
Na partida do heroe se lastimava;
Mas co'a vista correndo o pégo immenso,
Cuidou ao longe ver singrando um barco.

«Volta, meu caro!—exclama delirante—
D'esta ilha, que abhorreço me retira;
Seguir-te-hei sempre; e para ir ter comtigo
Já minha alma estes mares tem transposto;
Affrontarei comtigo as tempestades.
Mas vaes fugindo! e o echo tão sómente
Ás minhas tristes lagrimas responde;
Leva meus ais, o vento que te arrasta;
Eu succumbo, o terror meu sangue gela!»

Assim falando, afflicta, allucinada,
Para seguir Colombo, ao mar se lança;
Vem soccorrel-a a fida companheira
Que a grande custo a reconduz ao porto.

«Como ignoraes—lhe diz—os sentimentos,
Que a vosso pae deveis de um pio affecto?
Que será d'elle quando a onda em furia
Trouxer á praia a moribunda filha?
Pois, como, sem remorsos, insensivel
Ao amor paternal, seguis esse homem
Que com ingratidões assim vos paga?»

Zama, isto ouvindo, o seu amor condemna,
Pugna o dever, porém vencer não pode;
Chorando,

«Cara Zulma—lhe responde—
Reconheço a razão de teus conselhos;
Mas um magico encanto me allucina;
Nada mais vejo que o objecto que amo.
Vãmente para si meu pae me chama...
Mas quê! far-me-ha cruel o amor que sinto?
Talvez me désse um perigoso filtro!
Mas não, os olhos seus, piedosos, ternos,
Um generoso coração revelam;
Se foge, é porque o força ordem celeste...
Mas, oh! meu Deus! que idéa me esclarece!
Occorre-me que bem seguil-o posso!
Do mar a Deusa inspira-me em segredo;

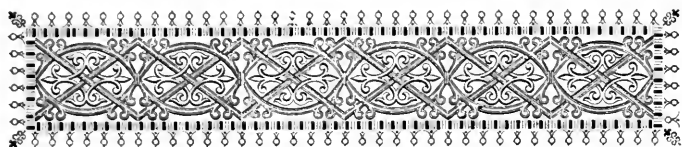
Escuto a sua voz; Zulma, partamos.
Invencivel paixão me inspira e arrasta;
Se me amas, cara Zulma, vem commigo
N'esta canôa, apenas fabricada,
Para vogar sómente n'estas praias;
Atravessar ousemos largos mares.
Será meu guia o fogo quo me inflamma.
Toma este remo, vem, o meu é este;
E verás que tão bem jámais remára!
O mar está tranquillo, e favoravel;
E se poude Colombo atravessal-o
Com seus grandes castellos, não temâmos,
Que o nosso leve barco vá ao fundo.»

Estas palavras, que a paixão dictara,
Não convenceram, mas forçaram Zulma;
Tremendo, no pequeno lenho embarcam;
Mas em taes mãos de que servia o remo?

Emquanto ás ondas Zama se entregava,
Um tremendo espectaculo a horrorisa.
Desponta o dia, e sobre alto rochedo,
Ao porto sobranceiro, o pae assoma;
Vê sua fuga, chama-a, e deplora
Seu infortunio.

«A morte—assim bradava—
Ao tormento, que sinto porá termo;
Vem ao menos gosar, ingrata filha,
Da minha extrema dôr. Acaso queres,

Que ao fundo d'esses mares me arremesse
Para evitar o p'rigo a que te arriscas?»

Á terna voz, que mal comprehendia,
Deixa Zama arrastar-se pelas ondas;
O terror a suffoca, a luz a cega,
A piedade, o remorso que a regela,
Da morte a imagem no seu rosto imprimem;
Os seus sentidos recobrar podendo,
Novo incidente sua dôr aggrava;
O amor e a natureza no seu peito
Travam terrivel lucta. A dôr paterna
Fortemente a compelle a que se renda,
E o Argos, que pairando, crê que a espera;
E o vento é de servir para alcançal-o.
A dôr do velho ao seu dever a chama.
Entre o porto e a nau Argos longo tempo
Em sua mão, indecisa, paira o remo.
O coração de Zama lhe annuncia,
Com um vivo terror, desgraça nova.
O navio, que ao longe cria o Argos,
O seu barco persegue, aborda e apresa.
Cruciante confusão segue o seu erro!
Vãmente no Orpheu, que Fiesque rege,
Zama procura o seu heroe querido.

CANTO V

MQUANTO a Indiana á patria ia fugindo,
Mau grado seu e a sabor dos ventos,
Sem saber do amante, e longe d'elle,
Proseguia Colombo o seu destino.
Desmaiam as estrellas, nasce o dia,
E o céo nebuloso não permitte,
Que o triste Genovez a terra aviste,
Onde tão terno amor o escravisara.
Para o sitio, que foge, elle olha ainda
E pede aos echos a perdida amante;
Vê seu rosto, seu pranto e desespero,
E a sorte, que lh'a rouba, amaldiçoa.
Mas novo azar sua attenção subjuga.

A escuridão torna a derrota incerta;
A bussola declina, e o céo coberto
Guiar não pode a frota ao mar entregue.

Emfim nos altos céos o sol fulgura;
Tudo illumina; e os nautas ver poderam,
Que entre os navios seus o Orpheu faltava.
Choram de Fiesqui a falta, e de Farcetti,
E de Boiles tambem, seus companheiros;
Julgam-n'os em perigo, e cuidadosos,
De astrolabio nas mãos, sómente esperam,
Que subindo ao zenith o sol permitta,
Que o piloto observar possa as distancias.
Tomada a altura os nautas conheceram
Que um grau entre elles e o equador medeia.
De vista, em breve, as duas Ursas perdem;
E das novas estrellas nada pode
A carreira indicar-lhe; menos astros
No polo austral os nautas encaminham.

De prolongada costa separado,
E que mais junta ao tropicos se achava,
Ignora o Genovez para onde singre.
Como outr'ora Phaetonte fôra visto
Assustado nos céos medir seu rumo,
Avançar, trepidar, atraz tornando;
Em duvidas eguaes se viu Colombo.
Mas eis que surge um infernal prodigio:
Sobre o liquido plaino um monstro horrendo!
Cabeça humana encima um chato corpo;

Sobre azues barbatanas se equilibra;
E sua ardente bocca assim bradava:

«Do risco temeroso em que divagas
Só eu posso salvar-te, vem commigo!
Proxima terra, de thesouros cheia,
Coberta de vergeis, aonde os fructos
Se colhem sem fadiga, largamente
Satisfará os teus famintos socios.»

Assim dissera. E a turba seduzida
Com tal promessa o Genovez obriga
A seguir o impostor. Por duas vezes
Tinha a ampulheta as horas designado,
E já tocava o monstro a mansão rica,
Que indicara, no mar, aos Castelhanos.
Já Phebo a passo lento se afastava;
O Hilas, que escolhos das mais náus separam,
E commanda Morgant, á praia singra;
E querendo chegar ao porto, o monstro
Em medonho cachopo se transforma.
A este aspecto, em vão o interrogam;
Mas sua lingua articular não pode,
E a fórma horrenda o mais valente espanta.
Desembarcam; a noite o espanto augmenta.
Esperando a manhã vagam errantes;
E ao romper do dia descobrindo
O mal que os ameaça, mais temeram.
Entenebrece o ar, ronca, e troveja.
Estes bosques são ermos; d'onde pode

Partir a tempestade? Aqui não vivem,
Nem Faunos nem Sylvanos; tudo exploram.
E n'um pinhal, emfim, ao longe avistam
Humanas ferocissimas figuras,
Que saltando entre as arvores parecem
Abutres prestes a empolgar a preza.
Envenenam de viboras na espuma
Suas flechas; cabellos erriçados,
E o fogo de seus olhos, denuncia
Que é d'estes cannibaes Satan o chefe.
Morgant, para afastar o infernal bando
Ordena que lhe atirem; não se aterram.
A sua fome a raiva lhe exaspera;
Não é o amor da gloria que os inflamma,
Mas a carne dos incolas do Tejo;
Nada anhelam senão beber-lhe o sangue.
Nossos guerreiros subito rodeia
A immensa turba; o numero triumpha.
E quando da victoria sua ufanos
Os Lestrigões a festa preparavam,
Morgant astuto o vencedor submette.
De Baccho lhes off'rece o doce nectar,
E com elle os gentios embriaga
No furor de um batuque delirante.
Sobe aos céos o alarido, a terra treme;
Mas os saltos mortaes, e o grato succo
Em breve os enfraquece, e o somno os vence,
E succede o silencio á vozeria.
Assim venceu Morgant com seus licores
Esses que dominar não poude a ferro.

E cobrirá de sangue a triste scena?
Não; a satisfação a ira applaca.
Foge, embarca-se e entre uivos e alaridos
D'este povo anthropophago e selvagem.
Avista o Almirante junto ao porto.
A horrenda narração Colombo ouvindo,
Entende que contra elle o inferno se arma;
Tenta em vão afastar dos seus o susto;
A incerteza nos olhos seus se mostra;
Este quer que no rumo austral se vogue;
Outro, que ao norte, e o equador se deixe;
Mas o commum perigo, que une a todos,
De repente se torna pavoroso.
Ao poente, n'uma nuvem que apparece,
Iris co' as suas côres se adereça;
O astro, que derretendo a neve, arranca
O soberbo carvalho, rompe os laços
Das negras nuvens, e o Aquilão combate,
E sublevando as ondas espumosas
Vinte graus, para norte, nos arroja.
Emquanto o sol Matheus attento observa,
Ao mar um pé de vento o arremeça;
Estremece o Almirante, e no momento
Em que pensava de arrancal-o ás ondas,
Uniram seus trovões, céos, e infernos;
E como com seus raios incessantes
Marte derruba os abalados muros,
Assim cahem no mar continuos raios.
Um lucido clarão d'espaço a espaço
Inaudito espectaculo descobre;

O Pollux que no casco seu trazia
O armamento e provisões de guerra,
De um raio fulminado se espedaça,
E os canhões disparando o ar atroam.
Vãos clamores o céo piedoso imploram;
Pelo enxofre abrazado o nauta erguido,
Sobre as ondas recahe, e desparece;
Qual, sobre ferros cahe, e se lacera,
Qual, em meio das chammas lança Eolo;
O infeliz Nuquez, da nau piloto,
Cahe sobre o Argos, do Almirante á vista.

O Genovez, da frota separado
Por violenta corrente, e navegando
Entre escolhos, sem velas, sem piloto,
Menos pensa em seu bem que no do mundo.
Os seus revezes e aventuras grava
Em breves traços, e os recolhe e fecha
Em vaso que fluctue, na esperança
De que a sorte, propicia ao navegante,
Ha de restituil-o á culta Europa.
Sobre um escolho, n'este ensejo, o Argos
Naufraga e o Genovez se salva a custo.
Com o arcabuz na mão e a espada á cinta,
Sobre um leve madeiro o novo Ulisses
Lucta co'a morte, mas tranquillo sempre,
Contra os ventos contrarios, que o combatem;
Toda a sua pericia e arte emprega,
E o Anjo que o protege á praia o leva.
Defendem a arribada bastas settas.

Ao estrondo do Pollux incendiado,
Os Indios pressurosos acudiram;
E vendo um nauta procurando ás rochas
Agarrar-se, nas ondas o mergulham;
Outro que nada, com as flechas matam,
Outro contra o rochedo se espedaça.
Consternado por tão medonho quadro,
Sua sorte o Almirante aos Céos entrega.
O Eterno, a quem jámais em vão supplica,
Da vaga que o transporta o curso apressa,
E a despeito dos Indios que o rodeiam
Poude chegar ao desejado porto.
Pelo risco eminente reanimado,
Contra a chusma feroz o fogo rompe;
A morte, que o certeiro tiro segue,
Enche-a de espanto, e os barbaros dispersa;
Bem como o bando de volateis foge
Ao retumbar do venatorio chumbo,
Dispersa-se, e procura outra morada.
Emquanto o Indio foge espavorido,
Aos companheiros do naufragio salvos
Assim fala e consola o Almirante:

«Pensae que o Eterno vela em nossos dias,
E nunca o seu amparo ha de faltar-nos;
Jámais os seus Oraculos falharam;
Os meus socios que admiram seus prodigios,
Não teem aqui altar em que os adorem;
Mas Deus, tem por seu templo o mundo inteiro.
A relva que a teus pés humilde beijo

É, como os céos, de tuas mãos producto;
Senhor! co'a raça humana os teus favores
Aqui reparte; os erros seus perdôa;
Teu culto para sempre aqui comece.
Os poucos marinheiros naufragados
Poderão conquistar, ás minhas ordens,
Tamanha multidão ignara e cega?
Recorro a ti sómente...»

Deus o attende;
Os seus com fiel passo o vão seguindo;
Em breve a confiança é premiada.
Larga choupana, de canniços feita,
Lhe offerece o banquete dos selvagens,
Que para longe o medo afugentara,
Pavões e lamentins, maïs, corisos,
Que era o que mais na terra se estimava;
Os hespanhoes famintos devoraram
Estes manjares, no seu clima ignotos.
Anoitecia; a selva as aves buscam,
O tigre o seu covil e o tecto os homens.
Admirados os nossos viajantes
De que ao cahir da noite o seu retiro
Não tivesse senhor, provam do somno
O balsamo suave que os repousa
Dos trabalhos terriveis já passados.
Inquietal-os em vão tentara o medo,
A fadiga entre os sustos adormece.
Mas, apenas Colombo sente a brisa
Da fresca madrugada,

«Meus amigos,
Vejamos,—diz—se os unicos seremos
Que escapámos do misero naufragio!»

Transpõem o monte, e a plaga descobrindo
Mastros não vêem, senão os naufragados.
De um secreto pavor atormentado,
O seu turbado espirito lhes lembra
Esse dia em que o céo ennegrecido
O Pontifice e Fiesqui extraviaram.
Do passado e presente reunidos,
Os males a seus olhos se apresentam;
Não sabendo das outras naus a sorte,
Tentam em vão fixar sua incerteza;
Mas que encanto! um celeste mensageiro
Vem reanimar seu animo abatido.
O céo atravessando o embalsama
Com o cheiro das flores; e o seu brilho
Todos os corações encanta e alenta
Com a luz de fagueiras esperanças.

«Um anjo vem por certo esclarecer-nos!»

Assim disse o Almirante, e logo o anjo,
Como o pastor do gado seu cercado,
Para a montanha sobe, e os nossos nautas
Os seus passos de longe vão seguindo.
Tudo os encanta n'estes bellos prados:
Não é preciso que a fadiga humana
Arranque á terra o annual producto;

Baccho e Céres aqui não teem morada;
Os bosques que sem arte os prados ornam,
Do sol meridiano o ardor moderam;
A natura que attende ao necessario,
Jámais da folha as arvores despoja;
Ama o cançado Castelhano as sombras;
Os votos seus previne alli Pomona;
Mas, dormindo, n'um sonho tempestuoso,
Vêem nos transes da morte os que procuram;
Cruel inquietação lhes rompe o somno;
Correm á praia, e a cada instante cuidam
Ver a frota chegando á nova Estancia.
Mas sempre temerosos divagaram.
Da sua angustia o Anjo condoido,
As montanhas aplana, e como um facho
Para a margem do mar attrahe Colombo.
Corre, e tudo lhe afaga a espectativa;
Aos olhos seus o mar se desenrola,
E do alto de uma rocha a frota avista.
Sabe a arte pintar com vivas côres
O homem a quem persegue sorte infausta;
Prantos, suspiros, sua dôr exprimem;
Mas a ventura aspectos mil reveste:
O motim, os festejos, e as risadas;
E até mesmo as lagrimas de gosto,
Nem sempre pintam bem os seus accessos.
De alegria indizivel penetrados,
Sem receios, ignaros do caminho,
No porto sem demora se reunem.
Os chefes todos o Almirante cercam;

Este lhes conta a sua boa sorte,
E aquelle os seus tristissimos eventos.
Do Almirante a presença alegra a todos,
Mas Ximenes é o unico que soffre,
E devora em segredo o seu desgosto.
Desde que Marcossy o heroe divisa,
Pensa que o seu destino se adoçara.
No momento em que Phebo com seus raios
Os dois lados do monte esclarecia,
D'est'arte o Almirante a sorte fixa:

«Ibericos valentes, recordando
Esse instante, em que sobre nós cahiram
Em tropel pavorosas desventuras,
Admiro que estejamos aqui juntos,
E reconheço o Deus que nos protege;
O inferno em vão combate os seus projectos,
A palma é nossa; mas pensae comtudo
Que a paz mais que o triumpho a gloria exalta.
Acaso pode um Deus todo harmonia
Seus devotos expor a tantos males
Para que a morte e sangue ao Indo levem?
Não por certo. Elle quer que sem pelejas,
Esse paiz o culto seu receba;
Procuremos vencel-o com brandura;
Um povo bom e justo combatendo,
Tanta gente a gran custo venceremos;
Demos o mando ao coração sómente;
Amigos, um só meio a seguir temos;
Unâmo-mos; as selvas percorrendo,

Accommodado asylo procurando,
E d'esta gente o animo ganhemos
Com a nossa virtude, e affavel trato;
Pelo céo que esta voz escuta, juro
Que a lei dictará só vosso interesse.»

Assim disse Colombo, e os seus guerreiros
Com plena confiança o vão seguindo.
Margarite e Pizarro desembarcam
De seus navios os corceis que restam.
Morgant os seus molossos reanima,
Mendes, do trem guerreiro se encarrega.
No porto guarda Alvares a frota;
O céo invocam todos; este espera,
Aquelle treme; e um padrão levantam
Em honra da Iberia, e concordaram
Que Hespanhola esta ilha se chamasse.
Em procura de asylo a praia deixam.
Colombo á frente vae, seu Lingua ao lado.
O astro da noite penetrar não pode
Na sombra dos cerrados arvoredos,
Mas brilhantes e innumeros insectos
Allumiam, bem como essas lanternas,
Que embellezam de noite os nossos jogos.

Com as estrellas some-se esta scena;
Dobra a noite o seu véo, e nasce o dia;
E de uma bananeira ao pé se ávista
Na fórma de serpente um deus indiano.
Seus altares borrifa o humano sangue,

Que ao seu culto estes barbaros immolam;
E as mais bellas o incenso lhe offerecem.
Ao nosso ruido rapidas se evadem
Como aves que ao açor, grasnando, fogem.
O Hespanhol as persegue, e as alcança,
E seu terror com dadivas dissipa;
Não teem mais que louvar, e dentro em pouco
A sua voz se torna a voz da fama.
O que de choça em choça vão contando,
O bem e o mal desfigurando sempre,
Faz que os velhos fatal sorte receiem,
E que os mancebos, curiosos sempre,
Anhelem com ardor o nosso encontro;
Á porfia as cabanas suas deixam,
E procuram os entes portentosos,
Que com tão vivas côres lhes pintavam.

Entretanto o heroe, que fumo avista,
A origem d'elle conhecer procura;
Avança, e na pesquiza continua
Sobre as areias movediças, onde
O sol do estio tanto ardor derrama,
Como nas solidões d'Africa adusta,
E pasma de não ver morada alguma.
Alli os ventos, ao romper da aurora,
Roubando-lhe a frescura, desenvolvem,
Do sopro de Vulcano a extrema ardencia;
Os fogos de Procyon, que ás nossas messes
Tão uteis são, alli venenos geram,
E produzem reptis; e menos foram

Os insectos que Osiris perseguiram,
Quando, para vingar o povo eleito,
Deus castigou a dissoluta Memphis.
Estas campinas, que o ginete iberio
Altivo trilha recurvando o collo,
Apenas hervas seccas lhe offerecem;
De Albion a matilha em vão procura
Entre os rochedos limpida nascente,
Com que possa apagar a ardente sêde.
Dos alumnos guerreiros o queixume
Torna-se ameaçador; inquietas vozes,
Pela inveja azedadas, se levantam
Em nossos batalhões. Antes que o chefe
Com sua louca audacia o Iberio extingua,
Promette-nos Ximenes que hoje mesmo
Acabará com elle. O Almirante,
Não por si, pelos seus receioso treme,
E mallograr procura o horrivel trama,
Que seria de todos a ruina.
Sabia que a si mesmo a inveja odeia,
E do objecto, que ataca, o valor honra,
E abaixa a frente aos olhos que a descobrem.
Como um rochedo, intrepido se ostenta;
Da terra por amor se entrega ás ondas;
Para o monstro encoberto o heroe corre,
E assim socega os turbulentos cabos.

«Illustres Castelhanos, cujas vozes
Me teem ameaçado, qual a causa
Do terror que mostraes em vossos olhos?

Emprezas commetter, sem ter pesado
Os azares possiveis, denuncia
De genios pouco expertos a imprudencia.
É fraqueza temer o mal previsto.
Pois quê! Os bravos que vencer poderam
Tormentas, raios, poderão acaso
Os calores temer d'um sol ardente?
Sei, que alguns dos revezes anojados,
Para voltar algum milagre esperam!
Mas se ha ahi quem prefira o seu descanço
Ás luctas a que a honra os heroes chama,
O seu desejo cumpra, á Iberia volte;
Os que em nossos projectos persistirem,
Se desejam seguir mais digno chefe,
O meu braço, a que o céo vos entregara,
Se curvará, bom grado, ás ordens de outrem;
Submetto meu poder ao vosso arbitrio!
Mas assumpto tão grave bem merece
Larga meditação; e se alguem acha
Melhor alvitre, em alta voz o explique;
Successor me nomeie, e me censure.»

Disse; e ao tom submisso, e attencioso,
Os corações unisonos respondem
Com este brado muito repetido:

«Só tu serás, Colombo, o nosso chefe.»

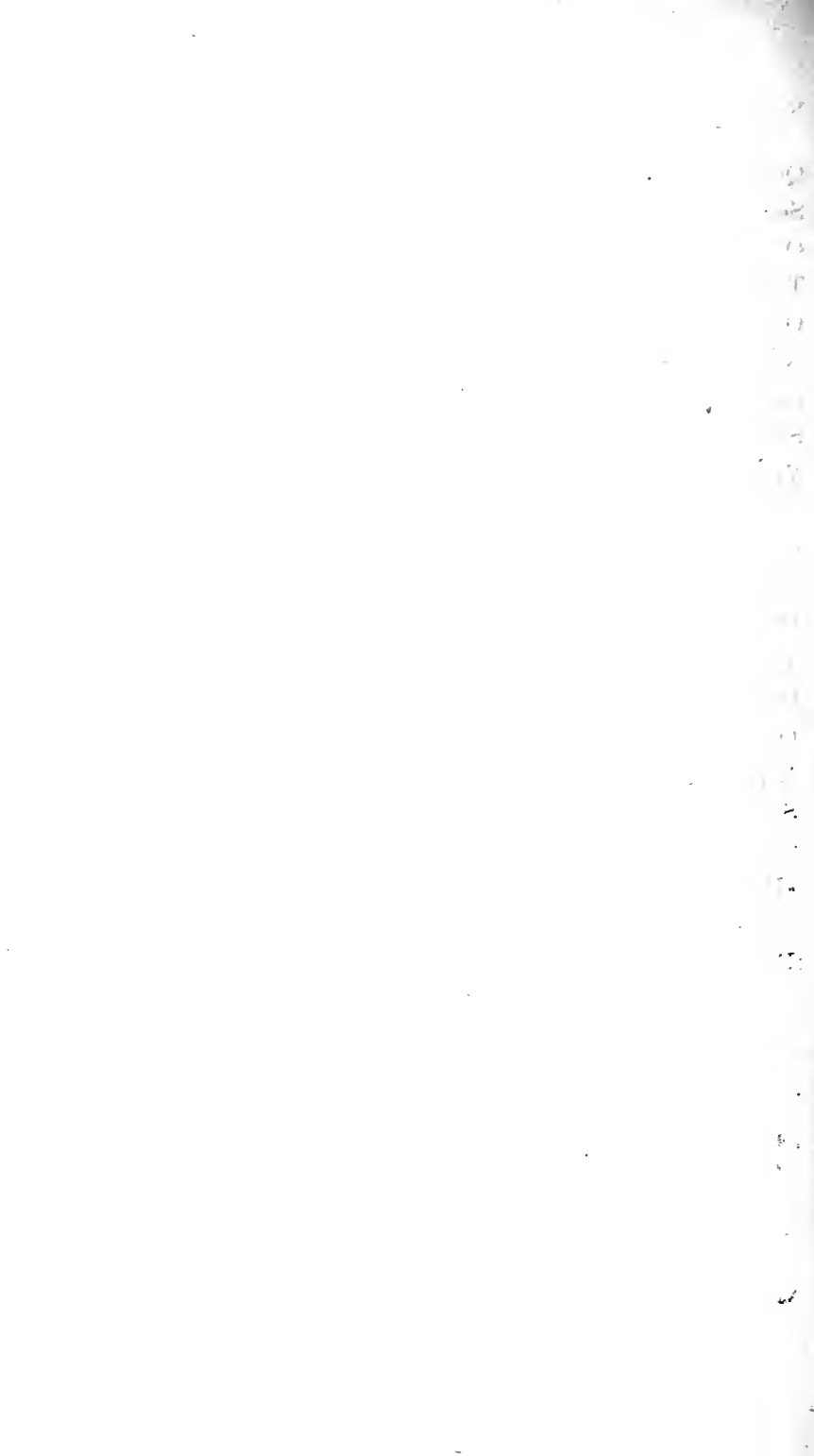
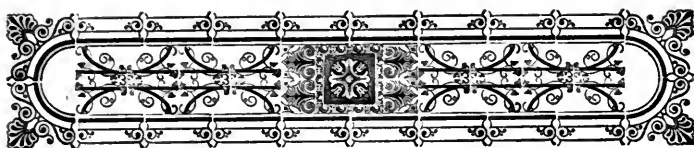
Ao perpetrar do crime muitas vezes
Das victimas aos pés, faz o remorso

Cahir o duro ferro; ao Almirante
Ximenes o attentado seu confessa.
Ninguem resiste; e o Genovez vingado,
Por seus bons modos a discordia algema;
Os demonios do inferno longe d'elle
Maldizem seu triumpho, em vão suspiram,
E devoram o seu pezar profundo.
Como os Hebreus outr'ora no deserto,
Dos infernaes espiritos já livres,
Seus trabalhos os nossos continuam;
Cortam n'um brejo innumeraveis cannas,
Que com seu sumo a sêde lhes saciam,
E aos novos Hebreus de maná serve.
N'este difficil transe, o povo indiano
Os bens d'um fertil solo lhe offerece;
E qual Favonio, após a tempestade,
Dos Hespanhoes o animo restaura.
Um Rei, a quem Cacique appellidaram,
Nu, trigueiro, trazendo sobre a fronte
Um pennacho de côres rutilantes,
Conduzido em andor ornado de ouro,
Aos pés do Vice-rei vem apear-se,
E um carcaz formoso lhe offerece:

«Ouvi dos beneficios teus o echo;
Sei que minhas mulheres, junto a um templo,
Tendo sido por ti mui bem tratadas,
Não cessam de louvar tua clemencia;
Agradeço-te a sua liberdade;

Que poderei fazer que te aproveite?
Servir-te-ha de guia Canarica.
O espanto que tu causas não me assusta;
Teu ser divino fazer mal não pode;
O sangue humano em vão enrubecera
Nossos altares; como um Deus bondoso
Só da formosa flor recebe a essencia;
Se a vida entre os humanos recebeste,
Vem gosar de uma festa que te off'reço.»

O Almirante admirado lhe responde,
A sua gratidão testemunhando.
O hespanhol ajudante vae com elles;
E no banquete a fome faz que em tudo,
Bem que vulgar, achem um fino gosto.
O Cacique a Colombo offerta aromas,
E pretende com ricos dons mostrar-lhe
Sua sincera estima; e accrescenta:

«De uma firme alliança em testemunho,
Dize-me, se vieste á nossa terra
De teu bom grado, ou por contraria sorte.»

CANTO VI

«Tu, cujo coração sensivel, terno,
Se interessa por mim!—Colombo disse—
Crê, oh! rei, que a Divina Providencia
Por bem da humanidade aqui me trouxe.
Lá, onde o sol desponta no oriente,
Um principe domina, a quem eu sirvo;
Elle sómente incensa o Deus Eterno;
As suas santas leis aqui vos trago.
Fernando (cujas armas eu dirijo)
A seus navios submettendo as ondas,
A reciproca troca vos off'rece
Dos thesouros do antigo e novo mundo.
Por garante da sua lealdade
Este nectar da minha mão recebe,

Que é dos nossos banquetes doce encanto;
Desvenda os corações, descobre os vicios,
E os banquetes são, não poucas vezes,
De tratados pacificos primicias;
E oxalá que possa a vosso gosto
A propensão nutrir que vos anima
De preencher em tudo os vossos votos.
Quererás ensinar-me, oh! Rei, agora,
D'este paiz usanças e costumes,
O teu destino, e d'este imperio o nome,
E como os teus favores pagar possa?»

«O teu desejo—o Indio lhe responde—
Eu vou satisfazer. Os meus dominios
Para o norte se estendem largamente.
Do seu seio escarpado mil arroios
Surgem, fogem, e qual volatil bando,
Para sempre o materno asylo deixam;
Estas aguas no mar se precipitam.
Este fertil paiz Hayti se chama,
E por diversos reis é governado.
Povo bom suas leis defende, e guarda;
Dos nossos moços as melhores armas
São a sua destreza e valentia.
Nas pelejas os velhos os dirigem.
Dá-nos abrigo e tecto o arvoredo,
E do ar o calor dispensa roupas,
Que de um forçado incommodo vos servem.
Este povo, que trago em teu soccorro,
Vive sem precisão de bens extranhos;

E com seu Deus contente, não quer outro;
Para tantas nações um só não basta.»

Disse; e o Almirante vivamente,
E com muita eloquencia esse erro impugna.
Tão uteis diversões, n'este momento,
Interrompe um cantor; um novo Ulisses,
Se, como outro Demodoco, cantava,
As musas não conhece, a arte ignora;
Da sua phantasia só se inspira.
Em seus extranhos tons expende, e pinta
Seus heroes, o seu culto, e eximios feitos;
Ao Cacique por fim d'esta arte fala:

«Digna-te de escutar, Principe illustre,
Da nossa historia os fastos gloriosos,
Hymnos que nossos paes nos ensinaram.
Com seu manto estrellado outr'ora a noite,
Filha do tempo, o sol enfeitiçara;
Á sombria beldade se dirige,
Ella foge, elle a segue, e imagina
Que poderá com seu ardor brilhante,
A frieza animar d'essa que adora;
Mas tudo em vão! por que surgindo apenas
Nos céos o seu clarão, a noite foge,
E do ocaso nas ondas se mergulha.
Do constante repudio o sol se irrita;
Para a vencer a occasião procura,
E a seduz n'um crepusculo envolvido.
Uma raça invencivel d'aqui veiu

Domar a nossa terra. Muitas vezes
Entre si estes numes se batiam.
Foi afinal seu culto destruido;
E a deuses mais propicios nossos padres
Offertam reverentes sacrificios.
Estes mesmos antigos me ensinaram
Que de principio o Acaso os produzira,
Que os rios são o sangue que a percorrem,
E os ventos são o halito que a anima,
Metaes as fibras, e os rochedos ossos,
Seus cabellos os cedros e os ulmeiros.
Graças á calma, suas entranhas ferteis
De entes mil o recinto lhe povoam;
Se este jaz, e se esconde, outro se expande.
Dos fructos que produz em todo o tempo
Nutre-se tudo; e todos os seus filhos
Sua carreira por seu turno acabam.
Uma raça fenece, uma outra surge;
E esse astro, que na terra a luz derrama,
Todos os dias seu fulgor renova.
Na origem sua, (a antiguidade o affirma)
Creou nymphas, e innumeros gigantes.
Nossos primeiros paes d'elles nasceram;
Seus manes os oraculos explicam.
Quando me apraz, e com o seu auxilio,
A tua mocidade manter posso;
Quando mulheres mil a enfeitiçam,
Só Vasconda despreza os seus ardores;
Se esta ultima Rainha em tudo impera,
Arme-se o teu valor para a vingança;

O seu poder sómente aqui se teme;
A minha arte contra ella te offereço.»

Canaric ao seu canto aqui fez pausa;
Com o licor de Bacho se reanima;
A voz do Coripheu o attrahe á dança.
Na embriguez do festim, que finda em breve,
Vem-lhe á lembrança os lenhos Castelhanos,
E admiral-os de perto muito anhela;
O seu desejo em breve é satisfeito;
Para a frota o Almirante presto o leva;
E honrar fingindo o principe que o segue,
Quer parecer aos Indios formidavel.
Com cem boccas de fogo attroa os ares
Espantoso arruido, o acceso enxofre
Nos céos fuzila, e toda a equorea turba,
Assustada, no fundo mar se esconde.
Assombrado o selvagem cae por terra;
E os incolas do bosque, accreditando
O trovão escutar, levantam gritos,
Que nunca os Hespanhoes ouvido tinham;
As mães ao peito os filhos apertaram.
Simulando-se firme, o rei indiano
Não estava por certo mais tranquillo
Do que o Hebreu do Horeb nas cumiadas
Quando, entre raios e trovões horrendos,
O Eterno lhe dictava os seus mandatos.
Nota o Cacique, e admira as raridades
Da terra extranha, e tinha por mal pago,
Com o ouro que dera ao Almirante,

O copo de crystal que recebera.
O enlevo d'estes frivolos presentes,
Cuidando ornar seus idolos com elles,
Mostra o que vale a opinião mil vezes;
O ouro, que entre nós o orgulho busca
De rojo, e servilmente, com vil brilho
D'estes selvagens reluzia aos olhos;
Attonito de tal sabedoria,
Em vez de os imitar turba-se o Iberio.
Emquanto Canaric o heroe occupa,
Teule e Boïa, que n'este outro Hemispherio
O erro collocara entre as Deidades,
Buscam manter seu vacillante culto,
E empregando seus ultimos esforços,
Seu mais terrivel adversario ganham.
Este monstro Avareza appellidado,
Que de fazer o mal nunca se cança,
Que após dos bens reaes corre illudido,
Que a fome impelle, e o terror dirige,
Entre as furias do Tartaro chegando,
Sorri com magro rosto a este rogo.

«Tu que na divisão dos bens nasceste,
Teu jugo soffrerá sómente o Oriente?»

No Bosphoro por ti Jasão penava;
Polymnestôr immola Polydóro,
E onde Pluto te chamam, e te incensam,
Danae venceste, corrompeste a Creso;
Vem n'este novo mundo proteger-nos;

Se aqui reinar sem ti outr'ora ousámos,
Apesar d'isso para teu socego,
Vem nas fontes do ouro saciar-te.

D'esta maneira as Indicas deidades
Imploram a Avareza. Este esqueleto
Presta a seus rogos um propicio vôo;
Por toda a parte, a que o conduz a guerra,
Deixa vestigios tristes, horrorosos,
Como os raios nas terras que fulminam.
Quando, nas Indias pela vez primeira
Do ouro o demonio fez soar seu brado,
Aterrados, fugiram os selvagens;
Mas homenagem vil lhe rende o Iberio.
Nossos guerreiros, esquecendo as ordens
Do Almirante, e seus altos projectos,
O mesmo céu, e os infernaes abysmos,
Sentem d'essas riquezas sêde ardente.
Este desejo noite e dia occupa
Seu coração de ardentes esperanças;
Já iam de antemão saboreando
Os prazeres que Pluto aos seus promette.
E á guisa do feroz faminto lobo,
Os cordeiros pacificos devoram.
Na sua mesma choça de caniços
O Indiano perseguido, é despojado
Dos seus bens, dos seus idolos, e femeas;
A seus olhos o ouro pouco vale,
De bom grado o abandona, mas seus Deuses,
Ultrajados, e o seu consorcio roto,

Vingança indefectivel lhes requerem;
E recobrar buscando a sua Helena,
Mais de um marido miseravel morre.
A demasias o hespanhol entregue,
O remorso, a piedade não conhece;
O pudor abandona; e a minha musa
Pintar não sabe o horror com que é notado.
As desgraçadas victimas, que fogem
A tantas crueldades, vão pensando
Que é o oiro sómente o Deus da Hespanha,
E por livrar-se emfim d'esse inimigo
Ao mar, sem pena, o Indiano o arroja.
Longe dos males, que produz o inferno,
O novo mundo chora a paz perdida;
Para vingar-se insurgem-se os selvagens.
Dos combates Colombo o estrondo sente,
E, surprezo, seu animo se irrita.
Essa Rainha, cujas leis emanam
De um Deus bondoso, quer que o heroe deteste
Os horrores da guerra, mas, forçado
A combater, corre a affrontar a morte,
E obtendo do Rei indiano auxilio,
Como o sol que desfaz cerrada nuvem,
Aos Castelhanos diligente acode.
O espanto, a morte, que lhe segue os passos,
Dispersa em breve a Indica phalange;
Mas qual fosse dos profugos a perda
Saber não poude ao certo o Almirante;
E para lhes roubar maior triumpho,
Os seus mortos na areia sepultaram.

Como as ondas que Eolo ergue e agita,
Voltam á carga com arrojo insano;
Repellidos, aos bosques se retiram.
Se flechas mil, d'além arremessadas,
Dos nossos a avançada suspendiam,
Os seus antemuraes viam os Indios
Cahir do trovejante bronze aos tiros,
Bem como esses monticulos de areia,
Que um vento casual ergue e dissipa.
O heroe, para obter a paz que anhela,
Espalha dons e põe em liberdade
Os captivos, que tinha aprisionado.

«Vedes que escravisar não pretendemos,
E que até a inimigos perdoamos.»

Esta bondade aqui desconhecida,
Do Almirante, a contento a guerra acaba.
Ao arraiar da aurora um bando de Indios,
Bananas copiosas vem trazer-lhe.
Por algum tempo o vencedor socega;
Mas de ouro a sede em breve o enfurece.
Os Indianos timidos se escondem,
E á miseria, entre o ouro, o abandonam.
Esperança não ha, não ha soccorro,
Que lhes possa valer; e, alimentados
Por animaes nojentos, hervas comem;
E o somno, que lhes foge, a fome aggrava.
N'este apuro o bondoso Margarite
Os pombos, que partir não pode, solta.

Ojeda em vão novo Pactolo encontra;
Um instante o soldado se consola;
Porém a fome lhes lacera o peito;
Assim de ouro repleto, mas faminto,
Como o outro, Midas, a riqueza odeia.
Quando o medo da morte a todos gela,
O Genovez intrepido se mostra;
Só o perturba a sua previdencia;
Fórma projectos mil, e esperançado,
Soccorrer-se resolve ao Canaric.
Por ordem sua o principe Indiano
Procura Marcoussy, e o proprio anjo,
Que aos Iberios nas luctas assistira,
Seu abatido espirito reanima.
Para o occidente a marcha tudo assusta;
Todos fogem, porém Vasconda reina,
E pelo inferno seduzida, intenta,
Para perder os nossos navegantes,
Os seus estados franquear ao chefe.
No quinto lustro já do seu divorcio,
Novo hymineu, voluvel, contrahira,
Quando a fama dos feitos de Colombo,
Lhe fez sentir do amor violento effeito.
Um Deus o julga com feições humanas.
E ao seu orgulho esta ambição sorria.
Ordena a seu irmão Cibo que parta
Para o campo extrangeiro; ás suas ordens
Leva soldados com pennachos brancos,
(Feliz signal da paz offerecida).
Com largos dons aos pés seus se ajoelha;

E um temor invencivel disfarçando,
Em respeito apparente ao Almirante,
O selvagem de longe assim se explica:

«A Rainha, qua n'esta ilha impera,
Genio divino, off'rece-te a alliança,
E coroar deseja os altos feitos,
Que o teu nome famoso teem tornado;
Vem para a sua côrte, cuja estancia
Celeste habitação tem feito a arte;
Dize-lhe que em penhor da minha offerta
O meu querido irmão aqui lhe entrego.»

Da mensagem attonito o Almirante,
No miserrimo estado em que se achava,
Bom grado da Rainha annue aos votos;
E com pompa dos seus acompanhado,
Os Insulares para o bosque segue.
Ás mulheres o fausto impõe mil vezes;
Colombo d'este achaque se approveita,
E a nossa princeza o não desdenha;
De espaço a espaço encontra montanhezes,
Mais velozes, que os seus corseis no curso,
Que em palanquins aos hombros o transportam.
Do Xaraguá em breve o lago avista;
Perto do seu destino, em um outeiro,
Lindas moças, sem conto, acompanhadas
De guerreiros mancebos, á porfia,
Bastos ramos de palma lhe apresentam,
E com suas cantigas o convidam

A que vá á Princeza reunir-se.
Seu palacio, que a Deusa denuncia,
Ostenta mais rubis que o céo estrellas;
Vasos de incenso, pela tarde accesos,
De seus ricos jardins a sombra expulsam.
Flores, fructos, folhagem, ouro é tudo;
E os dons da terra de tal modo pintam,
Que do insigne Germain parecem obra.
No centro do jardim largo circuito,
Cujo ambito brilhante areia adorna.
A Rainha sentada em throno de ouro,
Da côrte rodeada, rutilava,
Como em sombria noite a luz do dia.
Esparsa sobre o peito a negra coma,
Que de véo lhe servia, com o brilho
Da sua pedraria offusca os astros;
De plumas encarnadas leve cinto
É todo o seu enfeite, e seu vestido.
Se bem, que de feição formosa e esbelta,
O anhelo de agradar no seu ornato,
No seu modo selvagem bem se via,
Que desde a infancia nada lhe ensinaram.
A côr de lis, que os nossos vates cantam,
Nunca as formosas do Indo embelleceram.
Se os encantos não tem de Hebe ou de Flora,
Nos olhos penetrantes e amorosos
A audacia da sua alma transparece.
Colombo a vê e admira; mas presente
Que não pode extinguir-lhe a antiga flamma,
E em vão disputa a Zama o seu triumpho.

«Sim, oh! Zama!—exclamava.—De meu peito
Jámais será riscada a imagem tua;
A esperança de ver-te, viva sempre,
Só me permitte que por ti suspire.»

Com estas magoas, (que a Amazona ignora),
Approxima-se d'ella a passos lentos,
E off'recendo-lhe estofo recamado
De variegadas e brilhantes flores,
Assim lhe diz:

«Rainha, ás vossas ordens
Venho entregar-me; esta brilhante côrte
Muito me surprehende, e desejára,
Que a minha gratidão correspondesse
Aos favores que tenho recebido.
Bem que a deusa aqui sejas da riqueza,
Este mimo, primor d'arte, aprecia.»

Disse; e a Rainha o seu presente acceita;
E off'recendo-lhe incenso, a mão lhe toma,
E para a festa preparada o leva.

«Tua clemencia—assim lhe vae dizendo—
É mais rara que o ouro em nossa terra;
Teus feitos e virtudes nos revelam,
Que de algum Deus és filho; em mortal corpo
Gosa pois dos humanos as delicias.
Para o trabalho não é propria a noite;
Quando as lidas do dia nos fatigam,

O somno e a comida nos restauram;
Comerás do melhor de nossos fructos.»

N'este ensejo a seus olhos se off'receram,
Sob espaçoso toldo, quantos fructos
De mais primor produz a natureza;
Escravos, de continuo ventilando,
A frescura dos Zephyros derramam.
Do muro em torno, innumeros macacos
De ouro massiço em suas mãos sustentam
De sandalo brandões, que a noite afastam.
Alli, aos olhos, coloridas cifras
Debuxam as façanhas de avoengos,
E por fios de perolas calculam
O numero dos annos e os reinados;
Com a concha de enorme tartaruga
Um sofá lhe formaram; e a mesa
Em que a Aca de nectar representa,
É por nymphas servida em corneos copos;
Mas em festim tão variado e novo,
A Princeza só vê o Iberio chefe;
De continuo o interroga, e o fita sempre.
Chegando a noite ao meio do seu curso,
Em brando leito cada um se encosta;
Muitas macas pendiam das paredes
De um dilatado portico; no centro
A Princeza sob um docel repousa;
Os indios, que sollicitos a guardam,
E servem o heroe por ordem sua,
O ar, que o cerca, perfumam, e refrescam.

Apenas no seu throno o sol assoma,
Os hespanhoes, do somno despertando,
A attenção dos selvagens peroccupam;
Por Vasconda chamado o Almirante,
A um laranjal por ella é conduzido,
E avista uma esplanada rodeada
De viçosos loureiros; n'este circo
Innumeros guerreiros dão começo
Aos seus extravagantes exercicios.
Com a cabeça e pés rapidamente
Ao ar arrojam infinitas pellas;
Aquelle que mais alto as atirava
O premio tinha de marmoreo sabre
Para a guerra afiado subtilmente.
No tiro, exercitados pela fome,
Nenhum archeiro em pontaria os vence.
Dois dos amantes da gentil Rainha
Da Elida os athletas rivalisam.
Macatex, de estatura agigantada,
A Zamex, seu rival, a faca lança.
O joven Rei á desaffronta corre;
O outro, como um rochedo firme o espera,
Medindo com olhar cioso, altivo,
O intervallo que os golpes seus separa;
Dos mais feros leões a lucta imitam.
Por tres vezes o joven lhe resiste
Pela sua dextreza protegido,
O pesado gigante fatigava:
Porém cahindo emfim sob o seu peso,
Mordendo a terra, os gritos seus suffoca.

O vencedor a palma não espera;
O seu premio antecipa. Outro combate
Ninguem ousou tentar. Proximo bosque
Offerece ao festim propicia sombra;
Da côrte os bobos á risada incitam;
A noite veiu, e os jogos terminaram;
Mas ao romper do dia o Almirante
Vê começar, surprezo, uma outra festa.
Prestes para um combate, cem canôas
Do lago Xaraguá as margens cobrem;
Remando com vigor a ponto partem,
Para travar a aquatica peleja;
Sua dextreza o seu furor eguala;
Este ao pégo o inimigo seu submerge;
Outro vogando o seu rival ataca;
Investem-se, retiram-se, e a dextreza,
A ligeireza, ou arte, outorga a palma.
Coroados os remos vencedores,
Como o insecto que ás costas traz a casa,
Suas canôas os remeiros levam;
Seus cantos, que a Rainha aos céos levantam,
A tropa animam que o seu carro tira.
Saciado de nectar, junto d'ella,
Vê o Almirante, em torno do palacio,
Aos Zémes consagradas, virgens nuas;
Na fórma de uma esplendida saphira,
Os deuses do Indo os votos seus recebem;
E julgam que com esta terna offerta
Um hymeneu supremo alcançar podem.
E de quantas depõem sobre os altares

Os brilhantes rubis, nenhuma d'ellas
Em graça e gentileza desmerece;
Se o seu canto não é melodioso,
Como o canto das nymphas de Cythéra,
Sua voz, nova, terna é mais tocante;
D'esses jogos floraes, que exaltou Roma,
Este bando innocente ignora os vicios;
Sobre a florida relva, o amor, e os risos,
Sem a menor licença dançam, folgam;
Assim como, cahindo agua celeste
D'um crystallino tanque sobre a face
Fórma, e destroe, mil circulos diversos,
Assim o joven bando em varias fórmas
Em cadencia se juntam e retiram.
Mil amantes que o seu ardor exprimem
Com os seus cantos a cadencia marcam,
Que o movimento de seus passos rege;
A mais agil se louva, e ao som da frauta
Com flores se corôa a mais formosa.
De seus festejos a Rainha ufana,
Recrescer-lhe a paixão com magoa sente,
Qual braseiro, co'a cinza suffocado,
Se se agita, desperta e chammas lança.
Para reter o chefe, que pretende
Apressar a partida, aos seus encantos
Junta a Princeza os attractivos da arte;
E o rubor, que na face lhe apparece,
Revela que á ternura o orgulho cede.

«Filho dos céos!—ao Genovez dizia—

A crer o que mil vozes me referem,
Podes, voando, atravessar os ares;
Os raios tens na mão, temem-te os monstros;
Nos teus olhos divino fogo brilha;
O teu condão ao meu poder allia.
Todos os Reis aqui preito me prestam;
Minha corôa partirei comtigo,
E vencerás em breve o mundo inteiro;
Quem poderá depois incommodar-nos?
Todos na minha côrte me respeitam;
Mas minha condição, ouro e nobreza,
Se commigo os não gozas, nada valem...
Mas a morte, ai de mim! virá um dia
De teus braços roubar-me... e acaso posso
Comtigo partilhar a essencia tua?
Sim, renuncio os bens que á morte devo,
Para sempre reinar aqui comtigo.»

Calou-se, mas deixou falar seus olhos.
O seu espanto o Genovez disfarça,
E com discursos dubios e confusos,
Da Rainha, de quem muito precisa,
Offender a altivez cuidoso evita;
E co'as leis do dever assim se excusa.

«Vós, cuja formosura a gloria exalta,
E cujos beneficios, e propostas,
Excedem tudo o que esperar podia,
Mereceis que vos fale com a candura,
Que a minha gratidão profunda exige.

O homem, a seu sabor, á Fama presta
As paixões, que sua alma senhoreiam;
O terror, entre nós, um Deus me julga;
Mas crê que hei de juntar-me aos meus na campa.
Nascidos no logar em que o sol nasce,
Essencia mais subtil nossa alma toma;
Nossa arte dos trovões o estrondo imita;
Esse animal fogoso, em que pugnamos,
E que um monstro indomavel vos parece,
É das selvas pacifico habitante.
Altares usurpar qui não venho,
Mas prégar que um só Deus o mundo rege.
E embora a nossa lei vede contacto
Co'os povos infieis, venho espalhal-a.
Como podera eu pois, alta Princeza,
Dando-vos esperanças, infringil-o?
Não por certo; mas só para servir-vos
As nossas armas, e o meu proprio braço,
Darão cabo de vossos inimigos;
Fala!—disse—Rainha, eu te obedeço!»

De subito no rosto da Rainha
Violenta agitação se manifesta;
Pela primeira vez contrariada
(Se o irmão de refens não fôra dado),
O jus não respeitára da hospedagem;
Mas, escrava do fogo que a devora,
Esperando vencer o heroe querido,
Seu despeito suffoca, e assim lhe fala:

«Não! certamente, nada tens de humano,
Senão, inda que heroe o mais soberbo,
Engeitar não ousáras minha offerta;
Vil ingrato de um Deus provir não pode.
Dize-me pois dos avós teus a origem.
Meu ambicioso coração conheces;
Meu odio teme, e quem ousa offendel-o,
Não tem mais que esperar, que prompta morte.
Ah! em vez de curvar-me aos teus altares,
As leis dos nossos Deuses vou dizer-te.
A vida, por arbitrio meu te outorgo;
Podes partir; mas pensa que cançando
Minha clemencia, temerosos p'rigos
Poderás encontrar n'estas paragens;
E que, se aqui, por dias tres faltares,
O meu povo, que os raios teus não teme,
Vos irá atacar, punindo o crime,
E victimas serão teus semi-deuses.»

Aqui suffoca a furia os seus accentos,
E para o occultar rapida foge.
Partindo, de riquezas carregado,
D'esta largueza o Genovez se teme.

CANTO VII

ERA noite, momento em que os desejos
Na solidão se nutrem, e se accendem,
E a Princeza, afflicta, entre soluços
Recordando os desgostos, que a atormentam,
Copioso, amargo pranto derramava.

«Pois quê! deixarei eu que um povo extranho,
Incolume se ausente, e esse guerreiro,
Que ousa contrariar-me? a sua astucia
Zombará do poder que o amparára?
Oh! antes que o repudio seu podesse
Affrontar meu orgulho, deveria
Sem remorsos um tumulo erigir-lhe.
Caro Cibao! O amor que te consagro

8 *

Foi sómente o que o meu amor conteve...
Mas hoje toda a minha piedade
O que me offende preservar não pode...
Mas não! o ultimo golpe suspendamos.
Pode ser que o esplendor do meu diadema
Deslumbre ainda o ingrato que me foge;
Que importa o preço por que pode amar-me?
Se é Deus, maior fará minha grandeza;
E quando do hymeneu gosar o encanto,
Render-se-ha, de bom grado, ás minhas prendas.
Mas, Deuses! que illusão! dos seus affectos
Julgo como os d'aquelles que me amaram;
E o estrangeiro, que o medo aqui deifica,
Talvez não seja mais que um feiticeiro
Que os venenos do amor torna agradaveis!
Não mais o veja, evite-se o perigo,
Da memoria se expulse a imagem sua,
Como um sonho que rapido passára.
Minha arte e talismans, conhecedores
Dos seus segredos, prestarão appoio
Ás sentenças do oraculo sagrado.
Imploremos, consultem-se os mysterios,
Aos Deuses infernaes sacrifiquemos,
E para despicar os meus encantos
Céos e Infernos da guerra as furias soltem.»

Isto dizendo, o seu leito abandona;
Sem outra escolta mais, que amor e medo,
Vacillante caminha, mas o orgulho
Seus passos esclarece, e a fortifica.

Adianta-se, e Diana favoravel
Os seus encantamentos allumia.
Mais habil que Medêa em seus trabalhos,
Por tres vezes, com magico artificio,
Os finados dos tumulos evoca;
O seu lugubre canto o echo repete,
Treme a terra, e os astros se annuviam.
Rainha altiva! o teu saber debalde
Ao veneno das serpes tira as forças;
Teu coração, de amor incendiado
Ignora como apasiguar se possa.
Como em suas orgias as bacchantes,
Ao acaso Vasconda erra nos bosques,
Transvia-se, e uma gruta se abre ante ella.
Morava alli um cego feiticeiro,
E crê que assim melhor lê no futuro,
E d'este velho, quasi moribundo,
D'esta maneira o oraculo interroga:

«Caro Huscá, o extrangeiro portentoso
Será das ondas ou da Aurora filho?
Deverei respeital-o, ou pol-o em ferros?
O que elle é, me declara, e faz que os Deuses
Possa propiciar com sangue humano.»

A côma do ancião no mesmo instante,
Como um phosphoro, brilha em noite escura;
Quando o esforço convulso que o agita,
Os delphicos delirios annuncia,
Sobe com elle ao templo em que os seus Deuses

Por sua voz oraculos proferem.
Este cantão regia o Druida indiano,
E debaixo de um vasto peristilo,
Aos seus Deuses piedosamente orava,
Pelo innumero povo que affluia.
Estes hediondos idolos, sem fórma,
Revelam bem que o medo os inventára.
Paredes, sem betume construidas,
Formam de seus altares o recinto;
Os tectos, que alavancas não ergueram,
Esculpidos ostentam por ornato
Das immoladas victimas os craneos.
Assim, barbaro culto, o crime exaltas!
A sua vasta abobada sustentam
Columnas colossaes d'ouro massiço;
Estes Indios, então da arte ignaros,
Pensaram que os Titães, que alli se viam,
Tinham sido monarchas deshumanos,
Que assim foram em pedra transformados.
O vicio, em toda a parte combatido,
Prova que o erro mesmo o justo applaude.
No centro d'este templo uma ara se ergue,
A modo de pyramide, e no topo
Um Deus em fórma d'Atlas, com mais olhos
Do que o Argus tivera, em tudo véla;
Com mais braços que teve o Centimano,
O inferno, a terra, e os mesmos céos ameaça.
D'estes Deuses se immolam nos altares
Seres queridos, seres lastimados;
Mas o sangue ao ministro é doce e grato

E quando ao voto publico se torna
O seu propicio, unanime concerto
O seu contentamento manifesta.

«Universal espirito, que reges
Tudo que existe, faze que possamos
Derrotar nossos bravos inimigos.
Os nossos sabios anciãos conserva,
Para que a nossa mocidade guiem;
Protejam nossos filhos numerosos
Os nossos velhos annos; fertiliza,
A sabor do cultor, nossas campinas;
Das traições nos avisa em alguns sonhos,
E quanto a morte nos lançar no abysmo,
Nossos avós e esposas recobrando,
Ser-nos-ha menos duro o eterno exilio.»

Já tinha visto Phebo duas vezes
Outro hemispherio, desde que a Rainha
Tinha aos céos dirigido as suas preces.
Ornado o templo das mais bellas flores,
Com luzeiros de sandalo brilhava.
Alli, com discordante gritaria
Mil attitudes loucas, exquisitas,
Se exprime o voto, que ao seu Deus dirigem.
Aos lamentos dos miseros meninos,
Que são sacrificados, só responde,
O pae amargurado em altos gritos,
Que acompanham cem lugubres tambores.
De uma planta inflammada a essencia aspiram;

O exalado vapor provoca o somno;
E ao despertar, a embriagada turba
Annuncia, que leram nos seus sonhos
Os segredos da sua divindade.
Huscar, no seu cubiculo encerrado,
Estes embustes largamente explica.
Durante a noite, inquieta, sem repouso,
Cada instante Vasconda mais se afflige.
Para ver se afflicção tamanha aplaca,
Do magico, outra vez, ao antro volta;
Mas em que estado o acha! um triste evento
Occultando, o ancião desfeito em pranto
Cae a seus pés, afflicto, soluçando.

«Sem demora—lhe diz—tudo me explica;
Meus receios socega; uma alma firme
Deseja conhecer, Huscar, seu fado;
Luctar contra o seu mal, custa-lhe menos
Que uma duvida horrivel, que a aniquila.
Ordeno-te que fales.»

«Obedeço,
Respeitavel Rainha—Huscar responde—
Mas tremei. Esta noite os nossos deuses
Com trovões abalaram nossos muros;
Minha alma viu o espirito sublime,
Auctor da tempestade enfurecido
Bradar aos pés d'um vingativo nume;
Tolhia o seu poder ignota força;

Quando, para aplacal-o, procurava
Accender o thuribulo, o seu templo
O Idolo desampara; e a despeito
Da tormenta, e arruido das serpentes,
Que em torno á sua fronte sibilavam
Poude escutar estas palavras: *Treme!!*
Chega o tempo em que os teus deuses vencidos,
Recusam teu incenso. Os teus convenios
Dissolvidos estão. Dize á Rainha,
Que sem remedio a sua perda é certa.
No mesmo instante o espectro cae por terra,
Pretendendo com elle sepultar-me,
(Arrancado ao altar que me sustinha),
No Temeroso abysmo que se abrira.
O mal a que te expões, Rainha, evita.»

Disse; e bramando o inferno e o ar em fogo,
Da Rainha algum tempo a voz suffocam;
Mas o seu coração altivo e cego,
Em vez de se aterrar co'a tempestade,
Dos avisos do céo soberbo zomba;
E da mentira o espirito é forçado
A predizer verdades, que o perturbam.
Como o filho d'Ozias, obcecado,
Seu povo expoz a bellicos desastres,
A incredula amazona crê que pode
Vencer com sangue humano a sorte adversa;
Em breve ao seu terror succede a raiva.

«Se escravos estão já os nossos Deuses,

Não preciso tornar a supplical-os
Para que nos defendam! mas de certo
Encontrarei na terra outros soccorros;
Tiremos do seu seio armas, venenos,
E ataquemos sem susto os falsos Deuses.
Sua deidade a vãos rumores devem;
E nossos dardos podem mais na guerra.
Mil vezes sonho horrendo a dita encobre.
O terror te allucina, Huscar; prepara
Sacrificio que aplaque os nossos Deuses.
Contra os teus inimigos vou bater-me;
Em vão espero o impostor que prezo.
Foge, infausta esperança! Já tres vezes,
Sem que o visse, raiou nos céos a aurora;
Contra elle o Universo revoltemos.»

Ditas estas palavras, balbuciando,
O seu furor, a passo accelerado,
A reconduz ao paço que deixara.
Por ordem sua, o seu fiel ministro
No Xaraguá reune os potentados
Dos visinhos cantões. Alliciado
Pela Princeza, o seu partido segue
Anabó, que altos montes fortificam;
Para pagar favores recebidos
Iscá ao seu alvedrio se submette;
Banez, Azor, Nabá, apaixonados,
Ao seu primeiro aceno acodem promptos.
Zané, que os montes do ouro senhoreia,
E Macaté, amante da Princeza,

Gigante, que do sol filho se julga,
Eram da côrte ha muito os conselheiros.
Sobre alguns troncos de arvores sentados,
Em torno de um extenso alpendre esperam,
Que a Princeza appareça. Em breve chega,
Sobe ao throno, e nas mãos em vez de sceptro
Diz o que intenta o bellico estandarte;
Seus olhos amorosos, e guerreiros,
Despedem como soes brilhantes raios,
Que a custo supportar pode o conselho.
Ficam immoveis, e no peito occultam
O encanto, e respeito que os commove.
Em meio do Senado, que parece
O templo do silencio, largo espaço
Recolhe o seu espirito a Princeza;
Reanima-se e aos Caciques assim fala:

«Da nossa ilha, illustres defensores,
Cujo valor na guerra me auxilia,
Lembrae-vos que não é a minha gloria,
Nem meu proprio interesse o que vos move
A levar a effeito o que emprehendo;
Só o commum perigo aqui nos une.
Pois que! os nossos subditos entregues
A quantos males ha, em vez de ousarem,
Para os vencer, tentar o ultimo esforço,
Hão de soffrer no seio o estranho abutre?
Quando, ao nascer, se não apaga o fogo,
O mesmo ar o alimenta, e tudo abrasa.
Por nosso bem expulsem-se os infames,

Que o seu bem ao terror vosso só devem.
Vereis que os tiros, que por seu luzeiro
Os Caciques espantam, dentro em pouco
Dissipados serão pela minha arte.
Já por mim, dos infernos evocados
Teem sahido os demonios, e desfeitos
Vão ser os nossos debeis inimigos.
Se do seu commandante a audacia é grande,
Com multidão sem conto hei de abatel-a;
E com seu nome extincta a raça odiosa,
Sepultem-se com elle para sempre.
Alguns rebeldes nossos se lhe uniram;
Bem que o perigo deva apressurar-vos,
Aos homens, como vós, só move a honra.
Dicte a honra o conselho, que vos peço.»

Disse; no rosto mostra a confiança,
Que aos soberanos o poder inspira.
O credulo Anabó, espavorido
De um sinistro presagio, se levanta;
Pensativo, e appoiado no seu arco,

«Os meus cabellos brancos—assim fala—
Amazona immortal, e o meu zelo
A tomar a palavra me auctorizam;
Poucos me invejarão este direito.
Vossos avós decerto vos disseram,
Que antes do feliz dia em que nascestes,
Seu poder ameaçou fatal agouro.

Oh! inda agora, de pavor congélo!
Na infancia vosso avô, estava eu perto,
Recebeu este oraculo espantoso:
Tremei, povos tremei, raça indomavel
Virá do sol nascente aos vossos mares,
Com os raios na mão escravisar-vos.
Bem que esta gente, que o vulgacho aterra,
A meus olhos do sol não seja filha,
Entre ella e os guerreiros presuppostos,
Ha notavel contacto, que me assusta.
Se os seus feitos prestigio apenas fossem,
Tão largo em seu favor o céo não fôra.
Cometas flammejantes nos ameaçam;
Mugindo a nossos pés a terra se abre;
Ignotos monstros, que produz a noite,
Nas selvas e no mar o medo espalham.
Quando tudo um provir funesto indica,
Iremos affrontar os céos adversos?!
Posto que em toda a parte os céos trovejem,
Vemos que o raio busca os altos montes,
Para os tornar em pó. Inda suppondo
Nossos presagios falsos, e esta gente
Uns meros nigromantes, paz nos pedem;
E para exterminal-os será justo
Atear cruenta guerra? Tantos Indios,
Contra tão pouca gente colligados,
Podem ter de uma lucta honesta as honras?»

Macaté n'este ensejo desejando
Agradar á Rainha, n'estes termos,

Com trovejante voz e gesto irado,
Do ancião a voz pacifica interrompe:

«Pois no momento, em que os perigos urgem,
A morosa velhice escutaremos?
Para manter a paz ouçam-se os sabios;
Mas para obrar, como eu, qualquer guerreiro,
Por amor do renome a morte affronta.
Em terrivel perigo, alvitre ousado
É muita vez o mais conveniente.
Sem duvida, os avós nossos, mil vezes
Nos teem dito: temei os estrangeiros,
Como antigos oraculos predizem;
Mas disseram acaso, que esta raça
Por ter do sol nascente procedido,
Gosa do sacro fogo os attributos?
Pois só Deuses produz o Oriente?
Suas armas e barcos vos espantam
Porque ignoraes da arte as maravilhas!
E se o chefe, que o nosso medo acata,
Para vencer poucos soldados arma,
Prodigio é, que meu braço tem já feito.
Como um fructo, que a vista nos encanta,
Une a um grato sabor mortal veneno,
Assim d'este impostor a bizarria
É dos enredos seus o mais nocivo.
D'ouro esfomeada, de festins, de sangue,
Esta gente, a deidade em nada imita,
Antes a ultraja com seus vis costumes.
Não ha que duvidar, ondas em furia

N'esta ilha arremessaram taes abutres.
Permittiremos tudo aos seus furores?
Anabó respeitavel, tantos astros,
Que os nossos sacerdotes tremer fazem,
Não espalham nos céos os seus fulgores
A fim de adormecer nossos cuidados,
Mas para nos tornar mais diligentes
Na prevenção de quanto precisamos.
E nós, que d'esses astros descendemos,
Poderemos temer na guerra azares?
Não! eu sigo a Rainha; e dentro em pouco
A raça audaz derrotará meu braço.»

Este discurso temerario abraza
A juventude, a meia edade anima,
E a velhice timida deslumbra.
Isca em vão quer, em vão propõe, a tregoa.

«Principes—diz—o tempo e a penuria
Do inimigo asseguram a derrota;
As armas suspendâmos.»

A seus gritos
Tudo é surdo. A Rainha enthusiasmada,
Para a guerra os espiritos incita;
De feiticeiros um tropel a segue;
Embriaga o vulgacho um falso zelo;
Ganhando o ambicioso com lisonjas,
Sabe afastar do timido os terrores;
E qual torrente, que devasta os campos,

E os ribeiros na sua furia absorve,
Ao combate marchando accelerada,
A intrepida Amazona após arrasta
Os guerreiros que attentos a escutavam.
Mas que tumulto subito a suspende!
Os nautas de um navio, que a tormenta
Ao porto arremessara, lhe apresentam
Dos Hespanhoes feições, vestes, bandeira.
Contra elles seus subditos envia;
Combatem; vence o numero os Iberios.
Duas mulheres, que no mar colheram,
Agrilhoadas no porão jaziam.
Justo céo! d'essas bellas a mais nova
É Zama, de Colombo estremecida,
E por quem tantas magoas padecera.
A ilha, em que esta indiana o encontrara,
É para elle sempre outra Cythéra.
E que diria elle, se soubesse
Que esse Fiesqui, que tinha por perdido
Juntamente com Boile, alli com Zama
Ás iras de Vasconda o mar lançára!

Emquanto as tropas a Rainha ajunta,
Os Iberios unidos aos reforços,
Que seguem Canaric vêem Colombo
De um amigo do Rei na rica estancia.
O bondoso Cacique, de olhos vesgos
Com os seus bons costumes corrigia
A disforme figura; em recompensa

Do soccorro que dava ao Almirante,
Prometteu-lhe o heroe vencer Vasconda.

Ao ouvir este nome o Indiano,
De dôr oppresso, e suspirando afflicto,
Assim se exprime:

«Vês, nobre estrangeiro,
A minha enormidade; em vão meu braço
Quizera coadjuvar os teus esforços;
Sabe, que a formosura que combates,
Vinte Reis aqui tem, que lhe obedecem;
E que em vez de livrar-se do seu jugo,
O povo escravo altares lhe levanta.
Á sorte, que vos trouxe á nossa terra,
Minhas graças darei se a tua força,
Teu valor, mais que humano, egualar possa;
Mas toda a arte, que dos céos houveste,
Não poderia subjugar Vasconda;
Os batalhões sem conto, que a acompanham,
Pela magica instruidos, e augmentados,
São do seu throno indomita defeza.
Mas ai! agora mesmo ella me ordena
Que cem homens entregue aos seus altares,
Para expiar seus hediondos crimes.»

«Não! não!—o Almirante lhe responde,—
Principe augusto, a vida lhes garanto;
A dôr abreviarei dos teus pesares.
O Deus que piedoso aqui me envia,

Sacrificios de sangue humano veda;
As condemnadas victimas me entrega;
O meu braço opporei ao seu destino.
E na guerra verão, que, por vingal-os,
De seu raio e trovões os céos me armaram;
Meus tiros tema o exercito inimigo!»

Falou assim Colombo; e o bom Cacique,
Admirado de tão nobre denodo,
Se anima a coadjuvar sua vingança;
Pactuada a alliança, no seu peito,
Pela primeira vez o heroe concebe
De um triumpho cabal grata esperança.
O Indio escravisado e lastimoso
Da despota abater promette o solio;
Da revolta conhece o largo alcance;
Por novos estandartes reforçado,
A liberdade proxima proclama;
O céo (parece) vem punir Vasconda.
Os bravos que cingiram sempre aljava,
(Como entre nós se viram nos torneios),
Dos Hespanhoes, em breve, a causa abraçam.

Tudo é propicio; a regula de Sana
Trama conspirações contra Vasconda;
E para engrandecer estes soccorros,
O valor dos Iberios lhe conquista
As margens do caudal rio Bonique,
Que se revolve sobre areias d'ouro,
E abre do Xaraguá os altos serros.

Para a defeza, apresta-se a Cacique,
Mas o amor em seu peito fala ainda,
E por um emissario, lisongeia
O Genovez, em termos eloquentes;

«Do exercito invencivel, que defende
Estas margens, saúda-te Vasconda;
Seu coração te off'rece, e n'elle reina;
E como soberano d'estes povos,
Aniquilla esses Indios, que te seguem,
Se não queres que o teu mesquinho bando
Por nossa multidão seja esmagado,
E emfim castigue o teu soberbo orgulho;
Reflecte bem que um unico momento
Pode perder-te, ou pode coroar-te.»

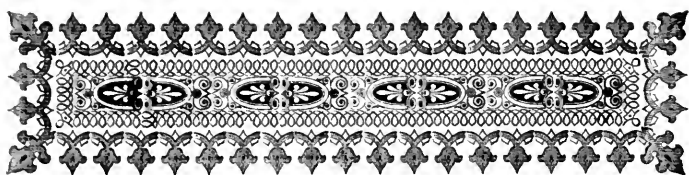
Sem hesitar, Colombo o throno engeita;
Temerario correr parece á guerra;
Mas sómente obedece á Fé que o guia.

«Sem duvida, emissario,—lhe diz elle,—
Preferem meus soldados a oliveira,
Aos mais brilhantes louros; e respondo,
Por Vasconda servir, do seu respeito;
Revoltados, jámais ás minhas ordens
Me verão atacar os vossos muros;
Porém se os seus guerreiros me atacarem,
O Deus, que me protege, ha de prestar-me
Os seus trovões e raios destructores;
Estes fogos que tudo a pó reduzem

O ferro, e os ginetes, que me appoiam,
Entulharão de mortos vossos valles.»

Disse; e aos seus se dirige.

«Meus amigos,
Chega o dia a que aspira a vossa audacia.
A gloria a novos p'rigos vos convida;
Nosso valor inveje o outro mundo.»

Palavras taes o iberio povo applaude;
E ergue o Indiano o funebre estandarte;
Parte; a noite succede; e n'estas margens,
Em que a sorte do heroe, Marte ameaça,
Como um sabio piloto, previdente
A affrontar a tormenta se prepara.

CANTO VIII

USAS favorecei meu arduo empenho;
Em vossas mãos os meus pinceis deponho;
Tremo ao ouvir o mal que faz a guerra!
Como pintarei Marte nos combates
Seus raios arrojando! a sua fronte,
Em vez de cicatrizes pavorosas,
Terá feições affaveis, prasenteiras!
Oh! sabia Clio, que os dois mundos presam,
E os annaes de altos feitos perpetuas;
Vem, fala! E dizer aos nossos netos
Só tu podes os feitos gloriosos,
E os nomes dos innumeros selvagens,
Que contra os Hespanhoes juntara o Indo.

Abria a aurora as valvulas do dia,
Quando o joven Zané, que em Maga impera,
Appareceu nos campos de Xarágua,
Com as feições d'um Lybico guerreiro;
Este Adonis, na patria sua amado,
Seguido da phalange que commanda,
Do Phrygio caçador traz arco e aljava;
E porque é que este povo, bom e sabio,
Ha de ser por um despota opprimido?
Os bens communs, e a parcimonia outr'ora
A virtude nutriam, e era livre;
E subditos de um Rei bom, justiceiro
Sem leis suas contendas decidia;
Só tinha por Deidades flores, fontes;
Os Magaens e os Duros raça indomavel
E de antigos androginos oriunda,
Fazem tremer com sua clava a terra.
De vestido lhe serve a côr vermelha,
E de usual palavra agudos silvos;
Desde a infancia os seus filhos adextrados,
Colhem co'a lança os fructos de que vivem;
E seu Cacique, Azor, na guerra insigne,
Outra arte não tem mais que o arco e a flecha.
As Hydras, que o novo Hercules vencera,
Não eram menos feras, e temiveis,
Que os celebres dragões da antiga Hesperia.
De estandarte lhe serve um monstro horrendo,
De sceptro o seu valor, de Deus o acaso.
São-Domingos, que os seus avós regeram,
Já do inferno os senhores não adoram;

O verdadeiro culto ahi reina, e expulsa
Do caraïba as seitas insensatas.
Do porto de Mayana outros selvagens
Veem tambem affrontar de Marte a furia;
Serve-lhes de bandeira ossada humana;
Sem culto, chefe, ou leis, e eguaes em tudo,
Morando em grutas, que na rocha cavam,
Cada um de uma só femea se contenta;
Para o seguir na caça ao seu filhinho
Sobre copado arbusto um berço fórma;
E dextra em disparar a setta hervada,
Junto ás nuvens os passaros alcança,
Que morrem de um veneno mais terrivel
Que o da propria cicuta.

O tom mudemos;
Os ferozes Magaens de sombra sirvam
Ao quadro dos sensiveis Sybaritas;
Gozam do bem estar, que aos Deuses dera
O famoso Epicuro; a Natureza
Na escolha das delicias suas seguem;
Seu bem summo é viver sem ter cuidados.
Se acaso Marte inquieta o seu socego,
O unico aguilhão que os punge á guerra
É de raras bellezas a conquista.
No intuito de alcançar o paraizo,
Digno de Mafaméde, destemidos
O p'rigo affrontam, e sem maguas morrem;
O seu harém á campa os acompanha.
Vasconda, por lhes ser mais agradavel,

Promette de entregar-lhes cem bellezas,
Á sua escolha. Differentes chefes,
Pelos dons da Rainha escravisados,
Em seu auxilio trazem, e commandam
Amazonas sem conto; estas bacchantes,
As furias excitando a seus maridos,
Conseguem dar-lhes dos leões a raiva.
Do ancião Anabó vejo as phalanges;
De tartaruga um largo escudo embraça,
E a estatua d'um Zemés tem na bandeira;
Cutélos, arcos, os seus padres trazem;
E o ouro dos sceptros e que a tropa enfeita
Com as armas no tumulo se enterra;
Das suas cinzas nutrem-se as viuvas;
Se estas bellas de novo se maridam,
Mais suave, o divorcio, o jugo torna.
Os Zains que do Hymeneu o laço quebram
Por defender Vasconda, os mares passam;
Cuba, que é sua patria, lhes concede
Cem primaveras de prazer sem dôres;
O pouco que precisam sempre abunda;
Este povo, indolente e vingativo,
Dês que aos velhos a edade as forças tolhe,
Mandam que a morte os filhos lhe apressurem.
Guerreiros, que affrontaes a tempestade,
A despeito de vosso alto pennacho,
O vosso campo de lapões parece
Quando vem Macaté ao vosso encontro
Com os seus batalhões! Estes gigantes,
Cuja lança a Typheu amedrontara,

De um arco enorme, enormes settas vibram;
Dados á pesca, a sua mesa abunda
De lamentins e serpes monstruosas.
Se um remador no barco seu vacilla
Muita vez com seu peso o mette a fundo,
Mas em breve, nadando, o leva ao porto.
Este povo fezoz em cada anno,
Por idolo, um dos chefes seus sorteia;
Nutrem-n'o, adoram, cantam-n'o e o immolam,
E em solemnes banquetes o devoram;
Libado por seu craneo o sangue d'elle,
É das juras o vinculo sagrado.

Apesar de Titães tão monstruosos,
Por tua arte, Cibó, tua phalange,
Torna-se um corpo indomito e terrivel;
Os teus dardos, o fogo, de aço torna;
Dos montanhezes teus os capacetes,
Que por cimeira teem abutres presos,
E alevantam gritos espantosos,
Dos Iberios heroes o animo turbam.
Estes selvagens, de cuidados livres,
Marcham sem precisões, vestuario, ou tendas;
Com seus dons os sustenta a Natureza,
Seu carro, a agilidade; arnez, a força;
Musica bellicosa, horriveis urros;
Rege o seu movimento, o acaso, a audacia.

Os feiticeiros, que a Amazona seguem,
Compõem d'esta Tisiphone o cortejo;

Para tornar terriveis as bandeiras,
Horrendos animaes desenham n'ellas.
Desde a infancia adextrados os Baroffes,
Ao hoste o arrojado dardo volvem;
O povo industrioso do Xarágua,
E os affaveis Cayaens, Vasconda cercam;
Escravos, sem que a despota detestem,
Temem sua magia, e leis respeitam,
Crentes que o céo regula a sua sorte,
Ao seu minimo aceno á morte vôam.
Um antidoto certo, que a preserva,
O poder com que as serpes adormece,
A attenção com que mede e observa os astros,
Faz que filha do céo o vulgo a julgue.
De um negro de azeviche as suas tranças
Sob um toucado de plumagens brilham,
Que reune do prisma as varias côres;
Por arnez tem no peito estrella d'ouro;
De tal sorte o seu arco a setta expelle,
Que morte inevitavel leva aos ares.
Por seu odio excitada a nova Circe,
No mais cruel veneno ensopa as settas;
As locustas, tão sabias como horriveis,
Dançando em torno ao fogo, que idolatram,
Consagram as creanças; que immoladas
Hão de ser pela barbara ministra.

Mal que assoma no céo o astro da tarde:

«Sê-me propicia, oh! noite! — diz Vasconda —

Faze que este arremeço, que enveneno,
Extermine esse ingrato que me ultraja.
Manes de meus avós, surgi da campa,
Vinde! e seus fachos a vindicta accenda!
Para subir aos céos, a que elevados
Já fostes, pela gloria, a terra inteira
Atrelarei ao meu laureado carro.»

Emquanto o inferno a heroina invoca,
E o novo mundo allumiava Diana,
Instruido o heroe da lucta que se apresta,
Os seus reune, e a resistencia ordena.
Sua gente, em dois corpos, Dias fórma,
Com seus ginetes Margarite, e Mendes,
As alas d'este exercito defendem;
Em seguida, os trovões bellicos marcham;
Os seus guerreiros cães Morgant governa;
E Colombo, no centro, o ataque ordena;
Africano corcel monta, e á cinta,
O alfange que ao sultão, Bulhões tomára,
E que em Roma o Pontifice lhe dera
Em premio do seu alto emprehendimento.

«Emulo dos heroes da Palestina,
—(Assim lhe disse o santo Sacerdote)—
Toma esta arma que o nosso Deus te guarda;
Por ampliar seu culto, a morte affronta.»

Nunca mais a tirou o heroe da cinta.

Marcoussy sob o seu estandarte marcha,
Brilham Stanhope, Arcy, d'illustre avoenga,
Cem guerreiros francezes valorosos,
E Pizarro e Cortez, predestinados
A inauditas façanhas. Finalmente
Veem os selvagens indicos revoltos,
Do Canarique intrepidos guerreiros,
Mas que a par dos corseis nossos fogosos,
Marcham timidamente. N'estes campos,
Em que tantos laureis colhêra a honra,
Começava a surgir o sol radiante;
Das entranhas da terra, de repente,
Parece levantar-se um povo immenso;
E, bem como se vê na primavera
As abelhas que sahem dos rochedos
Com enxames os valles inundarem,
Das montanhas em chusma os Indios descem.
Sob um pennacho enorme, fluctuante,
Ao longe se afigura uma floresta,
Cujas folhas dourára o sol do estio.
O nacar, o rubi, e as lindas plumas
De um esmalte brilhante, os Indios cobrem;
Braços, cinta, cadeias d'ouro adornam;
A guerra em gritaria horrenda, intimam.
Pela primeira vez estes logares,
Ao tropel dos ginetes inquietos,
E ao clangor das trombetas trepidaram;
Os echos só respondem *guerra! guerra!*
E não repetem o suave canto
Que as aves ao romper da aurora entoam.

Desde que a India viu o sol que adora,
Colombo que só crê no Deus Supremo,
É como Josué, que aos seus promette,
Que hão de o Eterno encontrar sempre a seu lado.

«Toda esta multidão—disse o Almirante—
Não vos assuste, bravos Castelhanos!
Ella mesma lhe serve de embaraço,
E nos promette esplendido triumpho.
Sem tantos generaes, e menos habeis,
Um grego nas Thermopylas, outr'ora,
De Persas maior numero vencera;
Leonidas guardava, é certo, os montes;
Mas não era o meu Deus o que adoravam;
A profanos heroes, christãos não cedem,
Nem seus manes assombram nossos feitos;
Se deveram ao ferro e aos elephantes
Sua victoria, em nossas mãos o fogo
Tiros mais destructores nos off'rece
Nossos canhões, corseis, em força e ordem
Triumpharão da sua indisciplina;
Eis as nossas muralhas! quando longe
De nossos mares, sem nenhum recurso,
A desgraça affrontavamos, apenas
Por nós tivemos o valor e as armas.
Disparar o primeiro tiro devo;
Vossa audacia me anima, e já presinto
Que o céo protegerá nossos esforços;
Na esperança a victoria me corôa,
Ao vosso o meu triumpho está ligado.»

Como o ferro, que no iman foi tocado,
A sua natureza toma e guarda,
Do Almirante o valor, que observam todos,
Do minimo soldado se apodera;
Já de inimigos tantos, reis se julgam,
E os teem por humilissimos vassallos.
Entretanto Vasconda ia marchando;
Menos tropa Semiramis mandava;
Levou Penthesileia a Troya outr'ora
Menos soldados, que a Rainha indiana.
De seu destino incerta, no seu peito
Ambiciosos projectos revolvia.
Seis gigantes, relampagos no vôo,
Em um carro a transportam, despregando
O estandarte que a cobre e a guerra intima.
Macaté, seu amante, cuja altura
As palmeiras emúla, a guarda e escuda,
E, ao seu lado, o exercito lhe mostra;
Este aspecto a encanta, e enche de orgulho;
Á sua voz os seus soldados pensam
Que as nossas filas de terror vacillam.

«O seu rosto — disse ella — denuncía
O seu pavor. Não receeis seus raios;
Todos estes altivos estrangeiros
Armas entregarão e serão mortos.
Quando contra elles, principe, o teu braço
O meu respeito serve, nada temo;
Segue a morte o terror, e a audacia acata.
Se o medo de morrer salvasse a vida,

Nenhum vil coração á guerra fôra;
E succumbindo, gloriosos morrem.
Segui-me, e com as vossas gentilezas
Precipitemos no profundo abysmo
Estes monstros, que o mar tempestuoso
A estas nossas praias arrojara.
Mas em vão contra elles vos excito;
Os vossos corações, que mutuamente
Se estimam, e respeitam, por tal premio
Os mais terriveis p'rigos não receiam.
Do estrangeiro as bandeiras já se avistam;
O valor vos apressa! ávante! á gloria!»

A ella vôa; acclamam-n'a, e a seguem.
Crê seu povo affrontar nossos guerreiros
Com sua vozeria, e altos cantos;
O profundo silencio, ordem, firmeza
Dos nossos batalhões os Indios tomam
Por signal de terror, que os assoberba,
E a furia do alarido seu redobra.
Para pintar o horror d'estes dois campos
Bem quizera que os versos meus tivessem
Os poderes da magica Medusa!
Indianos, Hespanhoes, aqui serieis
Em marmoreas estatuas transformados.
Uns invocam Zemés, outros o Eterno,
O heroe, que defender deve a Amazona,
Mal pode reprimir nossos guerreiros;
E o Indio, que aterrado, ainda ha pouco,
Altares nos erguia, enfurecido

Affronta os immortaes. Se contra elles,
Imprevidentes os Titans investem,
O seu valor na multidão se estriba.
Disparando primeiro o audaz guerreiro
A hervada setta, á sua voz os ares
Uma nuvem de flechas obscurece,
E vôa, como do Aquilão ao sopro
Enorme saraivada. Os Castelhanos,
N'este ensejo, de settas já cobertos,
Se achavam com os Indios baralhados;
E do arcabuz em vão se prevalecem.
Com a espada na mão, Colombo á frente
Dos seus, nos Indios faz maior destroço,
Que o ceifeiro de Céres nas campinas;
Nos corações valentes, do perigo
A ousadia nasce; mas Colombo,
Que longe leva o seu amor da gloria,
Como um leão cercado em valle estreito,
Resiste a custo a numerosos dardos.
Chega a Rainha, e em seu poder o julga;

«Soldados—disse—um Deus é quem o entrega
A uma justa vingança; respeitae-o!»

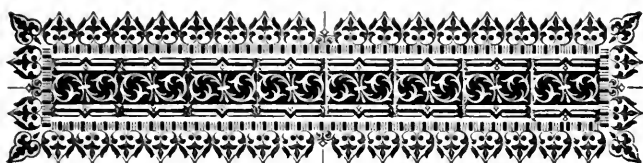
Acode Marcoussy n'este momento
Com cem Iberios, e o amigo livra;
Aguerridos na Lybia estes valentes
Aos selvagens Centauros se afiguram,
E o terror seu espirito perturba;

Tamanha confusão alli causaram
No campo de Vasconda, como outr'ora
Da celebre Hypodamia no consorcio
Os filhos d'Ixion. Pirrho cercado
Dos elephantes seus, menos temivel
Ás legiões romanas parecera,
Que a esta rude gente os nossos monstros.
A honra na derrota ao terror cede;
Na torrente a Amazona é arrastada,
E fugindo em seu carro imita os Parthos;
Foge, mas não abate a fronte altiva.
Borras, Garcia, Ordaz á sua raiva
São immolados, e de pasto servem,
De um idolo medonho aos sacerdotes.
Tiro de funda a Mendes leva um braço;
Não succumbe, renasce-lhe a coragem;
Sobre um Barbo fogoso, é como abutre
Que cae sobre um rebanho espavorido.
Quando já tudo cede, Azor, que passa
Por filho de Zémé, corta a cabeça
Ao cavallo de Mendes, d'um só golpe;
Triumpha, e satisfeito alcança a c'rôa;
Reunem-se-lhe todos isto vendo.
Ouvindo os gritos, que a victoria acclamam,
No mesmo instante os fugitivos se unem;
Sabendo já, que os nossos cavalleiros
Não eram invenciveis, mais não temem
Esses monstros, que tanto os aterravam;
As suas settas pelo ar sibilam.
Vasconda n'este campo ensanguentado

Corre de fila em fila, e como um astro
De perdidos mortaes o rumo fixa.
Suas flechas os mortos amontoam,
Mas o heroe invencivel não encontram;
Com suas azas o Archanjo o cobre,
E o vae guiando por segura senda.
Contra força tamanha a arte invoca,
E com fingida marcha illude os Indios.
Para entreter Azor, que o inquieta,
Com ligeiros combates se retira;
E quaes depois de horrenda tempestade
Os aquilões ao antro seu recolhem,
Assim no campo do heroe se ajuntam,
A um signal dado, os batalhões dispersos
De inimigos innumeros cercados.
Para poupar dos seus a mortandade,
Dos mavorcios trovões se prevalece.
Tudo foge; e os Indios consternados,
Pensam que os Hespanhoes do raio se armam;
Fugindo, se atropelam, se derrubam.
A pallidez a purpura lhe esconde.
Mas que imprevisto ataque os acommette?!
Contra elles Morgant seus cães açula.
E como do romano povo aos brados
As victimas os tigres devoravam,
A matilha, ao aceno do seu guia,
Vôa, e os fugitivos accommette;
Bebe-lhe o sangue, e acarreta os membros,
Que dos mortos Indianos dilacera.
Mas, mais feroz do que um leão em ferros,

O braço que o derruba o Indio abate.
Pinzon, Ximenes, que Nabá vencera,
A merecida sorte padeceram;
Comprida barra de ouro derretido
Foi a sua bebida derradeira;
Este metal, lhe diz o Rei selvagem,
Que tanto apreciaes, hoje vos farte
A vossa insaciavel sêde de ouro.
Por vingal-os, Pizarro forçar tenta
Um montanhez a que seu guia seja,
Que, em vez de obedecer prefere a morte,
E n'um profundo abysmo se arremeça.
Cibó, sobre um rochedo apparecendo,
Co'um tridente traspassa o moço Henrique;
Mas com a espada vingadora Vasques
Fere o Cacique, que furioso investe
Contra dois inimigos; não se rende;
Do peito arranca as settas com que o ferem;
Repulsa os nossos, e arrogante morre
Crivado de punhaes e agudas settas.
Não mais celébres, fabuloso tempo,
Os antigos heroes; ao menos cedam
Ás façanhas que a minha musa canta.

Afasta-se o Hespanhol cheio d'espanto;
Do vencedor o morto as armas guarda.
A noite sobrevem e a lucta finda.
Em Xáraguá Bané procura asylo,
E se vinga nos miseros captivos.
Fiesqui, cujo navio á costa dera

N'aquella praia, os seus vê immolados,
E no profundo Averno em breve os segue.
No antro, em que jaziam desde muito,
A orgulhosa Rainha Zama encontra!
A fim de prolongar o seu tormento,
Vasconda a morte da infeliz differe.
Ao vel-a de ciume devaneia!
E que sorte, oh! meu Deus! tu lhe preparas!

CANTO IX

SPERANDO a Rainha auxiliares,
Demorava os combates. O Almirante
Nas vantagens obtidas meditando,
Pouco se comprazia. Ao já vencido
Succede outro inimigo, e tanto sangue
Os seus triumphos incompletos custam,
Que o convencem de que por um tal preço,
Uma victoria mais destruiria
Todo o exercito e toda a sua gloria.
Entre a esperança e duvida, sua alma,
Que ao terror sempre inaccessivel fôra,
Fluctua, como a nau em mar revolto.
Dos males, que prevê, atormentado
Suspira, e d'esta sorte os céos invoca.

«Quererás, justo Deus, que eu aqui venha
Como anjo vingador, do raio armado
Exterminar da Assyria os habitantes?
Não bastava, que o estrago seu temessem?
Cumprirá, os teus raios imitando,
Tanta gente extinguir, que tu creaste?
Se ignoram tua lei, faz que a conheçam;
Muda em amor da paz o amor da guerra;
E os beneficios teus teu nome ensinem.»

Assim orou Colombo; e a sua mente,
Vencida pelo somno esquece tudo.
Vem acordal-o um subito ruido,
Que ao seu repouso placido o arranca.
Á doce voz, que escuta, presto acode;
Mas que é o que vê na sua tenda!
Que maravilha! Oh! céos! duas donzellas
Que lhe veem implorar o seu auxilio!
Quem o diria! é Zama a sua amada,
Zama, que nunca mais ver esperava.

«Algum sonho minha alma illude acaso!
A minha unica amada estarei vendo!»

Disse Colombo; e tremula a donzella
Mal se pode exprimir, a voz lhe falta;
A sua face córa, empalidece,
Bem como o céo ao despontar da aurora.
O terno olhar, agitação, suspiros,
Longo tempo os desejos seus enleiam.

A surpreza do heroe não tem limites.
Zama em lingua hespanhola o interroga,
Lhe pinta o seu amor, sua alegria.

«D'onde, ó Zama procedem,—lhe diz elle—
Tão doces expressões? Que mão divina
Aqui te conduziu, e faz que te ouça?
Esta ventura é incrivel, milagrosa!
Vem completar todos os meus desejos.
Quem vos tirou da vossa ilha ditosa?
Dizei, porque milagre aqui vos vejo?»

Tão ternas expressões commovem Zama;
Chora, estremece, em Zulma busca amparo,
E em voz enfraquecida assim se exprime:

«Caro Colombo, ao meu amor desculpa
A offensiva suspeita, que em minha alma
Tua fuga causou! N'esse momento
Soffri quanto soffrer uma alma pode.
N'uma fragil canôa quiz seguir-te,
E quando á embarcação tinha chegado
Em que achar-te esperava, os tripulantes
Ousaram, sem piedade, capturar-me;
Entre elles sem cessar te procurava;
Sua lingua ignorando não podia
Perguntar-lhes por ti, e mais soffria.
Mas que visão tremenda vem ferir-me!!
No porto, que deixara, uma alta rocha
Pendia sobre o mar, e d'essa altura

Vi meu querido pae arremessar-se,
E sumir-se no pelago profundo.
Por este quadro que o meu pranto arranca,
Vês o mal que causei, e a sorte minha;
A morte dava a quem me dera a vida;
Dos ventos a sabor fugia á patria.
Vê tu que desespero o meu seria,
E quaes os meus receios, e remorsos!
Quando, com tempo e com trabalho, pude
Falar o hespanhol, Fiesqui condoido
Da minha dôr, me disse que no dia
Em que eu te perdera, espessa nevoa
Fizera que da frota se apartasse,
E nunca mais os teus navios visse;
Vel-os ancioso o nauta procurava.
Meu coração, que já teu Deus amava,
Soube que tua ser só poderia
Seguindo a tua lei, e que o consorcio
Que o sanctifica, nunca mais se quebra.
A agua, ao Deus que serve, consagrada,
Me offereceu pontifice bondoso;
Seguiu-me Zulma; e o angelico concerto
As ondas ouvem e a festa applaudem.
Este prodigio e a luz que sobre a frente
Me rutilou, me deram o presagio
Da fortuna que tive de encontrar-te.»
. . . .

Isto ouvindo, Colombo enternecido
Abraça e interrompe a sua amante.

«Zama,—exclamou—encanta-me o que dizes!
Quando por mim ao meu Deus te dedicas,
Nosso hymeneu vedado ser não pode.
De teu esposo o nome n'este dia,
É o que mais realça a minha gloria;
E se teu coração o quer, commigo
Eterno amor sobre o altar juremos.»

«Ah! tu bem sabes que por ti suspiro,
E que ser tua é tudo quanto anhelo;
Deverei eu co'a minha narrativa
A ventura attenuar que estás gozando!...
Quando aqui, procurando-te arribámos,
Contra nós este povo, revoltado,
Em carcere nos mette. Derrotada,
A Xaraguá por fim chega Vasconda,
E só então, (ainda me horroriso!)
Por sentença de morte, que profere,
Soubemos da victoria que alcançaras.
A esse tempo, em que immolados foram
Fiesqui e os seus, os fui acompanhando.
Em vão o ferro, que lhes tira a vida,
Suspendeu sobre mim, e Zulma a furia;
A Rainha cruel, vê sem piedade
Nossas graças nascentes; pretextando
Reanimar-nos de nosso abatimento,
Nos propina uma perfida bebida.
No mesmo instante a sêde mais ardente
Meu seio dilacera. O arruido
Dos teus combates meu terror augmenta;

Por ti tremia, e para esclarecer-me
Sobre a sorte dos teus, de um alto monte
Voando procurei approximar-me.
Quando para saciar a minha sêde
Corria a uma ribeira, aonde encontro
O teu fiel interprete que aguarda,
E ao nosso ruido timido acudira,
Das sombras atravez que a tarde espalha,
Em vez de um inimigo reconhece,
Cheio de assombro, a tua cara Zama!
De nossas intenções certificado,
Da tua tenda o sitio nos ensina;
O meu amor, o teu contentamento,
A alegria de ver-te só retardam
A minha morte; mas o mesmo esforço,
Que para me exprimir estou fazendo,
Meu espirito exhaure, e o mal que sinto
A lingua me entorpece, e a voz suffoca.
Só me resta um momento para ver-te,
O veneno mortal em vão combato.
Caro esposo, sustem-me; entenebrece!
O extremo adeus recebe em meus suspiros...»

Qual não seria, a esta voz extrema,
O pranto, a dôr d'um coração sensivel?!
Pintal-o só a ti, Amor, pertence.
Em vão Colombo, maguado, afflicto,
Algum remedio a procurar se apressa;
Mas Zama, que o veneno lento extingue,
Já do esposo os sentidos ais não ouve.

«É pois oh! céos!—o nosso heroe exclama—
Que para m'a roubar m'a restitues?
Ambos extingue, ou antes eu sómente
A victima da ira tua seja.
Para ver-me a infeliz perdeu a vida!
Eu a entreguei á deshumana Parca!...
E porque, cara Zama, duvidaste
Do meu sincero amor? Os teus encantos
O meu affecto assás te garantiam.
Por que em tua mansão não me esperaste?
Rendendo-te ahi já minha homenagem,
Triumphando, esperava consagral-a!...
Terna saudade do hymeneu, que perco,
Sentida não será do objecto que amo.
Nada em seus braços encantar-me pode.
Oh! perfida Vasconda! oh! dôr cruciante...
Que vejo?»

O amor á vida Zama torna...
Para falar seus labios se reanimam.
Do esposo atribulado ao pranto afflicto
A india um momento do seu mal triumpha;
Abre os olhos e diz estas palavras:

«Não chores mais, Colombo, já minha alma
Do céo gosa a doçura, e é quanto anhela;
Queres tu merecer esta ventura?
Doma tuas paixões, o teu Deus serve,
Observa suas leis, faze que um dia
A victoria coroe a sorte nossa.»

De todos no semblante este discurso
Debuxa o vivo espanto; Zama apenas,
Fica tranquilla; mas emfim perece;
Não como ferve na agua o ferro ardente,
Mas como a luz se apaga, manso e manso,
Não d'outra sorte ao céo sua alma sobe,
Para do Creador unir-se ao seio;
Mas cá na terra a amante de Colombo
Parece que repousa em grato somno;
Suas feições a morte não afeia,
E sómente algum tanto desmaiada
A imagem dos eleitos representa.
A seus pés morre a desgraçada Zulma.
Acode a multidão; geme, soluça,
E o heroe arranca a esta scena horrenda.
Por ordem sua os incolas do Ebro
Mudam em luto do hymeneu as galas;
Um rico mausoléo lembra este dia,
Zama, sua afflicção, amor e gloria.

Tão penosos cuidados satisfeitos,
A uma gruta sombria se retira,
Para isolado lamentar seus males;
A morte, que o ameaça, desejava.
O céo ouve o seu pranto; e o Deus piedoso
Um pacifico somno lhe concede;
E o caro objecto por que afflicto geme,
Por um momento rapido lhe esquece.
Zama, já n'este ensejo, no alto Empyreo
Saboreava o nectar dos eleitos.

Ella foi a primeira que da India
Os erros abjurou, e Deus, contente
Da sua fé, o zelo seu corôa;
O porvir a seus olhos é presente.

«Vai,—lhe diz—e serás seu guia, e guarda,
O anjo do Almirante, e o seu premio;
Aos olhos seus desvenda-lhe o futuro.»

Disse; os tempos, obstaculos, distancias,
Os seus milagres differir não podem;
Mais veloz que o relampago, e que a vista,
Dos ares o deserto Zama fende.
O perfume que exhala junto á gruta,
Em que passa Colombo a horrivel noite,
De uma Deidade o accesso lhe annuncia.
N'esta sombria estancia a luz, que espalha,
Semelha a aurora ao despontar do dia.
Para não deslumbrar do heroe os olhos,
Traja um véo nebuloso a santa imagem;
E a esphera azul, que em suas mãos sustenta,
Lhe pinta o mundo, e qual o seu futuro.
A voz, que acreditou ter escutado,
Do abysmo, em que o lançara a dôr, resurge,
Doce calor o inflamma, e á paz o torna.

«Socega,—lhe diz ella—sou eu mesma,
Que a fortuna de subito mudara!
Não me lastimes; a alma triumphante,

Para sempre deixando um corpo inerte,
Já não teme da sorte os desvarios.
Do alto do céo, e a salvo dos tormentos,
Vejo erros, e paixões, que a terra empestam.
O fogo puro, que por ti me inflamma,
Só tem por fim nutrir tua virtude.»

De surpreza, e de amor extasiado,
Para a sua querida se encaminha;
Prosterna-se-lhe aos pés, retel-a tenta,
Mas só abraça o ar, que se evapora.
. . . .

«Minha alma,—esta visivel sombra exclama—
Já nada de mortal em si conserva.
Gosa do meu saber; contempla a sorte
Que a ti, e á velha Europa está marcada.
Em teu favor o Auctor da natureza
Aqui pintou as gerações futuras;
Este globo, que aqui de mim recebes,
Te ensina o que os antigos não souberam;
Julgavam todo de agua este hemispherio.
Mas este continente, limitado
Pelos dois polos, corre largamente
Desde onde nasce o sol té onde acaba.
O mar, que da Asia os portos seus separa,
É mais extenso do que tu pensavas;
Torneando este mar desconhecido,
Ao porto da partida voltar podes.

Em breve um Luzo, os mares affrontando,
E da Occidental Africa os perigos,
E nova rota abrindo, celebrado
Por um vate será rival de Homero.
Emquanto os feitos seus o Ganges teme,
Aqui o teu poder, bem que triumphe,
Não será respeitado. Não te esqueça,
Que inda não terminaram teus trabalhos.
Abrir-te-ha seu thesouro o novo mundo,
Mas nunca tomará teu nome illustre;
Roubar-te-ha um toscano essa alta gloria.
O céo te quer provar; sê sempre humilde.
Em premio dos serviços teus o Iberio
Contra ti erguerá, ingrato, a patria;
Mas a Rainha, ouvindo-te, da inveja
Desprezando o clamor, fará que todos
Prestem ao teu valor justa homenagem;
E teu nome immortal será tão grande,
Que os Reis desejarão tua alliança;
Jámais a historia esquecerá teu nome.
Para a gloria, a que um dia chegar deves,
Abres novo caminho. Por modelo,
Te tomará Cortez; e n'estes campos
Do equador, e do isthmo que avistas,
Leis imporá ao maior rei das Indias;
Mas um timido povo escravisando
Á sua furia barbara e avarenta,
Será tudo immolado. Tu conheces
O famoso Pizarro, sabe agora,
Que ao poente, em combates successivos,

Os Incas vencerá. O seu monarcha,
Senhor de um vasto Imperio, se reputa,
Filho do sol, que invoca em seus altares;
Por seus feitos famoso, esclarecido,
Receberá seu povo facilmente
As leis do novo culto. Em vão tentára
Ás armas resistir dos Castelhanos;
A sêde do ouro o seu valor redobra;
Verás gemer sob o seu jugo os Indios.
Quando algum ambicioso dos teus nautas,
Do cabo mais austral d'este hemispherio,
Descobrir nova róta, após seus passos,
Um Ercilla virá que de seus feitos
Cioso se fará o heroe e o vate.
Mas que vejo! Sobre estes altos montes,
Em que se apoia o céo, ao ferro entrega
Carjaval do Potosi as ricas minas.
Mas que diluvio de desgraças brotam
D'este recinto! O pestilento sopro,
Que d'alli sae, é um prudente aviso
Para que aos traiçoeiros dons fujamos;
Mas a cubiça intrepidos nos torna.
Quando na excavação dos montes d'ouro,
E em combates crueis se esgote Iberia,
A Europa irá da Libia nas montanhas,
Sem piedade, comprar victimas novas.
Por tanto sangue, que será vertido,
Não haverá maior riqueza a Europa,
Que a droga, que a benefica natura
Creou, para curar a febre ardente;

E, após de vãos thesouros n'estes climas,
A Hespanha perderá soldados e armas.
. . . .

«Fatal Potosi, perigosa herança!
Que horror de males,—o Almirante exclama!—
Pois quê, por um metal que nada vale,
Virão tantas nações n'um mundo novo
Cavar a sua extrema sepultura!!
Para annunciar a lei de um Deus bondoso
Aqui vim; e, se acaso tantos crimes
Terão de produzir minhas fadigas,
Melhor fôra no mar findar meus dias!»
. . . .

«Do céo,—lhe torna Zama—acata as ordens.
Quando espalhas a lei e os erros choras
Do vulgo ignaro, que envenena tudo,
De nossos males Roma compassiva
Fixará do Hespanhol ávido o Imperio.
Aos luzos, que estas praias descobriram,
As minas do Brazil destina a sorte.
E, para que os rubis e as saphiras
Ao seu thesouro accresçam, outro nauta
Descobrirá d'Ophir o novo solo;
E seguindo-te, a Europa emprehendedora,
Terá ao norte do Indo um vasto imperio.
Se este clima recusa aos seus senhores
Os bens que no equador produz a terra,
Francezes e bretões, tereis na caça

Outros bens de não menos interesse;
Tereis dos animaes as ricas pelles,
E copiosa pesca nos seus portos.
. . . .

No archipelago vasto a mão da industria
Maná suave extrahirá das cannas;
Não deu jámais o Hybla um mel tão doce!
Os seus campos, que o ferro não conhecem,
Com luxo cultivados, certamente
Se tornarão mais ferteis e abundantes.
Por estas producções, na Europa inuteis,
O commercio que affronta o mar e o tempo,
De ambos os mundos generos e fructos,
Transmuta em seus innumeros navios.
A raça fertil em famosos nautas
Não menos o será de heroes e sabios.
Dos Cesares á Aguia, dentro em pouco,
Um seu rival reunirá Castella;
Se em Pavia Valois captivo fica,
Por unica vingança o empenho toma
De exceder seu rival em honra e brio!
Renascerão na França em seu reinado
As lettras e sciencias, e coartada
Será do Papa a larga auctoridade,
Mas sem quebra do culto, e fé divina;
Um rei Bretão vaidoso a lei suplanta;
Seculo horrendo! o vicio, o fanatismo,
Com fingida piedade o scisma alentam!
De Henrique a filha os planos seus subverte;

Por um consorcio unindo-se aos Iberios,
Os Bretões de bom grado a Roma voltam.
A irmã lhe succede, e ao erro torna.
O seu orgulho devem temer todos;
Essex, Norfolk, e Stuart padecem;
Triste Rainha, coroada em França,
Em Londres pelo ferro a vida perde.
No Sena, onde casara, pouco tempo
Seu esposo reinou e joven morre;
De uma lançada, em um torneio morto,
A seus irmãos em pranto o sceptro deixa.
Do rancor sua mãe accende o facho;
Um torna-se por ella o algoz da França,
E o outro é pelo scisma assassinado.
Quando no Rheno a serpe criminosa
Da sua patria os filhos arme, e inflamme,
Não faltarão doutores inspirados
Que elucidem do vulgo os desconcertos.
Rival de Ptolomèu, na Prussia um sabio
Destruirá do seu systema a fama,
E a terra, do repouso seu tirada,
O trabalho do sol immobil toma.
E assim poderás ver algumas vezes
Entre nós e o sol Mercurio e Venus
Com luzeiro emprestado deslumbrar-nos;
A esphera que aqui vês, o enigma explica.
Emquanto estas idéas segue o Norte,
Pouco depois, um novo Apollo em Roma
Cantará os logares venerandos,
Que Bulhões conquistou. Um novo Papa,

Rival de Salomão, um outro templo
Levantará ao verdadeiro culto;
E do Tibre os esplendidos altares
Em nada aos do Jordão serão somenos.»

. . . .

Do porvir instruido, e assombrado
De tamanha sciencia o Almirante,
Interrompe d'est'arte o seu silencio:

«Zama, que de Israel o Deus contemplas,
Já que por mim do céo deixaste o goso,
De um mais largo futuro me esclarece.
Tua sciencia encanta meus ouvidos,
E o meu desejo de saber augmentas.»

. . . .

«Em tudo quanto os céos me permittirem
—Disse o brilhante espirito—Colombo,
Satisfarei os teus vivos desejos;
Mas não esperes tudo côr de rosas.
Na Europa, aonde o scisma se eternisa,
Satisfaz seu furor o fanatismo;
O fogo da discordia abrasa a terra;
Os irmãos se declaram mutua guerra;
E seus conselhos perfidos, cobertos
De pias attenções, d'um véo devoto,
Accusam o traidor desaforado.
Mas se este monstro, seus punhaes vibrando,
Sacrifica em Paris um rei perfeito,

Vingal-o-ha no seculo futuro,
Os seus feitos cantando um genio insigne;
Quinto Curcio fiel, francez Virgilio,
Para pintar o seu heroe famoso,
Tem a palheta e os pinceis d'Apelles.
Na Polonia este heroe assignalado
Fará reinar um Rei prudente e justo;
O braço que o ç'roou em cem batalhas,
Foi tambem por seu turno derrotado.
Nunca um mortal um vencedor exalte!
Legislador d'um povo inda selvagem,
Jámais para illustral-o o throno deixe;
Os seus campos cultive, e enriqueça,
Com as artes que a sabia Europa ostenta.
Este heroe, que entre os Gregos fôra um Nume,
Veiu a saber de uma Polar Princeza
Que nem sempre o triumpho a gloria firma;
Das honras o despreso o feito excede;
De bom grado Christina o throno engeita,
E ás irmãs do Parnaso o sacrifica;
Roma a attrahiu, e o norte se lastima;
Percorre a França, e do sabio illustre,
Que morreu na Suecia, o berço busca.
Rival do Estagyrita, perseguido
Pela inveja, o seu seculo illumina;
Com o crystal que descobriu Florença,
Leu e pintou dos céos a immensidade;
Cada estrella é de um mundo o sol radiante;
Como vemos os incolas das ondas
Moverem-se, apertarem-se nadando,

Nas planuras dos céos não d'outra sorte,
Giram, fluctuam, turbilhões celestes.
Um sabedor Bretão, pelo contrario,
Ousadamente crê, que os varios astros
Se attrahem e concentram mutuamente,
E em razão do seu peso o rumo seguem.
O seu systema, a um calculo severo
O illustrado observador submette.
Da natura os portentos sonda, explora,
E da luz radiante as côres marca.
Sua patria em prodigios é fecunda;
Instruem-n'a Addisson, Bacon, e Locke;
Triumpha Shakespeare e o grande Milton,
Do norte Homero, os nossos paes celebra;
Deves no outro hemispherio conhecel-os;
Mas do cantor do Eden o orgulho evita,
Que um traidor ao seu principe defende.
E se Londres permitte que elle reine,
Os desthronados reis protege a França.

Mas n'esta região, das artes berço,
Que é o que vejo? um celebre ministro,
Os grandes submettendo, ao mesmo tempo
Com seu favor Bragança ao throno eleva.
A Luiz succede o filho, a Marte caro;
Um Sylla, outro Catão, governa as armas,
E assiste a novo Augusto outro Mecenas;
Como Athenas outr'ora, tem Lutécia,
Um Portico, um Lyceu, e a gloria sua
É n'estes sabios templos exaltada.

Um outro Amphião, um Sophocles moderno,
De Eurypides rival, e Anacreonte,
Excedem dos Pagãos em tudo o genio;
Demosthenes, Esopo e Aristóphanes
Ressuscitam; Vitruvio, Praxitéles,
As Saphos, o le Brun, os mais valentes
D'este brilhante seculo eternisam!

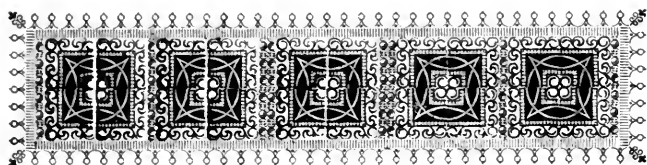
«Temes, Colombo—assim prosegue a amante,—
Que tantos sabedores já creados,
Da natureza esgotem os thesouros?
Não o temas; os seculos futuros
Não terão menos sabios e guerreiros.
Um Cesar aos Bourbons submette a Hespanha.
Extincto na Allemanha o ramo d'Austria,
De outra Zenobia o sangue reanima.
Um monarcha, ambicioso de excedel-a,
Em seu paiz renova artes, sciencias,
De Marte e de Licurgo o genio ostenta.
No imperio dos Lizes invenciveis,
Ver-se-ha uma Urania e um outro Euclydes.
De Luiz no reinado esclarecido
Tentam sabios illustres mais trabalhos
Do que Hercules outr'ora; o mundo medem
Da Ursa ao Equador, o mar e os ares;
Do achatado globo o peso estimam.
E emquanto maravilhas taes decobrem,
Vates sem conto o meu ouvido encantam!
Pindaro, Luciano, Éschilo, Phidias
Reapparecem na scena, e triumphante

O Tito dos Bourbons dá paz ao mundo;
Mas nos mares em breve é contrastado.
Contém-se; mas querendo despicar-se
Um heroico povo as armas toma;
Richelieu o guia; e Luiz triumpha.
Das suas glorias emulos, seus filhos
Manterão de Minerva e Marte o brilho;
Em Paris, que em saber com Roma hombreia,
A anatomia prima, e na materia
Força electrica a physica descobre;
Um Archimedes da arte explica a força,
E um novo Prometheu reforma os corpos.
Sim; o gosto, o valor, genio, opulencia
A França tornarão sempre famosa.
Mais ampla narração será superflua.
Da alva o clarão penetra a tua gruta;
Não te é licito ver-me á luz do dia.
Se ainda te não julgas satisfeito,
Dize-me teu desejo em breves termos,
Pois sinto que aos teus olhos vou sumir-me.»

«Cara Zama,—Colombo lhe responde—
Compadeça-te a minha triste sorte!
A vida aqui sem ti é sorte horrivel;
Diz-me se aos céos em pouco vou seguir-te?»
Se a morte...—A triste Zama lhe responde:—
«Não... a tua esperança illude a sorte;
O Ebro ufano da gloria que alcançaste,
No seio seu o tumulo te guarda.

Continua a servir o Ente Supremo,
Que de ti me separa, e a si me chama.»

E como um sonho, no ar desapparece.

Deslumbrado o Almirante, e espavorido,
Como exhausto em fadiga temerosa,
A custo o seu espirito recobra.
Na alma retem a sombra que lhe foge;
Conhecendo o porvir o azar receia,
Mas fagueira esperança prevalece.

CANTO X

OLITARIO na sombra longo tempo,
Meditando o Almirante nas palavras
Da encantadora Zama, tem aviso
De que nos montes se unem os vencidos
E reorganisam. Mas confiado sempre
Na protecção divina, peito firme
Da fortuna offerece aos desvarios;
Em vão ao campo o fogo lhe arremessam;
O Bonique o auxilia, e presto o apaga;
Tinto de sangue, porém cheio de ouro,
Este rio nos serve de muralhas.
Durante a noite innumeros gigantes
Sobre o acampamento nosso arrojam

Mil dardos e rochedos. Os Iberios,
Pelo ataque imprevisto provocados
Com cem tiros de fogo lhe respondem;
E esperando vingar-se, em vão se apressam,
Que soldados não ha no campo adverso,
E fugindo, e occultos nos rochedos,
Com suas destras fundas se defendem.
Macaté agitado e furibundo,
A sanha exhala em urros espantosos;
Ligeiro, como o vento, ao campo desce;
Julgou-se de Vasconda um enviado;
Respeitou-se-lhe a vida; mas de prompto
Com trovejante voz o assombro espalha:

«Anões vaidosos, que um vil ouro encanta,
Quem d'entre vós se quer medir commigo?
Para bater-se os timidos volateis
Em grupo se unem, mas o forte abutre
Vôa sósinho, e intrepido á carnagem:
Que misero terror vos escravisa!
A minha arte é o meu valor selvagem;
Vossa armadura de muralha serve;
Na mão tendes o raio; que é que temem?»

Suffoca-se de raiva assim falando;
O seu olhar faisca, e a tez vermelha
Da purpura, que a tinge, excede o lustre.
De audacia tanta o Genovez cançado,
De seu cargo esquecido, vae punil-o;

Dias, Cortez, Arcy, Ambroise, á dextra,
Espada em punho o passo lhe embaraçam.
Precede-os Marcoussy, e quer que a gloria
D'esta victoria o nome lhe eternise.

«Nobre Almirante, sabes que na guerra
Do francez o valor é sempre insigne?
Já te provei meu zelo, bem o sabes;
Não acharás nos teus mais fido amigo!
Mas se é preciso que por ti se morra,
Quem pode disputar-me aqui tal gloria?»

Sem mais detença arroga-se o direito,
Que lhe contestam; e de ardor celeste
Bem, qual outro David estimulado,
D'este Golias novo affronta os golpes.

«Insensato,—lhe diz—que é o que esperas
Do teu rancor? Co'a tua força contas?
Do Deus, que sigo, uma unica palavra
Todo o exercito teu destruir pode;
Recebe da ousadia tua o premio.»

Disse, e o gigante com desprezo encara.
De orgulho suffocado lhe responde,
Na bravura assombrando a natureza.
Avança, mas o seu pesado corpo
O passo lhe retarda, e o seu contrario
Com sua agilidade o assoberba.

Tudo o que pode o ardor, força e coragem
No mesmo instante entre elles se debate;
Na lucta fluctuante encarniçados,
Um parece o tufão e o outro o raio.
Ia o indio cobrir de sangue a terra,
E eis que o broquel do europeu se quebra;
Marcoussy desarmado em vão resiste;
Como um rochedo que no chão se abate,
Cae o gigante com o heroe que abraça.
Bravo francez, assim teus dias findam.

Por voltas mil o vencedor perseguem,
Mas alcançal-o inutilmente buscam.
Contra elles irados os Caciques,
De Turno e Achilles o valor excedem.
Emquanto Macaté se acolhe aos bosques,
E os guerreiros do Tejo se extraviam,
Honras presta Colombo ao morto amigo;
E os echos repetem seus gemidos:

«Intrepido francez, em vão te choro!
Por me salvar a vida a tua perdes!
E mais fizeste ainda: os teus conselhos,
Tua sabedoria, conseguiram
Que o amor os meus louros não murchasse.
E entre os perigos que me cercam sempre
Quem acharei que me sustente e ampare?
Com quem repartirei o premio obtido?
O tumulo que te ergo n'estas rochas,
Que aos meus gemidos lugubres respondem,

Immortal tornará teu nome illustre;
Mas quem substituirá tão fido amigo?
Perdi o bem mais caro á humanidade.»

Com tal discurso Marcoussy recebe
A derradeira e funebre homenagem;
E co'as flechas que os Indios arrojaram
Contra os filhos do Ebro, em preito de honra
Uma enorme fogueira incendiaram.
Mas que prodigio! Apenas brilha a chamma,
É por nuvem sanguinea suffocada!
Labaredas do céo exhala a terra;
Cada vulcão como cem bombas troa;
Treme tudo, e no chão as rochas rolam.
Espantado estremece o Castelhano,
Mas o Indio um fatal presagio encara.

«Pois quê! podem os mortos irritados,
Surgir da terra?—os velhos exclamavam—
E revolver o abysmo que os encerra?»

Espectros transparentes no ar circulam!
Cheios do horror, que taes desastres causam,
Correm a consultar os seus prophetas;
E mais que nunca crêem que os Iberios
Filhos são do espirito do inferno.
O ferro a que, em seu braço, tudo céde,
E seus tiros, nas Indias ignorados,
O seu animo afflicto consternavam;
E em vão Vasconda ás armas os chamava.

Pedem a paz; mas ella furiosa
Os augures mais sabios interroga.
Por sua bocca o inferno lhe responde:

«Desde muito, Princeza, que lidamos
Contra as artes dos nossos invasores;
Mas das armas que vibram não podemos
Comprehender o mystico segredo.
Porém nossos oraculos e a sorte
D'esta gente o porvir nos annuncia.
São progenie do sol; e em sua defeza
Os extinctos vulcões o nume accende;
Mas estes semi-deuses ambiciosos
Com seus vicios a sua estirpe ultrajam,
Seu esforço reanima a luz do dia;
Durante a noite o fogo seu perece;
Prostrado em terra, sem poder, sem força,
Parece a flor, que ao pôr do sol se murcha,
E que á frescura da manhã renasce.
O dia vae sumir-se; de improviso
Ataquem-se, e a victoria será nossa.»

Um tal arbitrio o barbaro gentio
Com gritaria estrepitosa applaude,
E do saber do oraculo convictos,
As nos sas maravilhas escarnecem.
Iscar, seu chefe, occultas sendas busca,
E espera surprehender, dormindo, os nossos.

Por mallograr esta infernal tramoia

Serrano, prevenido em sonho, accorda,
Como um gentio armado, ás selvas corre,
E entre elles seus planos conhecendo,
Mais lesto que uma setta aos seus os narra.
Espada em punho o inimigo esperam,
E reconhecem que por santo aviso,
O Argos na India recolheu Serrano;
E quando a noite desdobrou seu manto
Já tinha o nosso heroe prompta a defeza.

Com os seus chega Iscar, e o ataque rompe,
Na predicta victoria confiado.
Mas qual não foi oh! céos! sua surpreza,
Encontrando as trincheiras guarnecidas
De mosquetes, de lanças, e de dardos!
Cegava-o a esperança, e é sem limites
O seu terror, porém sobejo tarde
Vê dos seus feiticeiros a impostura;
Em furor se transforma o seu orgulho;
Procura a morte e a dá; Serrano encontra,
E de um golpe lhe faz morder a terra;
Por punir Canari dos bons serviços
Aos Iberios prestados, com seus golpes,
Azor cruel, os dias seus termina.
Nabá ferido com a morte lucta;
Do peito arranca o ferro que o traspassa,
Fere o inimigo e sem gemer fallece.
Desesperado por se ver captivo,
Boné prostra Morgant e o sacrifica.
E junto aos seus, pasmados, morrem ambos.

Se o Genovez não fôra tão cuidoso,
Proezas taes não conhecera o bardo
Para poder, intrepido Colombo,
Á tua gloría unil-as, descrevendo
Os teus combates, perdas, e victorias;
A tua alma, que no alto Empyreo habita
Meu desvairado vôo attento observa,
E para premiar estes meus versos
Do dédalo me tira em que me perco!
Dize-me como Iscar surprehendido
Caiu sob o teu braço triumphante;
Bem como o nauta em temporal medonho,
Incerto, á sorte o seu navio entrega,
Não d'outra sorte, Iscar a sua tropa
Ao braço que a fulmina desampara,
Aos mollossos bretões que a desbaratam;
Bérézillo feroz, o mais valente,
A honra obtem de um tumulo distincto;
Seu nome inda hoje o novo mundo aterra.
Apesar de victorias tão notaveis,
Deus proctetor da Iberia, só tu podes
Fazer frente aos guerreiros, que dos montes
Como torrente impetuosa descem
Contra as nossas cohortes desfalcadas.
Apparece Vasconda á sua frente,
Como um astro que rompe escura nuvem;
No valle, a que seus passos conduz Marte,
A terra á sua voz soldados brota.
Nas grutas de rochedos, que circundam
O vasto acampamento, os gritos do Indio,

Seus temerosos rostos, bastos dardos,
O clangor das trombetas, marcio estrondo,
Tudo tornava pavoroso o ensejo,
Quando o Eterno na abobada celeste,
Balançando os destinos, reconhece
E vê do inferno o proximo triumpho.
As deidades, que a India adora e teme,
Á sua voz, abysmam-se na Estyge,
Ruem por terra os templos seus desfeitos;
Dos nossos, a contento, o céo se aclara,
E a luz é para elles mais brilhante;
Contra os selvagens o aquilão braveja,
Revolve a areia, e a vista lhes perturba,
Seus pennachos arranca, os dardos quebra,
E as trincheiras de seu veneno entulham.
O vendaval sinistro, e o falso agouro,
Que os expozera á desastrosa lucta,
Dos mais valentes enfraquece os passos.
O fanatismo os corações regela;
O arco entorpece e a fuga o temor segue,
Só Vasconda coragem mostra ainda;
Vôa de fila em fila, e n'este ensejo,
Não a commove agora um terno affecto,
É Bellona que o sangue e o crime anceia;
O seu rubor a sua furia pinta,
Deslumbra os olhos, e d'esta arte fala;

«Como é que esta ilha, outr'ora de heroes fertil,
Só tem hoje o meu braço que a defenda?
Pois a victoria alcançarei de um golpe.»

Emquanto no ar estes accentos soam,
Ao Genovez como um lampejo corre;
Ao vel-a os dois exercitos pasmados,
Ouvem attentos da vingança o grito.

«Temerario estrangeiro, que me affrontas,
Só tu—diz ella—sentirás meus golpes;
E se da guerra a sorte é caprichosa,
Propicia ao meu valor tem sido sempre;
Mas para castigar este meu peito
De te haver adorado, só meu braço
Deve immolar-te; a honra assim o exige;
Meus triumphos corôe e a patria vingue.»

De tanta audacia o Genovez surpreso,
Vae ter com ella, e descobrindo a fronte:

«Oh! vós!—exclama—que em valor e graça
Levaes a palma ás nossas heroinas,
Tudo encantaes, e submetteis a todos;
Mas quando em demasia vos expondes,
Velar devo por vós, e bem seguro
Da victoria, evitar um tal desdouro.
Ah! termine-se em paz nossa contenda!
Vêde que a sorte dá e tira os sceptros;
Sómente nos ampara o Ser que a rege;
Que podem contra nós numero e força?
Não vêdes fugir tudo? e para prova
De que o Ser, que affrontaes, é nosso amparo,
Antes que o dia de hemispherio mude,

Eclipsará o vosso Deus o nosso,
Que não mais dará luz aos nossos golpes.
O desastre evitae, que vos ameaça;
Olhae por vossa vida; grã Rainha,
Perpetua paz o vencedor asselle.»

Assim disse; e o prognostico terrivel
Da heroina aterrar devia o peito;
Mas não, porque do abysmo á raia extrema,
Seu furor obcecado a precipita.
..........................;

«Crês que me assustas com teus vãos presagios?
No teu proximo fim—diz—pensa, ingrato.»

No mesmo instante o arco seu dispara,
Mas a mão vacillante o amor lhe torna,
E de Colombo o escudo o tiro annula.
Então debalde o Genovez pretende
Reter seus batalhões, seguem Vasconda,
Que á tempestade velozmente escapa;
O risco em que se encontra anima os Indios;
E seus amantes despical-a anceiam.
Zané Adonis, furibundo Alcides,
Aguia no vôo, investe os Castelhanos;
Rodeiam-n'o, combate, e inutilmente
Affronta o seu destino; Arcy co'a espada
O peito lhe traspassa, corre o sangue,
E estas palavras expirando solta:
....

«Anabó, não orvalhes minha sombra
Com o teu pranto, ao menos entre os mortos
Não mais verei esses crueis abutres.
Pagam em guerra o bem que lhe fizemos;
Com que direito a nossa terra assolam?
Se acaso um justiceiro Deus servissem,
Nos combates honrara-se a virtude,
E puniria os seus nefandos crimes;
Por defender-te e pela patria morro;
Morro como os heroes dignos de inveja;
Os Iberios soberbos que hei vencido,
O tropheu formarão do meu sepulcro;
Minha victoria rematae, ó bravos,
Que me escutaes; os Deuses, a Rainha
Vingae, consummareis a minha gloria.»

Disse; e exhalava o ultimo suspiro.

«Tal é pois, ó destino, a tua força!
(Seu pae no desespero afflicto exclama)
De um secco tronco conservando a sombra,
De uma arvore fecunda a terra privas?
Em vez pois de ceifar os meus pimpolhos,
Devêras terminar meus velhos annos!»

Com um golpe abrevia o seu discurso,
No filho os olhos moribundos fixa,
E o sangue dos dois mortos se mistura.
....

No entretanto um de seus velhos guerreiros,
Como arvore que larga sombra estende,
Conduz ao campo innumera progenie.

«Meus filhos,—diz—por mim não tenhaes susto,
Por vosso rei pugnae; abandonae-me.
Quem poderá melhor recompensar-me
De vos ter dado a vida? Foi na guerra
Que Anabó começou de conhecer-me;
Alli guiei seus passos, premiou-me
Com honras mil, e innumeros favores.
Se as forças meu valor inda ajudassem,
Quem poderia oppor-se á minha raiva?
A menos velhas mãos entrego a aljava;
As minhas forças e valor não podem
Com proezas supprir minha fraqueza,
De cem annos effeito inevitavel.
Meus conselhos vos dou, nada mais posso.»

Sem mais detença, os seus trezentos filhos,
Bem como um bando de aves carniceiras,
Contra os nossos soldados se arremeçam,
Sem que o seu ferro e os seus trovões receiem.
Vasques cedia, Dias o soccorre,
E o livra co'os seus, dos inimigos,
Que são valentemente derrotados.
A sua egide é o terror que inspira,
E do velho guerreiro a raça extincta
De dôr lhe arranca o ultimo suspiro.
Tornam-se os cannibaes seus vingadores;

Mas qual foi do heroe hispano a sorte!
Sobre Dias mulheres furiosas
Sua raiva saciam, e seu peito
Com as unhas agudas dilaceram.
Se entre os Gregos Pentheu outr'ora teve
Egual destino, ao nosso mundo novo
Não faltaram tambem suas bacchantes.
Tantas scenas de sangue a custo conto;
A discordia triumpha, e em nosso campo
O horror que inspira os olhos seus encanta.
E se a esquerda inimiga se avantaja
Macaté na direita os seus excita
No furor da vingança e do exterminio;
Briareu de cem braços parecia.
Este gigante, que a Rainha inflamma,
Affronta os céos, o inferno, o raio, o Iberio;
Só por Colombo chama em altos brados;
Os mais guerreiros seu desprezo excitam.
Não d'outra sorte do leão na pista
Desdenha o caçador, ursos e tigres.
Mas dês que o Genovez se lhe apresenta,
Seu ginete, a armadura, o seu renome,
Ferem de assombro o barbaro atrevido;
Pára, calcula, e mede as suas forças,
Como qualquer de um precipicio á beira,
Pára e medita se vencel o pode;
E o heroe, que receia, assim provoca:

. . . .

«Sabe guerreiro audaz, e arrogante,

Que os teus trovões e golpes não me assustam;
Desprezo até da sorte os desvarios,
Que aquella ultrajam, que me prende á vida;
Morrer por ella é o que mais anhelo;
Mas antes que eu expire é necessario
Que a tua morte os nossos Deuses vingue,
A Rainha offendida, e a patria nossa.»

Isto dizendo, a setta envenenada
A morte ia levar ao chefe Iberio;
Mas contra o que protege o céo propicio
Que pode a força e o valor dos homens?
Colombo, exposto aos tiros do selvagem,
Com seu escudo e elmo se defende.
Mede co'a vista o barbaro inimigo,
E o momento opportuno descobrindo,
Do barbaro no peito o espada embebe.
Sobre o sangue, que verte, cae por terra,
Os ares com seus urros atroando.

«Serpente, pelo mar arremessada,
Abutre de ouro e sangue sequioso,
Acaba,—disse—appressa a minha morte,
E servirás assim a minha raiva.»

Implora a morte pouco apressurada,
A sua robustez seu mal prolonga,
E blasphemando emfim o monstro expira.

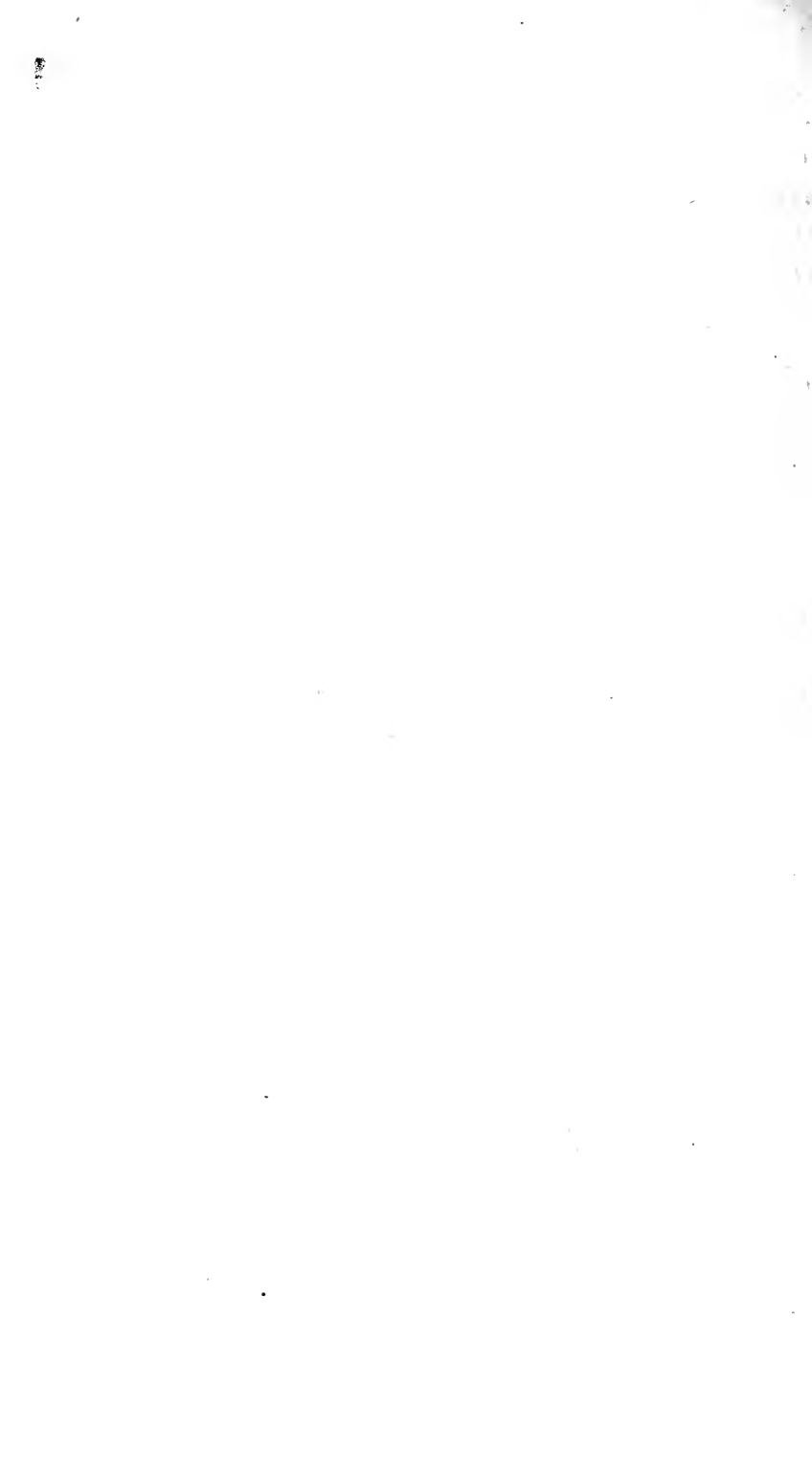
Do inferno apenas á mansão chegava;

Ao meio dia Diana o sol encobre,
E ao Indio espavorido a luz retira.
Sabio Colombo, o eclipse que previste,
Confirmar vem o plano delineado.
Temendo a tua ira os indios fogem,
Ou a teus pés se prostram supplicantes.
Entre os raios sem conto disparados
Pelos bravos do Tejo um tiro incerto,
Cuja gloria nenhum guerreiro inveja,
Ou viesse do inferno ou do alto Empyreo
Da heroica Amazona o peito fere.
Por um extremo esforço a setta arranca,
Mas veneno mortal a dilacera.
O arco aos pés lhe cae, a luz lhe foge,
E sua robusta tez o lirio imita;
N'um suspiro final de amor, de raiva,
Da sua sorte aos céos vingança implora;
Os povos d'esta ilha, em que o seu braço
Regera tantos reis, Colombo acatam;
De louros immortaes a fronte cinge;
Quebra a victoria de Bellona a espada,
O odio se esgota, e os fachos seus apaga.
Sepulcro os manes dos vencidos pedem;
De uma verdura esplendida estes campos,
Ainda ha pouco em rubro sangue immersos,
Fazem de horror tremer a natureza.
Soldados, chefes, não distingue a morte.
D'esta arte, ó sorte! imperios aniquilas!
Palmyra succumbiu, Carthago, e Roma;
Lá tinha o vencedor um rico Imperio;

Porém n'esta conquista castelhana,
Do throno o brilho da grandeza o fausto,
O guerreiro á matança não convida.
Os vencidos sem roupas, sem herdeiros,
Do ávido soldado a furia enfreiam.

Colombo, que o poder jámais deslumbra,
Bem certo da victoria, e humilde sempre,
Graças consagra ao Arbitro dos mundos.
Combatendo, o poder não procurava;
Queria mais; á Europa dar estado;
Á Iberia hostis, os Deuses Indianos
Viram por elle os templos derrocados;
Mas um demonio poderoso os vinga,
De ouro e de males inundando o mundo.
Faze que a tua lei, oh! Deus! prospere!
E larga messe de virtudes crie.

NOTAS

E

OBSERVAÇÕES DA AUCTORA

NOTAS E OBSERVAÇÕES DA AUCTORA[1]

CANTO I

Audaz Genovez.

Christovam Colombo, segundo a opinião commum, nasceu em Genova em 1442, segundo outros na Lombardia, da nobre familia dos Perestrellos, foi o primeiro que descobriu em 1492 o Novo Mundo, que nomeou *Indias Occidentaes*, á imitação dos portuguezes, que ao mesmo tempo abriam caminho para as *Indias Orientaes*. Este continente tomou depois o nome de America.

Urania.

Musa que preside á Astronomia.

Mãe de Orpheu.

Calliope. Musa que preside ao poema heroico. Foi Mãe de Orpheu que o concebeu de Apollo.

---

[1] Ommittiram-se na traducção algumas explicações que no seu tempo pareceram necessarias á auctora, e que hoje os progressos da civilisação, da industria e das vias acceleradas tornaram inuteis e deficientes.

Argos.
Nome do famoso navio dos Argonautas, que foram á conquista do Vellocino.

Typhis.
Piloto que conduziu Jasão na conquista de Vellocino, aonde foi seguido pela flor dos Gregos. É comparado a Peres Matheus, primeiro piloto do navio em que ia Colombo.

Jasão.
Nome do filho de Eson rei da Thesalia.

Os dois irmãos de Helena.
Castor e Pollux, nomes que deram aos dois navios.

Julio Nuguez.
Julio Nuguez e os outros hespanhoes nomeados seguiram Colombo na sua empresa.

Pinzon.
Hespanhol de um caracter violento que conspirou contra Colombo.

Torres.
Hespanhol que morreu em um naufragio.

Fiesqui.
Nobre Genovez de um merito distincto, amigo de Colombo.

Boiles.
Benedictino Catalão, superior dos missionarios que seguiram Colombo na sua empresa.

Pizarro.
Hespanhol de um caracter rigido e cruel na sua conquista do Perú.

Cortez.
Hespanhol de grande talento, bravo soldado e grande capitão.

Zethos.
Dois irmãos filhos de Boreas e de Orithia aos quaes os poetas

deram azas e que fizeram a viagem da Colchida com os argonautas.

Corseis.

Colombo levou cavallos nos seus navios, o que causou grande espanto na America.

Morgant.

Famoso pirata inglez que trazia sempre comsigo uma matilha de cães adextrados a combater.

Hastings.

Nobre casa de Inglaterra alliada á de Lencastre que (*no tempo da auctora*) subsiste na pessoa de Milord Huntingtown.

Arcy.

Inglez distincto oriundo da Normandia.

Murray.

Antigo nobre escossez representado na pessoa de Milord Stormont no tempo da auctora.

Stanhope.

Membro de uma illustre casa ingleza que brilha hoje na pessoa de Milord conde de Chesterfield. O seu merito distincto, a sua erudição, a amenidade e extensão de seu espirito, teem reunido em seu favor a gloria rara do suffragio de todos os homens de gosto da Europa.

Marcoussy.

Francez da Normandia e da mesma casa de Luiz Mallet de Graville, senhor de Marcoussy, governador da Picardia e Normandia e almirante de França no tempo de Carlos VIII.

Boulainvilliers.

De uma illustre casa da Normandia.

Amboise.

Da mesma familia do cardeal Jorge de Amboise primeiro ministro no tempo de Luiz XII.

Aidie.

Da mesma casa d'aquelle a quem o rei Luiz XI deu o condado de Cominge que foi almirante de França e governador da Guyenna.

Angenne.

De uma antiga casa de França, prestou grandes serviços a Carlos V contra os inglezes.

Margarit.

O commendador D. Pedro Margarit, senhor catalão.

Garcia.

Nobre hespanhol.

Boia.

Deus malefico que os Indios applacavam com os sacrificios de victimas humanas. Este povo muito supersticioso acreditava nos espectros, nos talismans, na magia, nos oraculos e adorava os deuses sob a figura de sapos, de serpentes, de crocodilos e outras figuras monstruosas.

Astro polar.

A estrella do norte.

Callisto.

Filha de Lycaon, nympha de Diana; seduzida por Jupiter sob a figura de Diana. Foi expulsa pela Deusa, da sua companhia. Callisto deu á luz Areas, e Juno zelosa a metamorphoseou e seu filho em ursos, mas Jupiter as collocou logo no céo. Estas constellações são conhecidas com o nome de grande e pequena Ursa.

Murmurar extranhas vozes.

Quando se passeia á beira mar o murmurio das vagas parece sahir dos rochedos.

Canoas.

As canoas dos Indios são feitas em grossos troncos de arvores excavados a fogo; podem conter até vinte homens.

Melodioso.

O gorgeio das aves nas Antilhas não eguala na harmonia a belleza da sua plumagem.

Ave mosca.

O colibri ou pica-flor, ave da America do tamanho de um besoiro, cuja plumagem é matisada das mais bellas côres, e que tem na cabeça um pennachinho negro, bico recurvado negro e lustroso e olhos brilhantes como diamantes.

Animaes.

Os macacos: ha macacos de quatro a cinco pés de altura, que teem as espaduas largas como os homens. Quando vão ás cannas do assucar enviam exploradores para descobrirem as embuscadas.

Mico.

Especie de macaco que os indios comiam.

Outros senhores.

Teem-se encontrado ilhas cujos habitantes acreditavam que a sua terra comprehendia o mundo inteiro, por não terem conhecimento de nenhuma outra.

CANTO II

A plaga.

A zona torrida onde os dias e as noites são eguaes, é terminada pelos dois Tropicos e dividida em duas partes pelo Equador, que o sol atravessa duas vezes ao anno, para ir do Tropico de Cancer ao Tropico de Capricorneo; é n'este intervallo que elle percorre os doze signos do Zodiaco.

Abrevia.

As duas zonas temperadas onde os dias e as noites são deseguaes, estendem-se desde os dois Tropicos até ao Circulo Polar.

Mal se avista.
Nos Polos ha dias e noites de seis mezes.

Isthmo.
O Isthmo de Suez entre o Mediterraneo e o Mar Vermelho tem perto de sessenta milhas de extensão, e separa a Asia da Africa.

Aurora.
Quando o sol se põe na China nasce nas Antilhas.

Um grão sabio.
Confucio, sabio philosopho chinez, condemnava 550 annos antes de Jesus Christo a Idolatria, e dividia a sua doutrina em quatro partes: 1.ª como se adquire a virtude; 2.ª a arte de raciocinar; 3.ª a politica do governo; 4.ª a sciencia moral.—No anno de 1646 existia um de seus descendentes que o imperador da China tratava com distincção.

Animaes.
A metempsicose, opinião dos antigos, dura ainda entre os Banianos e outros idolatras da India e da China; não matam nem comem animaes receiando encontrar n'elles a alma de seus antepassados. D'elles recebeu Pithagoras esta opinião.

Atomos.
Epicuro attribuia a formação do mundo ao concurso dos atomos ou particulas de materias de differentes fórmas que depois de ter subsistido por largo tempo se identificaram no vacuo. Parmenides foi o primeiro que disse que a terra era redonda, que havia n'ella dois elementos: o fogo e a terra; e que a geração dos homens vinha do sol. Thales sustentava que a agua era o principio de todas as coisas e que o mundo tinha uma alma. Foi elle o primeiro que predisse os eclypses. Segundo Anaximandro o principio dos entes era um elemento infinito cujas partes variavam mas o todo era immutavel. Foi elle tambem o inventor da esphera segundo Plinio.

Os magos.
Zoroastro adquiriu com as suas predicções o o imperio dos Bractrianos do tempo de Nino rei dos Assyrios. Os Persas são ainda hoje sectarios de Zoroastro, e aereditam na astrologia judiciaria.

Ali.

Ali, sectario de Mafoma reformou a sua lei que ainda hoje é observada pelos persas.

Impostor famoso.

Mafoma depois de ter submettido a Arabia no seculo sexto foi o legislador e fundador do imperio Musulmano, nome que deu áquelles que abraçaram a sua religião. Este imperio é hoje a Turquia; depois que os Tartaros, que vinham das margens glaciaes do mar Caspio, d'elle se apoderaram em 1298 sob o dominio de Ottomano seu primeiro imperador, que estabeleceu a sua primeira capital em *Prusa* na *Bithynia*, transferida depois para *Andrinopolis* e finalmente para *Constantinopla*.

Egypto.

Os Egypcios foram os primeiros que cultivaram as sciencias e artes. As inundações do Nilo deram causa a que se inventasse a geometria. Os philosophos gregos mais celebres foram instruir-se ao Egypto. Ha quem pretenda que Moysés adquiriu alli grande parte de seus conhecimentos.

Assyria.

A Assyria é banhada pelo Tigre e Euphrates. Os antigos nem sempre deram o mesmo nome a esta região. Este famoso imperio que durou desde Nemrod 2.500 annos, e desde Nino 250 annos, foi destruido ou dividido sob Sardanapalo, que se queimou no seu palacio com suas mulheres e riquezas.

Phenicia.

Os phenicios senhores do territorio que contém as cidade de Beryto, Tyro, Sidonia, Heliopolis e Damasco, ao longo do Mediterraneo, inventaram a arte de navegar e ensinaram a luctar com o mar.

Nas margens do Jordão.

Rio da Judéa ou Terra Santa, conhecida com o nome de Palestina, situada na Syria reino da Asia. O Salvador nasceu n'este paiz, anno de Roma 753, primeira epocha da Era Christã.

Grecia.

Os Gregos receberam dos Egypcios as bellas artes e a theologia, que a imaginação dos poetas embellesou depois.

Vi a luz do dia.
Vide a nota 1.ª do canto I.

Um insecto.
O bicho da seda.

Marisco.
A purpura, pequeno conchilio que os antigos chamavam *Murex*. Uma veia da sua garganta encerra um licor vermelho com que se tingiam os estofos Reaes. Hoje emprega-se a cochonilha, insecto que se gera e nutre na folha do nopal, arbusto da India.

O vaso é fabricado.
O vidro diaphano é a suprema obra que a arte pode produzir pelo fogo, que vitrifica todos os metaes, e mesmo a terra.

Triforme rosto.
Entende-se triplice rosto o *crescente*, o *pleno*, o *minguante* da lua. Os antigos denominavam-n'a a Triplice Hecate.

A esculptura.
A esculptura principiou entre os Egypcios, a julgar pelos seus idolos informes. Os gregos a aperfeiçoaram, mas arrogavam-se a sua invenção.

Dos astros o percurso.
A astrologia judiciaria ou o conhecimento da influencia dos astros sobre os objectos terrestres, inventada pelos Chaldeus, chegou a nossos avós pelos escriptos arabigos. Em Roma de tal modo se preoccuparam d'ella, que os astrologos poderam sustentar-se longo tempo apesar dos decretos imperiaes. No tempo de Catharina de Medicis nada se fazia em França sem que os astrologos fossem consultados primeiro. Os Brahmanes introduziram esta sciencia na India e conseguiram por este meio o supremo poder dos bons e maus dias.

As aguas.
A machina de Marly levantava as aguas do rio Sena ao alto de um monte, d'onde cahindo se formavam jorros de agua e cascatas. O fogo da mesma sorte erguia as aguas pelo contraste da agua fervente e fria e expandindo e condensando o ar successivamente

fazia mover a machina que distribuia a agua do Tamisa pela cidade de Londres.

Sol regula.

O piloto toma todos os dias a altura do sol ao meio dia, que é o eixo do Meridiano entre o sol e o horizonte. Pela altura do meridiano do sol se conhece regularmente a altura do Polo comtanto que se saiba a declinação do sol, para o ligar com o dia da observação.

Um globo.

O globo terrestre divide-se em differentes circulos em latitude e longitude, e em 360 graus como todos os circulos.

Outro guia.[1]

A estrella do Norte, ultima das sete da pequena *Ursa* roça no horizonte, observando-a no equador, como a mais visinha do sol.

Metallico ponteiro.

Agulha magnetisada que tem a propriedade de voltar a sua ponta para o norte, encerrada em uma boceta chamada bussola ella se move sobre um pequeno eixo. Esta invenção é attribuida a Marco Paulo de Veneza.

Aprumada prancha.

O governo de um navio depende de uma longa prancha de madeira horizontal, que faz mover outra a prumo presa na pôpa do navio e cujo movimento o faz voltar á vontade do piloto.

As voltas contam.

Para avaliar o caminho que se percorre no mar, servem-se de uma boia, que é um pedaço de madeira, chumbado e preso a um longo cordel, dividido em differentes partes eguaes que se distinguem por nós. A distancia d'estes nós deve ser de 47 pés e meio, que é a centessima vigessima parte de um terço da legua maritima. Faz-se a experiencia soltando o cordel, e vê-se com a ampulheta de 30 segundos quantos durante meio minuto tem corrido, isto é, quantas vezes tem decorrido a centessima vigessima parte de uma legoa marinha.

E a areia.

Relogio maritimo que se usava para medir o tempo antes da in-

venção dos relogios de differentes qualidades. É feito de dois pequenos vidros unidos pelas suas extremidades, uma das quaes era cheia de areia muito fina que cahe na que está debaixo por um orificio de uma lamina de cobre que é collocada na junctura dos dois vidrinhos. A corrida durava uma hora e concluida voltava-se o vaso.

CANTO III

Paizes.

Platão diz que além da Atlantida ha muitas ilhas; e mais longe um continente maior que a Europa, e Asia, e em seguida o verdadeiro mar. É para admirar que o que elle diz seja exacto. Theophilo Ferraris refere que no anno 356 de Roma os Carthaginezes querendo fazer descobrimentos entre o meio dia e o occidente sem outra bussola mais que a estrella do norte, arribaram a uma ilha deserta espaçosa e fertil; muitos d'elles alli ficaram. Pelo relatorio dos outros que regressaram a Carthago o senado os mandou matar para sepultar no esquecimento a lembrança d'este descobrimento. Na ilha do Corvo, a menos consideravel dos Açores, a quarenta graus de latitude norte, encontrou-se uma estatua equestre de pedra ou barro cosido, rodeada de inscripções, que se não poderam ler; mas a figura do homem vestido como os americanos mostrava com o dedo o Oceano como para advertir que havia mais longe, terras e homens. (João de Barros, *Historia das Indias*).

Pontifice.

Innocencio VIII, da familia Cibo, uma das mais illustres da Italia.

Ao fundo abysmo.

O projecto de Colombo encontrou muitos obstaculos, por con-

siderações que a ignorancia lhe oppunha, e entre outras, que proseguindo para o Occidente descia-se sempre, e quando se quizesse regressar a Hespanha seria impossivel.

Um rei que a ampare.

Colombo propoz o seu projecto a differentes côrtes da Europa.

Um rei ocioso.

Fernando III Imperador da Allemanha.

Opulenta Albion.

Nome que se deu á Inglaterra, por causa dos penhascos e rochas albacentas de que está rodeada.

Não fosse escravo.

Henrique VII rei de Inglaterra.

Cujas proezas.

Carlos VIII rei de França.

A rainha de Hespanha.

Isabel, Rainha de Castella, mulher de Fernando de Aragão, que tinha por seu primeiro ministro o cardeal Mendoza arcebispo de Toledo e S. Angelo, a quem deram *direitos ecclesiasticos* que o moveram a approvar os projectos de Colombo.

No mesmo dia.

Foi n'este mesmo dia que teve logar a batalha de *Santa Fé* (1492) em que os Mouros foram finalmente derrotados pelos Castelhanos, e que o projecto de Colombo foi approvado. O dominio d'este povo proveniente d'Africa durara em Hespanha 800 annos Cordova foi a sua capital.

Embarco em Palos.

Pylos ou Palos porto de mar de Andaluzia que passava por ter os melhores marinheiros; razão por que Colombo escolheu este porto para os seus preparativos. D'alli partiu na sexta-feira 6 de agosto de 1492.

Da Asia aos confins.

Tinham militado nas guerras da *Terra Santa*, que tanto tinham custado á Europa a tirar das mãos dos infieis os santos logares.

Canal estreito.

O estreito de Gibraltar, que communica o Mediterraneo com o Oceano.

Um alto monte.

O Atlas alta montanha de Africa no estreito de Gibraltar. Os poetas imaginaram que fôra um gigante que *Perseo* petrificou mostrando-lhe a cabeça de *Medusa*, e que Jupiter o encarregou de sustentar os céos sobre os hombros.

Famosas terras.

As *Ilhas Canarias*, ou Afortunadas, eram os campos Elysios dos Gregos.

Fogo volante.

O fogo chamado Santelmo, exhalação inflammada que se apega aos mastros e antennas. Os antigos davam-lhe o nome de *Helena* quando apparecia isolado; e Castor e Pollux quando appareciam duplicados.

Verde brilhante.

Na zona Torrida vêem-se muitas vezes nuvens côr de esmeralda; tambem ahi se encontram baleias; teem-se apanhado algumas nas Antilhas com mais de cem pés de comprimento. O padre Donaglia refere que no Chili as ha maiores que em outra qualquer parte do mundo, e tão grandes que algumas vezes as tomam por ilhas fluctuantes.

Columnas de agua.

As columnas de agua ou trombas são formadas por turbilhões de vento que elevam a agua á altura das nuvens; quando este acervo desaba sobre algum navio mette-o a fundo. Todos os viajantes falam d'este phenomeno.

Os liquidos corrompem.

As provisões dos navios corrompem-se passando a *linha;* e nas viagens prolongadas desenvolvia-se o escorbuto nos marinheiros.

Volateis que nas aguas se crearam.

No mar Atlantico ha peixes que voam e que são devorados pelas douradas e bonitos (peixes). O bonito tem a fórma de uma grande sarda ou cavalla; vêem-se saltar de onze a doze pés de al-

tura para apanhar estes peixes voadores, dos quaes o mar muitas vezes se vê coberto.

Dragões do mar.

O tubarão ou cão do mar, que devora os homens, mantém-se na foz dos rios, e tem sempre na sua esteira peixes que se chamam seus pilotos. Teem tres ordens de dentes muito agudos; as femeas trazem no ventre os filhos já formados; lançados ao mar nadam perfeitamente.

Funesto fructo.

A mancinella que se parece com a maçã de *Apis,* doce e de excellente cheiro, e que daria vontade de a comer se não se conhecesse o perigo. A sua arvore cresce á beira mar. Os peixes que comem este fructo morrem e tornam-se venenosos. As folhas e as cascas deitam um leite de que os caraibas se servem para envenenar as suas settas.

Serrano.

Hespanhol que em uma tempestade se poude salvar em uma ilha deserta perto da de Cuba onde viveu quatro annos exposto a todas as inclemencias do seu estado.—A auctora antecipa o seu naufragio, que só teve logar depois da descoberta da America; como sendo muito possivel que isso tivesse acontecido antes.

Siroco.

Euro vento de Este.

CANTO IV

Indica plaga.

A China é quasi antipoda das Antilhas.

O demonio Zamé.

No principio do primeiro canto a auctora suppoz que os demonios adorados no Mundo Novo eram os mesmos que debaixo de outros nomes tiveram altares no paganismo; assim não se deverá extranhar que o Amor seja aqui personificado. Satanaz para perder os humanos tem-se servido sempre de todas as paixões capazes de os seduzir.

Dido.

Enéas abandonou Dido em Carthago, cidade situada no littoral de Africa pouco longe de Tunis.

De Alcides as columnas.

Chamavam-se columnas de Hercules os montes de Calpe e Abila no Estreito de Gibraltar onde este heroe terminou as suas viagens.

Armida conduzira.

Armida com as suas artes magicas transportou Reinaldo a uma das Ilhas Afortunadas, hoje Canarias.

Sua armadura.

Os Indios tinham a habilidade de se fazer entender com o pincel representando objectos materiaes com a sua propria imagem. Os mexicanos desenharam os soldados de Cortez, armados e em ordem de batalha, bem como os seus cavallos, com uma acção de singular verdade.

Meu pae.

O pae da auctora tinha perto de cem annos, e vivia ainda sem

nenhuma enfermidade quando este canto se escrevia. A tranquilidade de sua alma, a sua frugalidade e seu esclarecido entendimento assemelham-n'o aos maiores sabios antigos.

Offerece uma dourada.

A dourada peixe de mar, abunda e é estimada nos mares da America. As suas escamas são douradas e azues.

Ave que do Iris veste as côres.

O papagaio era pouco conhecido na Europa antes do descobrimento da America.

A bussola.

A bussola foi inventada em 1260, outros dizem que em 1302. Sem o seu auxilio, não havendo quem ousasse atravessar o Oceano talvez que a America jámais se descobrisse.

O salitre.

A polvora foi inventada por *Berthold Schwartz* franciscano de Friburgo no anno de 1344. Diz-se que os Venezianos foram os primeiros que a empregaram contra os Genovezes.

O alphabeto inventou.

A invenção da imprensa é attribuida a João Mantel de Strasburgo. Em 1442 João Guttemberg, um de seus companheiros, a levou para Moguncia.

Do mar a Deusa.

Os Indios reconheciam além dos seus deuses tambem certas deusas, das quaes a principal era Tazi, isto é, a avó commum. Entre os mercianos a deusa da agua chamava-se Mahalcuia, e trajava uma camisa azul celeste.

CANTO V

A bussola declina.

Diz-se que a agulha declina quando se não dirige do Norte ao Meio dia, e se dirige á direita ou á esquerda o que se exprime por declinação Oriental ou Occidental. A declinação da agulha differe segundo as differentes paragens. Tambem varia algumas vezes no mesmo meridiano ou parallelo.

Choram de Fiesqui.

Vide a nota do canto I.

A falta de Forcetti.

Nobre veneziano do qual um descendente se tornou notavel nas guerras da Republica Veneziana contra os Turcos.

O Astrolabio.

Instrumento mathematico graduado e em fórma de esphera, descripta em plano. Servem-se d'elle para observar a altura do pólo e dos astros. Foi inventado no reinado de D. João II por dois medicos Rodrigues e José. Outros attribuem a descoberta a Martinho de Bohemia.

As duas Ursas.

Passada a linha não se vêem mais as duas Ursas. Acreditou-se sempre até ao presente que o céo austral era muito menos ornado de estrellas; mas o abbade de Caille, celebre por suas descobertas astronomicas, nas suas viagens ao Cabo da Boa Esperança, em 1753 observou mais de 9.000.

Cabeça humana.

Os historiadores referem que no tempo do Imperador Mauricio se viram no rio Nilo um homem e uma mulher marinhos fóra de agua por algum tempo. Em 1526 foi apanhado na Frisia um homem marinho que tinha muita barba e cabello. Tambem apanharam

outro no mar Baltico em 1531, que foi enviado vivo a Sigismundo Rei de Polonia. A auctora suppõe que o demonio tomou diversas fórmas para illudir os Castelhanos.

Em vaso que fluctue.

Colombo encerrou em um barril as memorias da sua navegação e descobertas para ser lançado ao mar em caso de perigo de vida.

Choupana de caniços.

Estes insulares para formar as suas casas plantam estacas em circulo a quatro ou cinco pés de distancia e collocavam por cima peças de madeira sobre as quaes firmavam barrotes, cujas pontas reunindo-se no alto formavam o tecto ponteagudo sobre o qual atavam caniços e folhas de palmeira, tudo ligado com uma especie de filaça forte e incorruptivel. Estas cabanas resistiam aos furacões que eram frequentes na Ilha de S. Domingos. (Charleroix, tom. 1, § 93).

Corisos.

Especie de coelho que os habitantes de S. Domingos comiam, bem como os macacos, papagaios, lagartos, e outros animaes dos quaes os Europeus teriam nojo.

Baccho e Ceres.

O trigo e a vinha eram desconhecidos na America antes do seu descobrimento.

Hespanhola.

Colombo abordou a um cabo da Ilha Hayti, á qual deu o nome de Hespanhola, e ao cabo o nome de S. Nicolau que ainda conserva. Está situado na ponta da ilha, da parte de Oeste. (Charleroix, tom. 1, pag. 32).

Innumeros insectos.

Os vermes lucidos das Antilhas são uma especie de escaravelhos; além dos dois olhos da cabeça teem mais dois debaixo das azas que lançam tambem uma grande luz. É o mais bello pyrilampo que, existe em toda a Natureza. Pode andar-se e ler-se á sua luz. Os Hespanhoes prendiam-os ás mãos e aos pés para caçar e pescar de noite. Diz-se que esta lucidez provém de um humor, e que

esfregando-se as mãos e o rosto com elle produz o mesmo effeito.

Dadivas.

Colombo chegando a S. Domingos apanhou uma India e vestiu-a de bella roupa, deu-lhe joias e a mandou em paz. Esta acção generosa conciliou-lhe a confiança dos habitantes. O Cacique Goacanarique, a quem isto se referiu, trouxe-lhe oiro, e lhe prestou grandes serviços. (Charleroix, tom. 1, pag. 90 e 95).

Os fogos de Procyon.

A Canicula.

Abion.

Vide a nota do canto III.

Promette-nos Ximenes.

Rolland, diz Ximenes, formou diversas conspirações contra Colombo. (Charleroix, tom. 1, pag. 154).

Innumeraveis cannas.

Os viajantes referem que se acham sob a linha cannas cheias de um liquido nutritivo que apaga a sede e a fome. (Canna do assucar).

Cacique.

Nome que os Indios davam aos seus Reis.

Maca de ouro ornada.

É uma especie de lençol de grossos fios de algodão de seis a sete pés quadrados, que prendem a duas arvores no campo, e a dois ganchos ou escapulas dentro de casa e serve de cama. Esta especie de leito dispensa colchões e cobertura. Quando se querem transportar dentro d'ellas prendem-na pelas pontas a uma longa vara que se apoia nos hombros de dois conductores.

CANTO VI

Hayti se chama.

A Ilha de S. Domingos chamada Hayti pelos Indios estava repartida entre seis soberanos chamados Caciques: Joacanarique, Joarioné, Macaté, Coanabó, Cibó e Vasconda sua irmã, que tinha outros caciques tributarios. (Charleroix, tom. 1, pag. 61).

Demodoco.

Foi cantor da corte do Rei Alcinoo da Ilha de Corcyra.

Nossos padres.

Os padres indianos que este povo supersticioso tinha por feiticeiros, medicos e adivinhadores, persuadiam-lhes que elles tinham intelligencia com os demonios, e lhes incutiam as idéas mais extravagantes ácerca da geração dos Deuses ou Zémés, e sobre a origem do mundo. Os Annaes do paiz transmittiam-se de paes a filhos por cantigas, porque não tinham escripturas nem coisa alguma que a supprisse.

Jasão.

Chefe dos argonautas.

Polymnestor.

Rei da Thracia, a quem Priamo tinha confiado durante a guerra de Troya seu filho Polydoro com muitas riquezas, e que o assassinou para gosar dos seus thesouros.

Danaë.

Filha de Acrisio Rei d'Argos, foi encerrada em nma torre por seu pae, para evitar morrer ás mãos do seu neto, como lhe tinha sido predicto.

Creso.

Rei da Lydia, celebre por suas immensas riquezas, que lhe sus-

citaram poderosos inimigos. Foi vencido e aprisionado por Cyro, e exposto sobre uma fogueira; mas a sentença de Solon que elle repetiu n'esta situação «Ninguem deve avaliar a sua ventura pelo presente, mas sim pelo fim» salvou-lhe a vida.

Ouro, Deus da Hespanha.
Histoire des Voyages, tom. XII, pag. 173.

Essa Rainha.
Isabel de Castella, mulher de D. Fernando.

Os pombos.
O indio lhe trouxe dois pombos, recebeu-os e pagou. Muito sinto, disse elle a seus companheiros, que elles não possam saciar a fome a toda a nossa gente e não posso resolver-me a comel-os só! E assim falando deu a liberdade áquellas duas aves.

Novo Ojeda,
Ojeda foi o primeiro que descobriu as minas de Cibó onde nasce o rio *Bonique*.

Um Pactolo.
O Pactolo rio da Lydia que revolvia areias de oiro.

Vasconda reina.
Vasconda Rainha do Xaráguá, onde é actualmente Léogane, recebeu magnificamente Colombo. As festas e os jogos duraram tres dias. Trezentos caciques, vassallos seus, honraram o festejo. Os Hespanhoes para pagar estes beneficios mataram-n'a (*Histoire des voyages*, tom. XII, pag. 6 e 66).

Encontra montanhezes.
Os caciques faziam-se conduzir sobre uma especie de palanquins por escravos de uma força e ligeireza extraordinaria.

Do Xaráguá o lago.
O lago do Xaráguá está a pouca distancia do logar em que hoje está Leogane.

Flores fructos.
Os Incas do Perú ornavam seus jardins com flores, fructos e folhagens de oiro e de prata.

Pincel germano.

Germain, celebre pela perfeição do seu cinzel e gravura das obras de ourivesaria que enviava para todas as côrtes da Europa e Asia; falleceu em 1754.

Escravos de continuo, etc.

Nos climas em que o calor é excessivo emprcgam-se escravos agitando continuamente grandes ventarolas para refrescar os ares e afugentar os insectos.

De sandalo brandões.

Pau odorifero das Indias onde se queimava, como faziam os antigos accendendo pinheiros, para lhe servir de archotes.

Coloridas cifras.

Os Indios conservavam a sua historia pela pintura e em hieroglíphos.

E por fios de perolas calculam.

Os Indios contavam servindo-se de grãos de milho de diversas côres enfiados em anneis cuja combinação lhes servia de livros e de registros.

A Aca.

Bebida muito estimada pelos Indios.

Em brando leito, etc.

A maca ou rede. Vide a nota do canto V.

Infinitas péllas.

Os Indios tinham a singular habilidade de arrojar ao ar as péllas por todas as partes de seu corpo tão seguramente como se o fizessem com as mãos.

De marmore o sabre.

Os selvagens aguçavam a pedra de modo que cortava como o aço.

Macaté, etc.

Havia no paiz a tradição de que antigamente fôra habitado por gigantes o Mexico. Leonel Vasser da sua viagem em 1677 pag. 367 refere ter visto no governo do Duque de Albuquerque ossadas

e dentes de uma grandeza prodigiosa, entre outras um dente com tres dedos de largura e quatro de comprimento.

Jogos floraes.
Havia em Roma jogos instituidos em honra de Flora, em que se praticavam excessos de toda a qualidade.

Mas a morte virá.
A maior parte dos Indios esperavam gosar depois de morrerem todas as felicidades que em vida tinham desejado.

CANTO VII

Paredes sem betume.
Os Indios cortavam as pedras com tanta habilidade e certeza que ficavam unidas, sem precisão de cimento; não tinham guindastes nem machinas para as transportar. Á força de braços erguiam bellos edificios, o que mal se poderia crer, se as ruinas que ainda existem, o não comprovassem.

Columnas de oiro massiço.
O oiro era tão commum entre os Indios, que até se acharam nos templos mexicanos e peruvianos estatuas de oiro; os muros e os tectos eram revestidos d'elle.

Em fórma de Atlas.
A auctora segundo o seu estylo erudito e methaphorico, quer dizer que no topo d'esta columna se achava collocada, a imagem do seu Deus, o qual suppunham que vigiava tudo com innumeros olhos á semelhança do antigo Atlas da fabula, idéa que a auctora exprime alludindo ao Argus da fabula.

Universal espirito.

Posto que os Indios adorassem muitos deuses, reconheciam comtudo um Deus supremo a quem attribuiam a creação do céo e da terra. Não tinham termo para designar esta Divindade.

A essencia aspiram.

Os Indios embriagavam-se com tabaco de fumo em longos cachimbos com tubos duplicados, correspondendo ás duas ventas, e os sonhos que esta embriaguez lhes causava eram o prognostico pelo qual regulavam as suas acções. Este povo supersticioso occupava-se muito da magia.

Raça indomavel.

Os habitantes de S. Domingos diziam que seus oraculos tinham adivinhado a vinda dos Hespanhoes, designando as suas figuras, que eram exactamente eguaes ás que os antigos lhes tinham transmittido. O Padre Acosta, Botero, e outros escriptores da mesma importancia, referem os factos seguintes. Alguns pescadores apanharam á beira de um lago do Mexico uma ave de um tamanho monstruoso que tinha na cabeça uma especie de lamina luzente em que o sol produzia um reflexo triste e temeroso. Fixando-se os olhos n'este singular espelho viam-se soldados desconhecidos bem armados que vinham da parte do Oriente, e que faziam nos Indios horrivel mortandade. A ave, até então immovel, evadiu-se repentinamente redobrando o terror dos Indios.

Como um fructo que a vista nos encanta.

A Mancenilha. Vide a nota do canto III.

Fiesqui.

Vide a nota do canto I e o fim do IV.

A régula de Sana.

A peninsula de Samaná, na ponta mais oriental da ilha de S. Domingos, era governada por uma mulher.

Rio Bonique.

O Bonique, hoje *Artibone*, o maior rio de S. Domingos, nasce perto da montanha de Cibó e correndo ao Oeste perde-se no mar do Mexico.

CANTO VIII

Sàbia Clio.
Musa que preside á Historia.

Os Durães.
Os antigos habitantes da ilha de S. Domingos e de Cuba eram como os Mayans, os Cibayanos, os Zains, os Baroffes, os Cayans e outras gentes; seus paes lhes modificaram os nomes, bem como os de seus caciques.

O vermelho que os tinge.
Este vermelho era tirado de uma planta chamada Urucu. Os Indios pintavam o seu corpo, desenhando com differentes côres serpentes e monstros de toda a especie para aterrar os seus inimigos.

S. Domingos.
Este nome foi dado pelos Hespanhoes ao Hayti por ser aquelle em que chegaram.

O famoso Epicuro.
Epicuro affirmava que os Deuses não se occupavam com o governo dos homens, e que a sua felicidade consistia em uma perfeita tranquilidade.

Estas bacchantes.
Eram as sectarias de Baccho, que no seu furor despedaçaram Pentheu e Orpheu.

Cuba que é sua patria.
A ilha de Cuba na entrada do golpho do Mexico é separada da Ilha de S. Domingos por um estreito de doze leguas.

Estes gigantes.
Vide a nota do canto VI. Tipheu filho do Tartaro e da Terra.

Arco enorme.

Havia Indios que usavam arcos de sete a oito pés de comprimento e flechas de cinco pés.

Lamentins.

Animaes aquaticos, communs nas Antilhas, parecidos no corpo com as baleias. Teem cabeça de vacca e são cobertos de um pello semelhante ás sedas de um porco branco. (Veja-se Buffon, *Histoire Naturelle* ou *Dictionaire d'Histoire Naturele*, n.ª do l.r)

Serpes monstruosas.

O crocodillo, caimão ou jacaré, especie de lagarto amphibio, é coberto de escamas, e armado de triple dentadura; perfuma o ar quando se lhe abrem as entranhas; a sua carne é delicada. Alguns viajantes asseguram que os ha tão grandes, que podem abranger entre as queixadas um homem da maior altura.

Tisiphone.

Uma das tres Furias da fabula.

Do prisma, etc.

Vidro triangular, com que Newton demonstrou que cada raio de luz é composto de sete côres na ordem seguinte: vermelho, laranja, amarello, verde, azul, roxo e purpura.

Esta Circe.

Circe, famosa feiticeira que reinava em Aea, ilha do *Mar de Sicilia.* Ulysses tendo alli abordado, os seus companheiros foram por ella metamorphoseados em animaes de differentes especies.

As locustas.

Locusta foi celebre pelos seus venenos; compoz o veneno de que morreu Britannico; e Nero a mandou matar por que este veneno não produziu o seu effeito assaz promptamente.

Bulhões tomara.

Godofredo de Bulhões chefe da Cruzada decretada no Concilio de Clermont no Auvergne, tomou Jerusalem em 1099.

Pizarro.

Vide a nota do canto I.

Semiramis.
Filha de Belo, Rei de Babylonia.

Penthesileia.
Rainha das Amazonas que soccorreu os Troyanos.

Centauros.
Monstros meio homens e meio cavallos filhos de Ixion e da Nuvem.

Pirrho.
Rei dos Epirotas, neto de Neoptolemo. Foi o primeiro que combateu os romanos com elephantes na batalha de Heracléa.

Um astro de perdidos.
O astro da tarde ou o planeta Venus que apparece ao pôr do sol.

Sua bebida derradeira.
Facto historico referido por Solis (tom. 1).

No abysmo arremesse.
Facto historico referido por Charlevoix, tom. 1, pag. 264.

Agudos dardos.
Facto historico referido por Charlevoix.

Em Xarâguâ.
Vide a nota do canto VI.

CANTO IX

E á velha Europa.

A auctora associando Hespanhoes, Inglezes, Italianos e Francezes na empreza de Colombo pensou que seria interessante para este Genovez que se soubesse não sómente o destino futuro dos Hespanhoes, mas o de toda a Europa e os progressos que fariam as sciencias a que se tinham applicado.

Os antigos não souberam.

Os antigos não conheceram a extensão e figura do globo terrestre. O Padre Virgilio foi condemnado como hereje em 748 por ter sustentado que havia antipodas.

Do que tu pensavas.

Colombo pensava que as ilhas que tinha descoberto eram a extremidade da India até onde Alexandre tinha chegado com as suas conquistas, e que não ficavam muito afastadas do Ganges.

Este mar desconhecido.

Vasco Nunes de Balboa atravessando para o isthmo do Panamá descobriu do alto de uma montanha o mar do sul em 1513.

Em breve um luso.

Vasco da Gama fidalgo da casa real do Rei D. Manuel, natural de Sines, descobriu o Cabo da Boa Esperança em 1497. Este descobrimento deu assumpto aos *Lusiadas* de Camões; famoso poeta portuguez fallecido em 1580 com a edade de 56 annos.

Não será respeitado.

Colombo encontrou incriveis difficuldades no seu estabelecimento na ilha de S. Domingos. As frequentes revoltas dos que estavam ás suas ordens o forçaram a tratal-os com severidade, o que lhe suscitou inimigos na côrte de Hespanha.

Um Toscano.

Americo Vespucio, florentino, partiu de Hespanha na frota de Affonso de Ozeda, em 1497, abordou ao Mexico, e pretendeu arrogar-se o descobrimento da terra firme que antes d'elle Colombo tinha tocado.

Ingrato a patria.

Depois de se ter justificado na côrte de Hespanha de algumas falsas accusações, Colombo padeceu uma nova desgraça. D. Francisco de Bovadilha foi enviado como governador a S. Domingos. Alli o mandou prender e a seus irmãos, e em ferros os mandou para Hespanha. O Rei e a Rainha sabendo a sua chegada ordenaram que os conduzissem á côrte com a maior consideração.

A tua alliança.

D. Diogo Colombo, filho mais velho de Colombo, casou com D. Maria de Toledo sobrinha do duque de Alba, e Isabel sua filha casou com D. Jorge filho natural do Rei de Portugal em 1527.

Maior Rei das Indias.

O Mexico que contém cerca de 600 leguas de comprimento desde o rio Xagre no isthmo de Panamá até ao rio do Norte que entra no Mar Vermelho, era governado por monarchas differentes.

Neto do sol.

Os Indios julgavam-se descendentes do sol; é assim que se nomeavam os Imperadores do Perú, desde que o Inca Mango Capaca fez edificar Cusco em 1125. Estes povos adoravam o sol.

Ambicioso nauta.

Fernando de Magalhães, portuguez, descobriu em 1520 o Estreito que conserva o seu nome, e passou ás Ilhas Filippinas onde morreu envenenado.

Um Ercilla virá.

D. Alonzo d'Ercilla fidalgo da côrte do Imperador Maximiliano que tomou parte na Batalha de S. Quintino, percorreu a Europa e esteve na Inglaterra d'onde partiu para o Chily.

Do Potosi.

O Potosi é a montanha mais rica de ouro que ha nos confins

do Chily e do Perú. As suas minas foram descobertas pelos Hespanhoes guiados pelo Indiano Guança.

Victimas novas.

Vão-se comprar negros para a exploração das minas nas costas da Guiné em Africa.

A febre ardente.

A quina, especifico contra a febre, foi trazida pelos Jesuitas para a Europa onde se vendia a peso de oiro.

Roma compassiva.

Alexandre VI para prevenir as questões que poderiam levantar-se entre as corôas de Hespanha e Portugal ácerca dos novos descobrimentos, fez traçar em 1493 a celebre linha de demarcação.

Outro nauta.

Pedro Alvares Cabral descobriu a região do Brasil em 1502 aonde foi arrojado por uma tempestade.

De Ophir o novo mundo.

Bochart diz que ha duas terras de Ophir, uma na Arabia d'onde David fez vir grande quantidade de oiro, e outra na India á qual Salomão enviou suas frotas.

Se este clima.

Na America septentrional os Inglezes possuiam (no tempo da auctora) a Florida, a Virginia, a Carolina, a Nova Inglaterra, etc. A grande região do Mississipi e o Canadá pertenciam aos Francezes.

Bretões.

Por este nome designam-se os Inglezes.

Na caça.

A caça de que os habitantes do norte da America se occupam constitue um grande commercio de pelles.

Copiosa pesca.

Faz-se pescaria de bacalhau nos bancos da Terra Nova á bocca do rio S. Lourenço e nas ilhas do cabo Breton.

No Archipelago.

Um archipelago é um agrupamento de ilhas. Os antigos só conheciam o archipelago do mar Egeu. Depois descobriu-se o do Mexico, o das Maldivas onde ha mais de 1.200 ilhas, o das Filippinas onde se contam 1.100, o das Molucas e as Celebes, etc.

Maná suave.

A canna do assucar cresce até á altura de cinco pés, e divide-se por gommos, de cinco pollegadas, cheios de uma medulla branca da qual se faz o assucar.

O Hybla.

É um monte da Sicilia abundante em tomilhos e excellente mel.

Um seu rival reunirá, etc.

Carlos V rei de Hespanha eleito Imperador em 1519 depois da morte de Maximiliano, seu avô, governou ao mesmo tempo o Imperio, a Hespanha, os Paizes Baixos e uma parte da Italia.

Valois captivo fica.

Francisco I, cognominado Restaurador das Sciencias, depois de varias conquistas na Italia, sitiou Pavia, onde ficou prisioneiro em 1525. A sua prisão em Madrid durou um anno.

Do Papa a auctoridade.

Leão X e Francisco I fizeram uma concordata em Bolonha, em 1515, segundo a qual a eleição dos Beneficios foi abolida.

Um rei Bretão.

Henrique VIII rei de Inglaterra, não tendo alcançado do Papa a annullação do seu casamento com Catharina de Aragão para esposar Anna Bolena, uma das filhas da Rainha, o fez annullar por Thomaz Crammer arcebispo de Cantorbery em 1533. O Papa excommungou o Rei que se separou da Egreja romana.

De Henrique a filha.

Maria, filha de Hentique VIII, Rainha de Inglaterra, esposou Filippe II rei de Hespanha.

A irmã lhe succede.

Isabel, filha de Henrique VIII e de Anna Bolena, succedeu a

Maria e restabeleceu a religião Anglicana. Tendo-se os Escossezes acolhido á sua protecção fez prender Maria Stuart sua Rainha e mandou cortar-lhe a cabeça no dia 8 de fevereiro de 1587.

Seu esposo reinou.

Francisco II rei de França que desposou, sendo Delphim, Maria Stuart Rainha de Escossia.

A seus irmãos.

Carlos IX filho de Henrique II ordenou a carnificina de 24 de agosto de 1592 denominada de S. Bartholomeu. Seu irmão Henrique III que lhe succedeu foi assassinado em S. Cloud em 1589 por um fanatico.

Sua mãe, etc.

Catharina de Medicis viu reinar tres de seus filhos successivamente.

Arme e inflamme.

Em 1517 Luthero religioso Augustiniano prégou em Wurtemberg contra o abuso das indulgencias e do poder do Papa.

Um sabio rival de Ptolomeu.

Nicolau Copernico nasceu em Thorn, na Prussia em 1473 e publicou o seu systema do sol immovel, e do movimento da terra, em 1515, contra a opinião de Ptolomeu, que colloca a terra immovel no centro do Universo, volteando o sol e os planetas em torno em céo crystallino.

Novo Apollo em Roma.

Torquato Tasso auctor da celebre *Jerusalem Libertada*, nasceu em 1544, em Sorrento no reino de Napoles, e morreu em Roma na vespera de ser coroado poeta em 1595.

Que Bulhões conquistou.

Vide a nota do canto VIII.

Rival de Salomão.

Salomão fez edificar em Jerusalem o famoso templo descripto no Velho Testamento.

Um outro templo.

A egreja de S. Pedro de Roma é o mais soberbo edificio que se tem construido no mundo. Bramante sob Julio II, e Miguel Angelo sob Paulo III, foram os seus principaes architectos.

Se este monstro, etc.

Ravaillac com o pretexto da Religião assassinou Henrique IV

Genio insigne.

M. de Voltaire (Henriada).

O seu heroe, etc.

Carlos XII rei da Suecia cuja vida escrevera Voltaire.

Fáz reinar um Rei.

Estanislau, Rei de Polonia, e Duque de Lorena.

Nunca o vencedor, etc.

Pedro I Imperador da Russia passou dezoito mezes incognito na aldeia de Sardam ao norte da Hollanda para apprender a construcção naval.

Polar Princeza.

Christina, Rainha da Suecia succedeu a seu pae Gustavo Adolpho e governou com muita prudencia, abdicando em 1654. Depois retirou-se para Roma attrahida pelo amor da sciencia.

Sabio illustre.

Descartes, natural da Touraine, por seu merecimento foi chamado á côrte da Suecia pela Rainha Christina, morreu em Stockolmo em 1640 na edade de 50 annos.

Com o crystal.

O oculo ou telescopio do qual Galileu primeiro se serviu em Florença.

Um sabedor bretão.

Isaac Newton nascido na provincia de Lincoln em Inglaterra em 1942 e fallecido em 1727. Aos 27 annos já tinha publicado os *Principios de Mathematica* e o *Tratado de Optica.*

Bacon.

Francisco Bacon Chanceller de Inglaterra fallecido em 1626 com 66 annos de edade, era bom jurisconsulto, historiador e poeta.

Lokce.

João Lokce fallecido em 1704, celebre pelo seu ensaio sobre o entendimento humano e ensino das creanças.

Addison.

José Addison compoz poesias em inglez e latim que lhe adquiriram o titulo do mais bello genio da sua nação.

Shakespeare.

Guilherme Shakespeare, poeta, tragico e comico, considerado o Corneille dos Inglezes, falleceu em 1616.

O grando Milton.

João Milton, nascido em Londres, compoz varias obras em latim e em verso italiano. Chegando aos 52 annos concluiu o seu poema do Paraizo Perdido segundo o plano que elle tinha concebido na mocidade. Falleceu em 1674 na edade de 66 annos.

Cantor do Eden.

Milton prestou a sua penna a Cromwel para fazer a apologia do supplicio de Carlos I.

A seu Principe.

Cromwell que reinou com o nome de Protector e falleceu em 1658. Seu filho o substituiu e foi deposto por incapaz no mesmo anno.

Celebre ministro.

Armando du Plessis, Cardeal de Richelieu, primeiro ministro de Luiz XIII, fallecido em 1642.

Bragança eleva.

Á casa de Bragança que foi inhibida de reinar durante 60 annos, foi restituido o throno em 1640 na pessoa de D. João IV Duque de Bragança cuja descendencia governa ainda em Portugal.

A Luiz succede o filho.

Luiz XIII, fallecido em 1643; seu filho Luiz XIV denominado o Grande, nascido em 1638 succedeu-lhe no throno.

Um Sylla.

Luiz de Bourbon denominado o *Grand Condé*, que é comparado a Sylla pelo seu talento guerreiro e gosto pelas lettras e não menos pela conspiração que formou contra o governo na menoridade de Luiz XIV; morreu em Chantilly em 1686.

Outro Catão.

Turenne, fallecido em 1675, que pode com justa razão ser comparado a Catão o Censor por suas brilhantes acções e sabedoria. Turenne só se exprobrava de passar um dia sem apprender alguma coisa, de ter communicado algum segredo a sua mulher, e de ter viajado por mar quando o podia ter feito por terra.

Outro Mecenas.

Colbert, ministro, fallecido em 1683 com 64 annos de edade.

Lutecia.

Nome que os Gregos e os Latinos davam antigamente á cidade de Paris.

Amphião.

João Baptista Lully, fallecido em 1687 com 54 annos de edade.

Sophocles moderno.

Pedro Corneille, denominado o Grande, fallecido em 1684 com 78 annos de edade.

Euripides rival.

João Racine, fallecido em 1699, com 59 annos de edade.

E Anacreonte.

Guilherme Amprie, abbade de Chaulieu, fallecido em 1720, com 84 annos de edade.

Demosthenes.

Joaquim Benigno Bossuet, Bispo de Meaux, fallecido em 1704, com 76 annos.

Esopo.

João de Lafontaine, fallecido em 1695 com 74 annos.

Aristophanes.

João Baptista Pocquelin de Moliere, fallecido em 1673 com 53 annos.

Vitruvio.

Carlos Perraut, fallecido em 1703 com 76 annos.

Praxiteles.

Francisco Girardon, nascido em Troyes, na Champagne, fallecido em 1715 com 88 annos.

Saphos.

M.me Deshoulieres, fallecida em 1694 com 60 annos; M.me Dacier, fallecida em 1720 com 69 annos.

Zeuxis.

Carlos Le Brun, fallecido em 1690 com 72 annos.

Um Cesar.

Cesar, duque de Vendôme, nascido em 1654, fallecido em Hespanha em 1712.

Zenobia.

Maria Theresa d'Austria, filha de Carlos VI, Imperador, unica herdeira da casa de seu pae, esposa do Duque de Lorena, eleito Imperador em 1745.

Um monarcha.

Frederico Guilherme, Rei da Prussia, fundou em Berlim uma academia. As leis que mandou redigir e a que deu o nome de Codigo Frederico, e o seu regulamento militar foram adoptados por uma parte das potencias da Europa.

Lycurgo.

Legislador de Lacedemonia.

Urania.

A Marqueza du Chatelet que muito cedo se finou em Lorena 1749.

Outro Euclides.

Põe-se aqui Euclides no singular como representando muitos

outros: Nicole, Maison, de Montigny, Fontaine, Clairaut e Dalembert disputaram a honra de illustrar o nosso tempo. Este ultimo immortalisou-se particularmente com o prefacio da Encyclopedia, obra de uma grandiosa empresa, na qual Diderot, de Joncourt, Duclos, Marmontel, Wetelet, etc., dão á porfia provas do seu talento e sagacidade.

Pindaro.

João Baptista Rousseau fallecido em 1741 com 72 annos.

Luciano.

Fontenelle, tão celebre pela amenidade dos seus costumes como pelas suas obras, e que gosava ainda aos 100 de um espirito extremamente agradavel e gracioso.

Eschylo.

Crébillon que vivia no tempo da auctora e tinha 80 annos.

Phidias.

A França possuia no tempo da auctora não só os melhores esculptores da Europa, como Bouchardon, Pigale e le Moine, mas tambem os melhores pintores, como Wanloo, Pierre e Boucher, etc.

Deu paz ao mundo.

A paz d'Aix-la-Chapelle em 1745, eterno monumento da moderação de Luiz XV. Este monarcha deu novo exemplo de moderação, não tomando de novo as armas sem primeiro ter tentado todos os meios para manter a paz da Europa.

Valoroso povo.

É sabido quanto os Principes de Wurtemberg e muitos outros senhores se distinguiram na tomada de Minorca.

Anatomia.

Ninguem levou tão longe a arte cirurgica, como os srs. Morand, Pibrac, Petit, etc.

Força electrica.

Descobrimento moderno em que se distinguiram Dalibar, de Lauré e Nollet.

Archimedes.

Buffon, geralmente conhecido pelo seu syslema do mundo, historia natural, e pela invenção de um espelho ustorio que prova a possibilidade do espelho de Archimedes.

Prometheu.

Vaucanson, celebre pelo seu talento em mechanica, e pelo seu automato flautista.

O tumulo te guarda.

Christovam Colombo, fallecido em Valladolid em 1506 foi sepultado na egreja da Cartuxa de Sevilha.

CANTO X

Berezillo feroz.

Cão famoso nos combates, teve a recompensa dos besteiros emquanto viveu, foi o terror dos inimigos e acabou gloriosamente. Tendo feito os Caraibas uma invasão na ilha, os Castelhanos com os seus dogues os destruiram em grande parte; o resto evadiu-se nas suas canoas. Este bravo cão perseguia-os a nado; mas approximando-se de uma canoa foi morto por uma flechada. A sua memoria conservou-se por muito tempo nas Indias onde os Hespanhoes lhe ergueram um monumento.

Eclypsará o vosso Deus.

Sabendo Colombo que em breve teria logar um eclypse, reuniu os caciques e lhes annunciou que dentro em pouco os seus inimigos teriam um terrivel exemplo da vingança do Deus dos Hespanhoes. «Para prova do que lhes digo, continuou, vereis appare-

cer o sol em todo o seu explendor, subitamente obscurecer-se, e privar-vos da sua luz; e será isto apenas um prenuncio das futuras desgraças que vos estão reservadas». A realisação da sua prophecia fel-o passar por um Deus.

ERRATAS

CANTO I

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
3	21	Julio Borras	Julio, Borras
3	22	O vil Ximénes,	O vil Ximénes;
5	3	Sentindo falta	Sentindo a falta
5	26	Pululam	Pullulam
8	11	Discreção	Discrição
12	3	Para lingua	Por seu lingua

CANTO II

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
20	2	No ar que a cerca,	No ar que o cerca
20	17	E duas	E em duas
21	19	Reune	Reune;
22	2	Prazeres	Prazeres;
22	23	Formando os laços	Cerrando os laços
23	26	Que não tenha seus altares	Algum a que aras não levantem.
24	11	Prosperos	Lucidos
25	14	O rigor não vedasse	O rigor não lh'o vedasse

CANTO III

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
37	5	Para premio	Para o premio
48	1	Duvido	Duvides
49	23	Guia	Chefes
49	28	De perigos resguarda	De perigos o resguarda

CANTO IV

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
55	9	Tenções	Intenções
63	26	Descobri	Descobrir
63	23	Pude	Pode
71	3	O seu socego etc.	Recupera Colombo o seu socego,

CANTO V

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
78	20	Ao tropico	aos tropicos
79	1	Equilibra;	equilibra,
80	2	Exploram.	exploram,
80	13	Lhe exaspera	lhes aggrava
80	23	Embriaga	embriaga
80	24	Delirante.	Delirante,
81	4	Selvahem.	selvagem,
82	5	Grava	escreve
84	2	Premiada,	premiada;
84	5	Afugentara,	afugentara;
85	15	Encanta e alenta	encanta, alenta

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
86	12	Estancia,	estancia;
86	13	Divagaram	Divagando,
86	24	Risadas,	risadas,
87	6 e 7	Substitua estes dois versos pelos seguintes:	Revendo Marcoussy pensa Colombo Que o seu destino mudará d'aspecto.
87	10	Depois d'este verso accrescente o seguinte verso:	Dos bravos, que a bandeira sua erguem;
87	10	a sorte fixa:	sorte fixa
87	16	Projetos,	projectos;
89	6	E seu terror	O seu terror
91	24	Em vez d'este verso leia-se:	Em clamorosos brados repetidos:
92	18	Appellidaram,	Appellidavam
92	23	Substitua pelo seguinte:	E um carcaz formosissimo lhe offerece;

CANTO VI

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
98	8	Substitua por:	Que os rios são da terra o sangue e as veias,
99	24	Do que	Que
99	26	Depois d'este verso accrescente:	Emfim, já sem o minimo receio,
100	2	O enlevo	N'o enlevo
100	4	Mostras	vê-se
100	24	Penava	languece
104	5	Como o outro	Como o outro etc.
104	15	Para o Occidente	Para o Occazo.
106	10	Adorna.	adorna,
113	3	Nós	Vós
113	11	Qui	aqui
114	5	Dize-me	Diz-me
114	8	Esperar, que	esperar que

CANTO VII

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
117	19	Huscá	Huscar
119	5	Tudo que existe	Tudo o que existe
121	20	Zomba;	Zamba,
129	16	Não poderia	Em vão podéra.
131	23	Me verão	Os verão

CANTO VIII

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
134	15	Duros	Durós
135	9	Para o	Para os
136	12	Sceptros	Chefes
137	23	Natureza,	natureza;
137	24	Seu carro a agilidade	Ligeireza é seu carro
137	25	Urros;	urros,
138	6	Cayaens	Cayens
141	4	Que hão de o Eterno encontrar sempre a seu lado.	Que o Deus encontrarão sempre a seu lado.
146	30	Mas, mais feroz do que	Porém feroz como etc.
147	19	Repulsa	repelle
148	2	E no profundo averno	e ao profundo averno

CANTO IX

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
151	23	Não podia	era impossivel
153	11	Gosando!	gosando?

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
153	23	Cruel,	cruel
160	24	Esgote Iberia	Esgote a Iberia
164	19	Abrasa a terra	Tudo abrasa

CANTO X

PAG.	VERSO	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
175	11	Do céo	Ao céo
177	10	Iscar,	Iscá,
178	10	Iscar	Iscá
178	13	Iscar	Iscá

INDICE